

NOSSOS COLONIZADORES
AFRICANOS

Presença e tradição negra na Bahia



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

Naomar Monteiro de Almeida Filho

VICE-REITOR

Francisco José Gomes Mesquita



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DIRETORA

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

SUPLENTE

Alberto Brum Novaes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

Armindo Jorge de Carvalho Bião

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo

ILDÁSIO TAVARES

NOSSOS COLONIZADORES
AFRICANOS

Presença e tradição negra na Bahia

2^a EDIÇÃO

SALVADOR
EDUFBA
2009

© 2009, by EDUFBA.

Direitos de edição cedidos à Editora da Universidade
Federal da Bahia

Feito o depósito legal

REVISÃO: Ildásio Tavares

criação e editoração: Jeferson Bezerra.

CAPA: Jeferson Bezerra

SISTEMA DE BIBLIOTECAS – UFBA

Tavares, Ildásio, 1940-

Nossos colonizadores africanos : presença e tradição negra na
Bahia / Ildásio Tavares ; [prefácio de Muniz Sodré] – 2. ed. – Salvador:
EDUFBA, 2009.

172 p.

ISBN 978-85-232-0584-3

1. Civilização - Influências africanas – Bahia. 2. Negros na literatura.
3. Negros – Bahia – Usos e costumes. I. Sodré, Muniz, 1942- II.
Título.

CDD - 305.8098142

EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia

Rua Barão de Jeremoabo, s/n – Campus de Ondina

40.170-115 Salvador – Bahia – Brasil

Telefax: 0055(71) 3283-6160/6164/6777

edufba@ufba.br — www.edufba.ufba.br

Para Yeda Pessoa de Castro
Para Vivaldo Costa Lima
Para Waldir Freitas Oliveira

No tocante às operações da mente, é estranho observar que, apesar de nos serem tão íntimas, sempre que se tornam objeto de reflexão, parecem envoltas em obscuridade...

David Hume

SUMÁRIO

II	PREFÁCIO	
15	INTRODUÇÃO	
21	A TRADIÇÃO SAGRADA	
	A CONSTITUINTE E AS RELIGIÕES NEGRAS	23
	TUTU OR NOT TUTU	29
	O ESCRÍNIO SAGRADO NA TRADIÇÃO	34
	CANTIGA DE SOTAQUE	40
	MIMETISMO OU SINCRETISMO?	46
	ESTRELA AZUL, MÃE STELLA	50
	MEMORIAL DE MÃE MENININHA	54
	DO PASTICHE À PROFANAÇÃO	58
	VAMOS BAIANIZAR A ÁFRICA	62
67	A COR DA TRADIÇÃO	
	PRESENÇA NEGRA NA BAHIA	69
	ABOLIÇÃO, LIBERTAÇÃO OU CHOQUE?	83
	ABOLIÇÃO À LUZ DA REFLEXÃO	89

SEM DESALIAÇÃO NÃO HÁ ABOLIÇÃO	94
NOSSOS COLONIZADORES AFRICANOS	100
A QUESTÃO DA COR NO CENSO	104
RACISMO NO PALCO	107
NELSON MANDELA NA BAHIA	112
QUE VIVA ZUMBI EM TODOS NÓS	115

II9 TRADIÇÃO, ENGENHO E ARTE

O NEGRO NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA	121
DE POETAS E POETAS NEGROS	136
WADERS, NÃO WAILERS	140
MAIS UM, OLODUM	143
A NOVA MÚSICA BAIANA	147

PREFÁCIO

O NEGRO AO NEGRO

*O negro precisa ser devolvido ao negro.
O Brasil precisa ser devolvido ao Brasil*

Este enunciado talvez sintetize a linha-mestra dos escritos de Ildásio Tavares reunidos neste volume. Ildásio, bem o sabem seus conterrâneos e amigos, é regido pelo prefixo *poli*: polimorfo, polígrafo, o que quer designe multiplicidade e o faça mais político na clássica acepção grega de cidadão perfeitamente integrado na *polis* e, por isso, feliz. Poeta, romancista, letrista, libretista, professor, articulista, Ildásio é, antes de tudo, filho da Bahia.

É o sentimento forte de pertencimento ao território que o leva a debruçar-se com paixão, mas também com lucidez, sobre traços que singularizam a Bahia. Que traços? Aqueles, eu diria, que reiteram mnesicamente a tradição negro-africana de uma ordem comunitária e pluralista; aqueles que, através do que se pode chamar de “grupo-de-terreiro”, constituem o território psíquico de transicionalidade e transformação da identidade escrava, por independência simbólica, em seu nível mítico-religioso.

Estamos falando, claro, da comunidade litúrgica, dita “terreiro”, dita “candomblé”, pelo povo. É mesmo o assunto principal destes textos em que Ildásio ataca, louva e celebra o que bem merece no

Prefácio

universo direta ou indiretamente relacionado com os cultos da tradição nagô-ketu.

O *mood* dos artigos é, como o da poesia de Ildásio, agressivo. Isto, aliás, já foi ressaltado muito tempo atrás pelo saudoso Otto Maria Carpeaux, quando disse gostar da poesia de Ildásio, exatamente por ser agressiva: “Ildásio realiza uma das poucas funções que hoje restam à arte: agredir, porque isso nos inspira uma esperança contra a imago deste mundo e de sua atualidade”.

Nossos
Colonizadores
Africanos

Bom, não se confunda agressivamente com agressão. A primeira, ao contrário da hostilidade destrutiva, é disposição espontânea de quem está vivo, é a atitude de enfrentamento que se perfaz no *agon* da realidade, necessária à regulação da vida. Algo como o “jogo viril”, tão familiar a quem gosta de futebol.

12

De tal jeito conduz-se Ildásio no campo das palavras. Ele sabe e já versejou que a “galinha sacode o medo em cacarejo”. Logo, quando é o caso, canta de galo.

Está consciente e já versejou que “o pavão faz burguesia nos quintais”. Por isso, sua prosa não afeta o pedantismo *cool* dos exegetas do óbvio.

Está igualmente atento para o perigo da indiferença das elites dirigentes, dos intelectuais que sonham em tempo integral com a Europa, em face da realidade convulsiva do território. Bem versejou: “O papagaio sacode indiferença em passo parvo no poleiro”.

Na prosa deste volume, o poeta e o ensaísta caminham juntos não porque se pense em imagens

ou se reja pela métrica, mas pela mesma perspicácia contundente divisada por Mestre Carpeaux. Ildásio sabe e deixa claro que o melhor do vigor original da terra baiana, da História brasileira, revela-se na *Polis* chamada terreiro. Negro equivale a Brasil, o Brasil precisa ser devolvido a si mesmo, é o que enfatiza Ildásio. E, como “político”, toma partido, participa em textos que aproximam as palavras saber e sabor.

Mas ele não faz grandes ilusões. Vale lembrar W.H. Auden: “Our apparatnikis will continue making/the usual squalid mess called History:/all we can pray for is that artists,/chefs and saints may still appear to blithe it”. Ou seja, só artistas, cozinheiros e santos podem alegrar essa “sórdida bagunça” chamada História.

Ildásio faz o possível.

Prefácio

13

Muniz Sodré

INTRODUÇÃO

Em *Reflexões sobre o racismo*, Sartre ressaltava o fato de que os negros tinham-se mostrado capazes de expressar sua problemática existencial em poesia, enquanto os operários ainda não tinham correspondido ao mesmo desafio. Lamentava, frisando que somente os que sofrem na carne um problema podem expressar com os devidos matizes os seus sentimentos. O mais seria paternalista e falso, portanto, ou, na melhor das hipóteses, diluído, por não revelar uma vivência pessoal do autor. Essa posição serve para caracterizar as coisas nos estudos literários por um prisma redutivo. Literatura negra seria apenas feita por negros. A literatura feita por brancos sobre negros seria descartada, mesmo que fosse pungente e forte.

Sectarismo à parte, uma restrição como essa seria operacional em alguns sentidos. Primeiro, evitaria que certos escritores de pouca monta e caráter pongassem no movimento negro para haurir prestígio por alugarem a pena a uma causa simpática, esses haveriam de, no passado, terem-se empenhado em outras searas que lhe tivessem rendido polpudos dividendos de glória – há os que até fizeram poemas em louvor à Transamazônica. Agora, no Brasil, está na moda o negro, dá Ibope e celebração. A temática negra não é mais apenas assunto para a folclorização; campo reles de pesquisa barata que só

dá trabalho. Agora a coisa está boa. Surgem os negristas, impavidamente mais negros que os próprios negros; astuciosamente ensinando os negros a serem melhores negros; definindo-lhes uma ideologia retintamente negra – como estão aí os peagadéticos, simpaticíssimos, mascando sorrisos como chicletes (sem bananas) e sendo recepcionados pelos colunáveis, já adivinharam, os brazilianistas, esses que vieram para nos ensinar nossa história; e porque tudo deu no que está aí. Sem eles, que seríamos? Apenas “spics”, inexoravelmente “spics”. Se hoje continuamos “spics”, sabemos também que o somos, e que tudo que somos devemos aos infatigáveis e altruístas brazilianistas que vieram para cá nos ensinar a jogar pingue-pongue, para nos fazer o grande favor de nos vender raquetes, além de nos definir, nos brindar com a mais perfeita sabatina de autoconhecimento, pois sem os brazilianistas jamais seríamos brasileiros, ou será que invertei as coisas?

Os negristas não são muito diferentes. Impõem-se, frequentemente, por um extremado radicalismo, conquistando a confiança dos negros inapelavelmente, vez que conseguem defender os negros de seus figadais inimigos brancos (menos eles próprios) muito melhor que os negros mesmos. Desta forma, conseguem também convencer os negros de que estes são uma minoria e como tal devem lutar, quando todos sabem que, aqui no Brasil e mormente na Bahia, os negros são a mais estúrdia maioria, e é nessa condição que devem agir, lutar e reivindicar,

vítimas maiores da injustiça social que nessa terra grassa desde que foram alçadas como presa aos olhos europeus.

Dividir para conquistar. Isso é tão velho. Agrupando os negros seletivamente pela cor, os negristas estão seccionando o tecido social, exaurindo a força e capacidade de mobilização das massas oprimidas do Brasil; distanciando os pretos de seus verdadeiros irmãos – a que estão muito mais atados pelo destino à fatalidade sócio-econômica do que pela coloração da pele. Cria-se também um falso elitismo que eleva à superioridade os retintos, os “tintas fortes”, e os segrega da maioria mestiça. Conheçam-se de pele escura e assim se mobilizem até. Mas lutem e reivindiquem dentro de suas classes, de acordo com a problemática de cada uma delas, pois essa é a única solução.

O arbítrio só faz exacerbar os preconceitos, a intolerância, a discriminação. A luta pela Democracia Total é de todos. Nela, seguramente, irão desaparecer essas fronteiras ridículas. Vejo com tanta alegria tremular as novas bandeiras de todos as cores no céu azul da Bahia. Vejo o raiar de um novo tempo. E vos incito a pensar, negros da Bahia. Vos incito a toda a gama do Memorar – ou não é Memória a rainha das deusas? Vale, pois, co-memorar, já o disse e repito cem vezes, pois quer dizer lembrar juntos. A reflexão será mais densa; o vetor irá e voltará com mais empenho; a recolha será mais prestimosa se nos unirmos no processo de reflexão – aqui, no úte-

ro do negrismo brasileiro, tanto como na Serra da Barriga – berço do mais belo sonho. Co-memorar, re-memorar, nem que seja para deixar cair mais uma lágrima nesse chão brasileiro já delas tão aljofrado. Oblívio não. O manto do esquecimento vem sempre na mão de um deus cruel e cínico. Vem secar a ferida para que se possa outras abrir.

Portanto, sejais, negros que ora me escutam, cada vez mais donos de si mesmos. Ocupai vossos espaços. Poetai vossa poesia. Prosai vossa prosa. Pesquisai vossas pesquisas. Vós, negro brasileiro, já não sois mais apenas um bicho do mato, um chofer de fogão, uma besta de carga. Sois membros atuantes de uma sociedade que se quer pluralista e democrática. Ninguém melhor do que o negro poderia aquilatar a sua sorte. Ninguém melhor do que o negro sabe o que o negro sente. O que o negro quer. Ninguém melhor do que o negro saberá escrever sobre o negro; dissecar o sofrimento do negro. Não permitais que aventureiros lancem mão de vossos espaços; manipulem vossas lideranças. Reflitais sobre esses séculos de opressão. Vereis então porque vossa sorte ainda não melhorou. Porque não pudeste ascender pelo único veículo de que dispuseste – o trabalho.

Sabereis então, melhor que qualquer negrista, a verdade meridiana da exploração do homem onde o negro foi colocado um dia na base da pirâmide e não deixaram que ele cumprisse a escalada. O negro precisa ser devolvido ao negro. O Brasil precisa ser devolvido ao Brasil. Precisamos comemorar nossas

datas certas. Precisamos celebrar nossos verdadeiros heróis e um dos maiores deles é, sem dúvida, Zumbi dos Palmares, mártir da liberdade como foi Tiradentes, como foi Joana Angélica, como foram Padre Miguelinho e Frei Caneca, como foram Lamarca, Vladimir Herzog, Stuart Angel e esse ilustre baiano Carlos Marighela, todos mártires que sacrificaram sua vida pela liberdade do povo brasileiro, para que

Introdução

podéssemos ter orgulho de nascer no Brasil. Esses é que são nossos genuínos santos. A eles minha saudação nessa data magna do negrismo brasileiro: 300 anos de Zumbi.

¶ A TRADIÇÃO SAGRADA

A CONSTITUINTE E AS RELIGIÕES NEGRAS

A liberdade de religião ou culto foi assegurada na Constituição de 1946 por iniciativa do deputado comunista, por São Paulo, Jorge Amado. Quando o fez, tinha em mente exatamente as religiões negras, cuja perseguição acompanhou de perto e até descreveu em alguns romances. O envolvimento desse notável escritor com religiões negras da Bahia vem de sua adolescência. Atualmente, além de Ogan, ministro leigo de vários terreiros, Jorge Amado é Obá Arolu, ministro de Xangô, do Axé Opô Afonjá. É inegável sua atuação na defesa das religiões negras da Bahia, prestigiando-as, difundindo sua beleza, entronizando em seu lugar devido as grandes figuras negras de nossa história que não constam nos manuais oficiais e que somente agora começam a merecer memórias com apoio interessado de televisões estrangeiras.

Mas uma constituição pode ou não ser obedecida. A religião católica não é mais a religião oficial por força constitucional. Mas por força de hábito o é. Consegue censurar filmes e até colocar crucifixos em locais estrategicamente oficiais, discriminação contra as outras religiões cristãs que não cultuam ídolos. Para não falar nas religiões negras, acoi-madas de seitas, de cultos bárbaros, primitivos, de animistas, de fetichistas. Quando não de feitiçaria,

de bruxaria, de práticas demoníacas – logo uma religião em que não existe a figura do demônio; uma religião sem maniqueísmo.

Esse privilégio da pureza das religiões brancas é que gera preconceitos de negros contra os negros, como o que teve o Bispo Tutu, contra o Candomblé, ao vir à Bahia.

Nossos
Colonizadores
Africanos

24

Mas houve até alguma tolerância da religião católica para com as religiões negras; mais do que as protestantes. O mimetismo foi permitido, pois acreditavam que por aí se consumaria a catequese, que adorando Oxalá em Senhor do Bonfim, terminariam por esquecer Oxalá, como de fato aconteceu com muitos. As religiões negras, contudo, resistiram, apesar dessa contigüidade permitida pela estrutura politeísta de ambas, a católica voltada para adorar uma hierarquia de santos, anjos, arcanjos, querubins e serafins, e pouca adoração direta a Deus. Afinal de contas, em tudo há uma progressão para o alto, de onde reina um impassível Jeová ou Olorum, que importa o nome? Deus só tem um nome, mas ninguém o sabe. Cada um o chama como quer. Já a ignorância atende por qualquer nome.

Mas a ignorância exercita-se em limites bem definidos. O crescimento da religião negra ou qualquer prova de força eram interpretados como o regurgitar do demônio. A polícia era de pronto acionada, as sacerdotisas presas ou escorraçadas; os pejis, quartos de santos, profanados. Até hoje temos prova disso em museus policiais vergonhosos. Mesmo

depois da Constituição de 1946. Os cultos negros, para os preconceituosos, não são religiões: são crenças, curandeirismo, charlatanice, malandragem.

Mesmo depois que cessaram as perseguições diretas, os negros continuaram sujeitos ao guante da polícia. Qualquer casa de culto negro, para existir na Bahia, precisava registrar-se na Delegacia de Jogos e Costumes, como qualquer casa de diversão – noite de baile ao som dos atabaques. Registre-se aqui a integridade do Axé Opô Afonjá que nunca se registrou em canto algum em toda sua existência. Nem sequer numa Federação, que arrisca-se a incorporar o antigo poder de polícia, onde, ao que parece, os terreiros são pressionados a se registrar. Um mal se substitui. Registrar para quê? Acaso alguma igreja é registrada em algum lugar? Quem dá alvará para os templos Batistas? Para a Seicho-no-iê? Para os Hare Krishna? Quem chancela ordens monásticas? Quem tirou de São Pedro as chaves do céu? Na Bahia, graças a mim e a outros intelectuais, o registro policial desapareceu nos finais da década de 70, governo Roberto Santos. Então, saudei pelo jornal esse evento, considerando-o mais significativo que a Abolição. Afinal, após mais de 90 anos de liberdade, os negros da Bahia podiam fundar seus templos sem as interferências do poder. Ganharam a liberdade religiosa que a Constituinte lhes havia outorgado muito antes.

Mas isso restringe-se à Bahia. Foi lei apenas estadual. Para surpresa minha, visitando p Axé Opô Afonjá do Rio de Janeiro, fundado por Mãe Aninha,

o mesmo da Bahia, axé não se divide, axé se multiplica, lá encontrei na parede o obsceno alvará da polícia. O Registro ainda é exigido no Rio. Na Bahia, caiu por pressão organizada de vários setores da cultura. Uma batalha em que tive a honra de participar. Lá, até hoje, estão inertes. Talvez porque a maioria dos candomblés seja na baixada fluminense e as pessoas pensem que são valhacouto de bandidos. Xangô é bandido? Oxossi é bandido?

Na época, eu morava no Rio, e procurei amigos meus ligados ao movimento negro de lá, mas nada foi feito. Parece que não compreendem que, dentro de um processo de esmagamento cultural, a religião é o mais importante veículo de resistência. Mobiliza, aglutina e fortalece a identidade. Portanto, precisa ser livre, mesmo que os negros não o sejam sócio-economicamente. O método de aniquilamento dos povos americanos e africanos começa pela religião, pela conversão a ferro e fogo, colocando os indígenas entre a Cila da conversão e a Caribdis da extinção, pois a primeira significa abdicar de sua identidade e de sua resistência, tornando-se presa de sacerdotes que castravam seu espírito de luta quando não os dizimavam com sarampo ou tuberculose. Para depois virar santos. Onde estão todas as tribos litorâneas de índios brasileiros? Onde está o reino de Ketu? Devem todos estar no céu, porque são mártires, vítimas de um zelo religioso que, felizmente, acabou e que em nome de Cristo entupiu o mundo de cruzes, quando para ele só bastava uma.

Mas a festa continua. Esta campanha nazista para desacreditar as religiões negras e convertê-las em um fato policial não pára. Acaba de sair uma lei proibindo práticas religiosas afro-brasileiras na rua. Não quero discutir a forma e o conteúdo dos ebós. Ebó quer dizer sacrifício, imolação, oferenda. No Rio, chama-se despacho e nas noites de sexta-feira pululam luminosos, com muitos charutos, garrafas de cachaça e velas.

Essas oferendas nada prejudicam no âmbito policial.

Todas têm intenção de produzir efeitos via sobrenatural. A não ser que se crie uma polícia do sobrenatural com armas e agentes mediúnicos, não há nada a fazer. Já pensou se começarmos a legislar sobre procissões? Haveria uma gritaria geral. E sobre milagres? É proibido milagre em feriados, sentenciaria o município por pressão dos fatigados milagreiros. Por que, então, legislar contra os inocentes ebós de rua? Por trás disso há uma depreciação das religiões negras.

Não que o ebó de rua seja sempre confundido com o despacho carioca, veículo mágico de todos os desejos. Há muitos que fazem parte intrínseca do culto e não visam a ninguém nem pretendem untar o caminho dos desejos. Coibi-los seria coibir a religião. Mais uma vez confundida com uma série de práticas vis; mais uma vez espezinhada e nivelada por baixo.

Ainda há tempo para um remédio constitucional para tudo isso. No dia 13 de maio de 1987, quando

se instalou a Comissão Estadual do Ano da Abolição, tivemos um primeiro momento para reflexão. Declarei então meu repúdio e esses expedientes que visam a rebaixar a religião negra, instando a que se redigisse um documento para ser enviado aos constituintes, insistindo que são ilegais e execráveis todos esses recursos oriundos da intolerância. As conquistas do negro não podem ser revertidas. Por isso, enviamos o documento aos parlamentares exigindo a preservação da liberdade religiosa do negro.

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

TUTU OR NOT TUTU

Eis a questão. Que assim pode ser resumida: convidado a vir à Bahia para prestigiar e ser prestigiado pelos negros baianos, numa inequívoca manifestação de solidariedade conjunta pela causa negra no mundo, o arcebispo Desmond Tutu recusou-se a participar de um culto ecumênico porque nele constava a participação do nosso famoso candomblé.

Isso provocou reações de descontentamento entre os negros e até do artista sempre lúcido que é Gilberto Gil. Mas antes de tomar qualquer atitude emotiva face a esse fato, devemos sobre ele exercitar nossos processos de reflexão. Essa é a palavra de ordem no rico ano da abolição, e agora, mais do que nunca, devemos lançar mão contra um mar de problemas, mesmo que, opondo-se a ele, não o terminemos.

Na atitude de Desmond Tutu não houve nenhum posicionamento preconcebido contra fatos culturais negros provindo de um líder negro que devia superar este estado de coisas. Tutu foi vítima inocente de uma campanha que há muito tempo vem-se movendo contra a cultura negra que é considerada inferior mesmo quando a própria Cultura Européia Ocidental a promove e lhe confere foros de dignidade.

É escusado falar aqui da importância que se deu ao traço, cores e formas das mascaradas africanas pro-

movidas a gosto geral por Picasso e outros artistas plásticos do Modernismo que se inspiram nelas e na estatuária africana para renovarem as formas gastas das artes ocidentais. Outro tanto podemos falar da música, da complexidade rítmica que entra em Stravinsky via jazz, gênero que abriga as pesquisas de um Dave Brubeck. Para não falar em Ravel.

Mas se na música e nas artes plásticas se reconhece a contribuição da cultura negra para o mundo, em outros ramos do saber humano vige um silêncio muito grande, que, ou foi quebrado recentemente, ou é maldosamente substituído por conceitos do século passado.

30 Vale lembrar que somente há pouco um negro ganhou o prêmio Nobel de literatura, com uma obra negra, apesar de escrita em inglês. Verdade que Senghor, o criador do conceito de negritude, foi admitido na Academia Francesa. Escrevia em Frances.

Observem, porém que se a Índia teve que enfrentar a palavra do grande arauto do colonialismo Rudyard Kipling, seus Mowgli e seus Gunga Din, a África teve Edgar Rice Burroughs e seu indomável Tarzan, exemplo perfeito e acabado de colonialismo cultural e de infusão precoce do mito da superioridade da raça branca.

Difundido por Hollywood, Tarzan, de maneira sistemática, concentra a visão esparsa de outros filmes que nos incutem a noção de que os negros africanos não passam de selvagens incultos e primitivos a quem Tarzan ensina noções éticas elementares e

tinturas de civilização. Com toda a invejável técnica de Hollywood, os realizadores induzem o público a torcer pelo branco Tarzan. Aqui, esse público está composto de pobres subdesenvolvidos que lá na matriz são considerados iguais aos selvagens.

Ninguém há de negar o irresistível poder de massificação do cinema americano. Não só através dos filmes de Tarzan, mas até via filmes sobre nós mesmos, que na década de 50, principalmente, aprendemos nos cinemas como nós éramos e como devíamos ter vergonha de nós mesmos.

O cinema foi, sem a menor dúvida, um meio de difusão do imperialismo cultural, quer emitindo imagens para serem detestadas, como os ridículos macacos pintados que aos duzentos perdiam para o solitário e impávido Tarzan, quer produzindo seres que deviam ser imitados, como mulheres esguias e sem cadeiras ou homens peitudos de cabelo liso.

Não tenho a menor dúvida de que o cinema americano que tive oportunidade de assistir na adolescência e até bem taludo, era um cinema que veiculava uma visão de mundo racista, que não se prendia só aos negros mas se estendia aos japoneses, aos alemães, aos índios, coitados, e aos demais povos de pele escura no mundo.

Este foi o cinema que todo mundo na faixa dos quarenta, cinqüenta, assistiu na juventude. Nessa faixa ou beirando essa faixa, estão os principais líderes do mundo, ou melhor, suas lideranças. Sua visão do mundo, mais ou menos alienada, a depender de

sua formação ideológica, está comprometida com a ótica hollywoodiana, com seus mitos, com sua distorção da realidade, com seu dirigismo político.

Hollywood tinha a braços a monumental tarefa de denegrir os nazistas e ao mesmo tempo conservar o mito da superioridade dos brancos sem que percebessem que isso fazia parte do nazismo. Além disso, tinha que mostrar a evidente superioridade do capitalismo para combater, sem que percebessem, seus aliados comunistas. E o fez de maneira admirável, unindo até os projetos da burguesia branca às ilusões do grande proletariado escuro do mundo.

Tudo isso serve como introdução ao problema do fato religioso. Acima de tudo, numa visão calvinista do mundo, Hollywood tentou mostrar a fraqueza das religiões “primitivas” outras quaisquer que não fossem cristãs. Para isso, mostrou essas religiões como cultos abjetos, aterrorizantes e desprezíveis. Entre elas, uma religião negra que igualava à magia negra e mostrava como prática de atos miseráveis – o Voodoo, em português, traduzido do inglês pelo som, o Vudu.

Todos sabem que os Orixás na nação jeje se chamam Vodum. Daí o nome do maior terreiro jeje da Bahia, Vodum dá Bodum (mau cheiro) que por eufemia vira Bogum. O culto jeje não pratica atos indignos, tais como enfiar alfinetes em bonecos ou retratos. Isto é uma prática de magia que nada tem a ver com o culto em si. Tampouco tem o culto de cadáveres que os transforma em mortos-vivos, os

Zumbis. Todas essas distorções foram veiculadas por Hollywood com base no culto do Haiti, que é jeje, como o Bogum, Vudu, variante de Vodum, vira, via Hollywood e histórias em quadrinhos (não desmerecer sua importância para fazer a cabeça da criançada – são todas quase americanas), um culto da morte e bruxaria baixa – essa imagem é que foi difundida. Quando disseram a Tutu que ia haver Vudu, ele saiu de baixo. Ele viu os filmes como nós e não queria se meter em bruxaria. Isso apenas nos faz admirar mais tanto Tutu como o Vudu e cada vez menos Hollywood.

A
*Tradição
Sagrada*

O ESCRÍNIO SAGRADO DA TRADIÇÃO

Logo no portão de entrada, vejo Nezinho abordando um carro. Percebo que orienta um visitante em busca de informações. Um “Alejuó” – gente de fora – penso eu, com a certeza de uma pessoa de dentro de casa, que ali tem um posto; tem um nome; tem um assento. Vejo uma multidão para lá e prá cá, muitas caras estranhas numa azáfama que, mesmo do portão, entendo ser comum na abertura de um congresso. Meu carro avança e Nezinho o aborda também, interroga o motorista que aponta para trás. Nezinho, alegre, abre os braços e saúda seu irmão. Não precisa me orientar. Estou em casa.

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

34

Vejo fisionomias familiares muito sérias em tarefas não familiares. Movimentam a burocracia do congresso. São secretárias, datilógrafas, recepcionistas, filhas-de-santo deslocadas para a liturgia da infraestrutura do evento. Cuidam das inscrições, distribuem o material. Hoje é sexta-feira. Todos os congressistas vestem-se de branco. Não fora isso haveria em tudo a atmosfera de um congresso qualquer. Procuo minha pasta. Lá está Neves. Ela vai procurar. Mas alguém me diz que deve estar lá atrás, onde muita gente estranha aguarda. Mas entre eles está Renato. Aficodé – o ogan chefe da casa de Oxóssi. Peço-lhe que receba minha pasta, pois não quero perder a cerimônia de abertura.

Marcho direto ao local da reunião. Lá estão as cadeiras enfileiradas no meio do salão e a compri-

da mesa onde irão ficar as autoridades. O ambiente revela, por fim, que não se trata de um congresso qualquer. Os trabalhos ocorrerão onde em outras ocasiões se canta e se dança e os orixás se incorporaram no transe das filhas prediletas. Para reinar soberanos. Como haverão de agora pairar sobre todos os participantes e protegê-los.

Pensando nessas coisas, vejo Pierre Verger conversando com Arlete Soares. Cumprimento-os. Verger foi uma das pessoas que mais entendia de candomblé no mundo e sabia divulgar a religião sem violar seus segredos mais íntimos. Verger era o Oju Obá da casa – os olhos de Xangô. Trocamos algumas palavras sobre o seu livro mais recente. Com um sorriso maroto, me pergunta se eu sou fluxo ou refluxo da África para o Brasil. Afirmo que sou fluxo, pois tenho uma bisavó filha de africanos. Arlete ri. Vejo também Vivaldo Costa Lima, outro que sabe muito. Velho amigo de família, lá de Feira de Santana, Vivaldo também é Obá da casa e está participando ativamente dos trabalhos com seu irmão Sinval, o chefe dos Obás, o Obá Abiodum. Cumprimentamo-nos enquanto enxergo pelo canto do olho nossa mãe que já vem. Os trabalhos vão começar. Na carreira, vêm Zora com o Obá Até, Antonio Olinto.

O barracão está rico de personalidades grandes de nossa cultura. São chamados a compor a mesa. Eliane Azevedo, vice-reitora da UFBA; Mariaugusta, Secretária de Educação; Capinan, da Cultura; Verger; a representante do prefeito; alguns representan-

tes de terreiros de fora. Preside a mesa Maria Stella de Azevedo Santos, a Ialaxé da casa. Gratificado, percebo que somente Pierre Verger não tem traços da etnia negra entre os componentes da mesa, mas é o Francês de alma mais nagô que já existiu. Tudo está nos conformes.

Nossos
Colonizadores
Africanos

36

Ergue-se uma voz de acentos atávicos. É Didi Axipá. Bopê Oiá, Balé Xangô, no reino de Oió, Aso-bá de Obaluaiê e Ilêssain no Ilê Axé Opô Afonjá. Juntamente com o Araojé no Ilê Agboulá, terreiro dos Eguns – Obá Kankanfô no Ilê Axé Opô Afonjá com o Ojé Dudu, no Ilê Agboulá e outros ojes, sacerdotes de eguns, espíritos dos ancestrais. Didi entoa a saudação aos ancestrais. Rufam os atabaques. É um momento de intensa emoção. O canto penetra em todos, interpelando a alma comum. Em pé, todos escutam, comovidos. Leigo no culto dos ancestrais, sinto-me, porém, atingido lá dentro.

É vez de saudar os orixás da casa. É Eutrópia Maria de Castro. Mãe Pinguinho, Iakekerê, mãe pequena, quem canta em louvor da linhagem de Xangô. Os atabaques crescem. A emoção redobra. Todos cantam, dessa vez num plurívoco, egbé, vez que todas as nações acorrem. Em seguida, Mae Nicinha (filha da lendária Mãe Runhó,) Evangelista dos Anjos, Doné do Bogum – mãe-de-santo – canta pelo povo. Jeje Mahin da Bahia, o povo de Luís Gama. Estamos numa casa de Xangô e, sabiamente, ela canta em louvor de Sobô, que é o nome de Xangô da nação de Jeje, mostrando que os orixás são os mesmos, com o

nome diverso em cada nação. Os corações se unem. Vem o canto Angola (a princípio um cantochão) e logo a riqueza de um samba ancestral. Todos cantam, alegres. É a Nengua, mãe-de-santo Albertina de Souza que começou salvando Zambi, pai superior de todos os Inkices, orixás em sua nação, e depois agitou a cantiga ao som dos atabaques. Por fim o Tata, pai-de-santo Wany Guimarães, de Belo Horizonte, cantou em nome da nação Omolocô.

A emoção emigra, não arrefece, no pronunciamento da mesa. Eliane reafirma sua confiança na religião negra como fator de coalizão. Mariaugusta faz uma vibrante profissão de fé nos valores da negritude. Visivelmente emocionado, Capinan tira a farda de secretário e mostra que é, antes de tudo, poeta baiano e está em casa. Vejo todos falando por si. Ninguém fala pelos cargos. Esse não é um congresso comum e a única autoridade aqui é Xangô.

Está instalado o Encontro Brasileiro de Tradição dos Orixás para promover o intercâmbio entre os terreiros do país, criar um comitê nacional para isso, além de um instituto internacional. Mãe Senhora dizia: Casa Branca são as pernas; Gantois, o tronco; Axé Opô Afonjá é a cabeça. A cabeça da mais antiga Tradição brasileira governa agora, Óxossi empunhando o oxê de Xangô.

Começa a primeira mesa redonda sobre “A Religião Afro-Brasileira, diversidade e dimensão nacional”. Com satisfação, noto que todos os participantes da mesa, cientistas ou não, são pessoas de

dentro. Isso é fundamental. Os pesquisadores que não são iniciados servem apenas para trazer confusão aos estudos da religião negra. Trazem todos os preconceitos oriundos de uma epistemologia branca, européia, esses cartesianos de última hora; esses positivistas atrasados. Quantos arvoraram-se a escrever nos jornais e até em publicações científicas apenas porque leram um manual para divertir turistas incautos?

Menos mal os divulgadores de periódicos de vida curta. Há, porém, os que escrevem tratados pseudo-científicos, debatendo assuntos de fundamentos sem saberem o bê-a ba da religião negra. Dizem bobagem que têm, infelizmente, o poder de contagiar, proliferando, criando visões redutivas.

Nesse encontro, estão reunidos os mais profundos conhecedores da religião negra do mundo. Todos de dentro. Todos equipados com a teoria e a prática. Todos fizeram a síntese África-Bahia que permite reconstruir integralmente o quebra-cabeça que a Diáspora armou. Muito conhecimento emigrou para a Bahia e só se encontra aqui. Só com a ponte intercontinental pode-se renutrir a Mãe África do que ela perdeu e almejar a abrangência. Essa ponte mística, verdadeiro arco de Oxumaré, com todas as suas implicações simbólicas, de Salvador a Ifé, foi trilhada por Pierre Verger, Vivaldo Costa Lima, Antônio Olinto e Joana Elbein dos Santos e, de forma mais profunda, por Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Alapini, o Sacerdote Supremo do

culto dos ancestrais na Yorubalândia, essa Bahiáfrica de todas as cores.

Segue-se em não menor grau de importância o ilustre feirense, aquele que tem a hora de, no Axé Opô Afonjá, sentar-se à mão esquerda de Camafeu de Oxossi, o Osi Obá Aressá, Muniz Sodré. Como também o culto e dedicado Marco Aurélio Luz, que ocupa a mesma posição em relação a Pierre Verger, é o Osi Oju Obá, numa trindade que se completava com Vasconcelos Maia. Os demais participantes são babalorixás, ialorixás e ogans das maiores casas de todo o Brasil – esse encontro é, sem dúvida, um congresso do que há de melhor, tanto científica como litúrgica e teologicamente no mundo. É um marco histórico. Uma pedra basilar da aproximação científica despreconceituosa, que só podia se realizar na Bahia, no Axé Opô Afonjá, sob a égide da maior Ialorixá do Brasil, essa que sabe marchar na vanguarda como uma deusa – mais que, nem de leve, toca no escrínio sagrado da tradição. Mãe Stella. Axé.

CANTIGA DE SOTAQUE

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

40

Dentro do processo de folclorização da cultura negra na Bahia, não há dúvida de que a figura mais atacada é Ialaxê do terreiro Ilê Iaomi Axé Iamassê, conhecida pelo nome Menininha do Gantois, ou mais carinhosamente Mãe Menininha, como todos a chamavam. Em vida, todos dela procuravam se acercar; nunca para trazer-lhe, ou à sua casa, a menor contribuição ou dádiva: sempre para lhe extorquir uma consulta, um conselho, uma palavra até; ou mesmo para jactar-se de ter sua amizade; frequentemente alegando insuspeitas intimidades. Quando não para aparecer às suas custas; para utilizar sua presença em mensagens políticas ou até em comerciais de máquinas de escrever; num processo selvagem de rapina de uma imagem que só encontra semelhante do que fizeram com Irmã Dulce. Mãe é mãe, porém, quer ela vista o hábito ou envergue um pano da Costa, Menininha e Irmã Dulce enfrentaram, com paciência, os assédios dos carreiristas, dos vaidosos, dos inconseqüentes, dos aproveitadores. Outras mães virão para a Bahia, que sempre as teve grandes: Ana Nery, Joana Angélica, Maria Quitéria, Luísa Mahin, as grandes mães pretas, e, porque não, Catarina Paraguaçu, primeira flor seqüestrada neste inviolado trópico.

Esse saque ocorre há muito no Ilê Iaomi Axé Iamassê. Fundado após uma dissensão dinástica no Ilê Iá Nassô: Maria Júlia Figueredo versus Maria Jú-

lia da Conceição Nazareth, que saiu e abriu novos rumos ao Axé de Xangô. Essa casa conheceu períodos de fama e de glória desde o início, consolidando-se com Pulquéria, sua segunda Ialorixá. Tanto era o prestígio do terreiro do Gantois que uma corruptela do seu nome, “Canzuá” ou “Ganzuá,” serve hoje para denominar terreiro, casa de culto, como se vê em certas cantigas de candomblé de caboclo em português.

Menininha não foi a primeira mãe famosa do terreiro. Foi a que conheceu o apogeu dos meios de comunicação de massa. Fez o santo muito cedo (daí o nome) e também assumiu seu posto, em lugar de sua tia Pulquéria, bem verde ainda. Logo se notabilizou. Seu nome cresce mais e se absolutiza nos candomblés da Bahia com a morte de mãe Senhora, que antes reinava soberana no mundo mágico dessa Roma Negra. Rivalizavam as duas em seu poder ancestral de mãe, ambas herdeiras da mais nobre tradição nagô, ramos emergentes de uma árvore secular cujas raízes aprofundam-se no reino de Oió na Nigéria – ambas sacerdotisas de Xangô; ambas filhas diletas da mãe da água doce, filhas de Oxum.

Investiga-se muito a etiologia do poder matriarcal na Bahia, principalmente no Candomblé. Há uma razão mística para isso, é claro. Como Ialorixá – literalmente mãe do Orixá – a sacerdotisa detém poderes sobre os demais membros da comunidade, especialmente sobre as filhas-de-santo, as Adoxu que ela faz, prepara para receber a energia – diga-

mos Axé – por isso que ela é também a Ialaxé, mãe da energia – mas, dizendo melhor, aquela que detém o segredo da manipulação do Axé – prefiro não traduzir agora. Tudo isso conclui-se em poder; poder que não se resume a um mero exercício de autoridade religiosa, pois ela é, em última análise, como mãe, responsável pela integridade física e espiritual de todos os componentes do egbé: da comunidade onde reina como monarca absoluta.

Observe-se bem que essa soma de poderes veio de forma exclusiva às mãos das Ialorixás por circunstâncias econômicas. Durante a escravidão e após a Abolição, as mulheres detinham mais habilidades de gerar capital. Os homens, normalmente, dedicavam-se a tarefas braçais pouco remuneradas. Essas infatigáveis negras, além de lavar, passar, arrumar e cozinhar no recesso dos lares, amealhando seguros proventos, logo dedicavam-se à rendosa tarefa de vender comida. As baianas de acarajé são verdadeiros McDonald's tropicais, faturando alto em sua humildade e simpatia. Da indústria e da comida e de artesanatos de grande demanda, como bordados e costura, elas juntaram um patrimônio que lhes permitiu comprar e arrendar grandes tratos de terra na então periferia da cidade. Assim fez Maria Júlia da Conceição Nazareth. Assim fez Ana Eugênia dos Santos. Assim fez a princesa gêmea do Daomé, Otampê Ojarô, fundadora do candomblé do Alaketu e todas as demais mães ancestrais. E logo apoderaram-se de todos os poderes que restavam nas mãos dos

homens. Passaram até a jogar búzios, ofuscando em pouco tempo a figura do Babalaô ou Oluô, sacerdote de Ifá, culto masculino, e com isso adquiriram o poder maior de conversar com os orixás, antes privilégio dos homens. Aninha ensinava o jogo dos quatro búzios a todas as suas filhas. Mãe Cantulina do Axé Opô Afonjá do Rio me asseverou que ela pretendia resguardar suas filhas da prepotência dos Babalaôs. Segundo ela, Mãe Aninha dizia: “Olhe, minha filha, aqui nesses quatro búzios você pode ver tudo, se souber olhar. Não confie tanto nos oluôs”.

O poder masculino foi disseminado entre os Ogans com diversas, mas reduzidas funções litúrgicas. Em Iorubá, ogan quer dizer senhor, “lord”, quer seja como alabê tocando atabaque; quer seja com axogun fazendo matanças; ajudariam a vestir o orixá de filhos-de santo. Seriam ogans de sala, atendendo os visitantes e fiscalizando o barracão: seriam meros ogans de cadeira, com direito a um lugar privilegiado para assistir o xirê, a festa; e teriam, eventualmente, funções litúrgicas de certa complexidade – o ogan de santo assentado tem fundamento no culto e, como tal, é hierarquicamente superior às filhas-de santo.

Um clássico caso de disseminação do poder masculino foi a criação dos obás de Xangô em 1937. Após a cisão política que gerou a fundação do Axé Opô Afonjá, Aninha, querendo fazer do seu egbé, de sua comunidade, uma réplica do reino de Oió, na Nigéria, criou o posto de Balé Xangô, alto posto

masculino. Cedo, ela e seu titular, começaram a se desaver. Aninha cria, então, os doze Obás, de Xangô, doze ministros-reis, compensando assim a força do Balé Xangô. Este, diminuído, afasta-se. Quando morre, ninguém mais ocupa o seu posto. Reivindicado, não muito tempo atrás, o posto é negado, tendo isso causado um forte cisma político no São Gonçalo, como também é chamado o Axé Opô Afonjá.

Detém, pois, a Ialorixá, o poder secular e o poder religioso. Isso avulta quando, como Senhora e Maria Escolástica, a Menininha, a mãe é de Oxum. A folclorização leva os incautos a ver em Oxum apenas as características da sereia, como se esse orixá não passasse de uma Afrodite negra – a beleza, a meiguice, a doçura, a vaidade, a sensualidade, o erotismo. Esqueceram-se do poder maior de Oxum. Como arquétipo da maternidade, Oxum é dona do ventre, mãe mais poderosa porque rege os ministérios da gestação. Em homenagem ao fluxo menstrual, por causa de Oxum, Oxalá usa uma pena vermelha ekodidé – de papagaio africano – e vermelho é seu maior tabu. Mas o quebra por ela, que é sua filha diletta, mas também é esposa de Xangô, suplantando Obá, antigo orixá do branco, da linhagem dos Orixalá, portanto, reina no branco e no vermelho; transcende a polaridade. Basta dizer que foi por intercessão de Oxum que Olodumaré – a manifestação única de deus – deu as rédeas de universo a Orunmilá. A astúcia de Oxum como mediadora – Oxum como energia que cataliza as possíveis relações – só

tem rival em Exu, princípio dinâmico de tudo que tem vida, mensageiro, intermediário entre homens e deuses. Oxum em sem dúvida, a contrapartida, Yin, feminina, de Exu, o mais Yang dos orixás.

É preciso, pois, muito cuidado com Oxum e suas filhas. Não se brinca à toa com esse axé, por melhores que sejam as intenções. E se esse é um axé perigoso para os que mexem com o Aiê, o mundo imanente, imagine para os que invocam o Orum – o mundo transcendente. A folclorização é pior quando implica numa profanação. Os aprendizes de feiticeiro sempre pagam caro ao tentar manipular energias que desconhecem. Um oriki, saudação, não deve ser cantado fora dos terreiros. Que dizer quando isso acontece em alusão a um instante tão esotericamente complexo quanto o de passagem de um ano de morte? E quando a falecida é de Oxum? Homenagem é uma palavra que não existe no dicionário nagô, quando se trata da morte. Num momento delicado de um caminho de volta, isso configura atraso. Cabe apenas, então, a uma cerimônia fúnebre, um axexê. E não se faz axexê pela televisão.

Enu ejá pa ejá. O peixe morre pela boca.

MIMETISMO OU SINCRETISMO?

Sincretismo – do grego Sygrestismos. Fusão de elementos diferentes, ou até antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.*

Nossos
Colonizadores
Africanos

Mimetismo – do grego Mimetós, imitado. Fenômeno que consiste em tomarem diversos seres a cor e a configuração dos objetos em cujo meio vivem, ou de outros seres de grupos diferentes. Mudança consoante o meio; adaptação.*

46

Tomadas essas definições básicas, de dicionário corrente, questiono. Dadas as condições em que foram para aqui trazidos os negros e, compulsoriamente, convertidos para salvarem suas almas – uma civilização verdadeira deve cuidar tão somente do espírito e os africanos cuidavam demais do corpo, prescreviam os europeus em seu etnocentrismo, julgando a África por eles mesmos; ou pela moral judaico-cristã, mas certamente porque ninguém melhor do que os europeus cuidavam do corpo. A busca das especiarias atendia nada mais nada menos do que a necessidade do paladar e do luxo no vestir do Velho Mundo – dadas as condições em que os negros africanos eram reduzidos a uma moral de submissão e obediência indiscriminadas, sob a capa hipócrita da cristianização romana; com o ferro,

* Fonte: HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Nova Fronteira, Rio, 1986, Ed. rev. e ampl.

com o fogo; na demanda imperialista em que a **Causa Final** (a expansão da fé) se confunde com a **Causa Real** (a honra e o proveito); dadas as condições de exagerado zelo religioso, inquisição queimando judeus e cristãos novos a torto e a direito; jesuítas, um exercito armado contra o liberalismo reformista. O Concílio de Trento assentando as bases premeditadas da utilização da arte como forma de doutrinação; tudo isso consubstanciando-se no afunilamento do desequilíbrio Maneirista para chegar ao pretenso equilíbrio Barroco; tudo congregando-se para forma e fazer a cabeça brasileira em sua origem; todas as condições totalmente adversas em que o negro africano teve que sobreviver culturalmente para sobreviver fisicamente (pois esmagada sua cultura; esmagada sua identidade, o homem sucumbe; aniquila-se; desaparece). Dadas essas terríveis condições em que criaturas inocentes foram arrancadas de seu chão, de seu lar, de seus pais, de seus irmãos, seu ar, seu mar, tiveram que adaptar-se para sobreviver (a resposta está dada, basta ver o verbete de Aurélio). Dadas essas condições de um ambiente físico e religioso adversos, ou pelo menos diferente, cabe questionar: será que não houve muito mais processo de mimetismo, de “mudança consoante o meio; adaptação”, do que uma “fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagônicos, em um só”? É claro que sim. Edison Carneiro já dizia que a catequese foi uma ilusão. Os negros continuaram tranquilamente a cultuar seus orixás, onde, então,

a fusão com permanência de elementos originais (não uma fusão, ou combinação química, mas uma mistura de signos e símbolos). O termo sincretismo nasceu de uma união de estados em Creta contra um inimigo comum, embutido no signo verbal, sem sombras de dúvidas, a idéia de uma amálgama, de união, de coesão. Onde está o amálgama em se dizer que Omolu é São Lázaro; que Oxossi é São Jorge, que Oxum é Nossa Senhora Aparecida? O negro apenas mascarou, disfarçou, **adaptou** o seu orixá à imagem mais próxima em suas características básicas que encontrou na religião católica, que isso permitiu perfeitamente, graças a sua estrutura idolatra politeísta – os católicos raramente adoram a Deus, o Pai, a primeira pessoa da Santíssima Trindade, nem tampouco o Espírito Santo, a segunda. O Filho, adoram nos ídolos em que o têm crucificado; e adoram centenas de santos, alguns dos quais nem existiram, como Santa Cecília, que era o nome de uma família romana, enterrada nas catacumbas. Ou seja, o negro africano mimetizou-se, mimetizando o seu orixá no objeto de culto católico. E mais ainda, ao exercer o mimetismo, o negro africano mimetizou-se pela essência espiritual do santo católico na maioria dos casos. Senhor do Bonfim é Oxalá, porque é o primeiro filho de Deus / Olorum, e não porque está ali, eternamente pendurado na cruz; Nossa Senhora da Conceição porque concebeu os Orixás. Mesmo porque não há ídolos na religião negra. Há símbolos que os preconceitos europeus taxaram

de “fetiches”. Também não há antropomorfização definida na religião negra. Os Orixás não têm forma humana. As imagens que se vê são de *peessoas possuídas por um orixá*. A concepção de Orixá em forma de gente (do Exu em forma do diabo, por exemplo) é coisa do catolicismo, influência do antropomorfismo da religião católica popular. A forma humana foi tomada pelos orixás em sua encarnação terrena, nada mais. Portanto, sem precisar sequer aprofundar epistemologicamente o conceito; em sua mera definição de dicionário; dá pra ver claramente que jamais houve sincretismo. Houve sim, mimetismo, adaptação, como forma de sobrevivência.

Tudo isso me veio à mente vendo as imagens católicas nas abundantes matérias que fizeram para os três anos de morte de Mãe Menininha. Já falei exaustivamente uma vez do saque que se fez nessa terra da imagem de suas grandes mulheres. A Bahia é uma terra de mulheres digníssimas e maravilhosas. Começando por Paraguaçu, passando por Maria Quitéria, Ana Nery, Joana Angélica, Amélia Rodrigues, Marta Rocha, Bethânia, Gal, Marta Vasconcelos e, enfaticamente, as grandes mães protetoras, de ontem, Aninha, Marcelina, Maria Júlia, Pulquéria, Senhora, Bada, Ondina, tantas outras, e mais proximamente Irmã Dulce e Menininha, cujas imagens têm sido submetidas a um saque desenfreado. Em certos casos, isso é condenável apenas moralmente. Em outros, como no caso de se fazer homenagem na TV para Mãe Menininha, é uma perigosa heresia.

ESTRELA AZUL, MÃE STELLA

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

O cinquentenário de iniciação da ialorixá Maria Stella de Azevedo Santos não significou apenas uma data a ser inscrita com letras de ouro nos anais do Axé Opô Afonjá que é, se dúvida, uma das mais tradicionais, fechadas e sérias casas de culto ioruba, entre tantas congêneres na Bahia. Além da Efeméride, em si grandiosa – não é todo dia em que uma grande mãe-de-santo comemora 50 anos de feita – a Sociedade Civil Cruz Santa do Axé Opô Afonjá promoveu um encontro em que, não apenas Stella, mas todas as ialorixás do terreiro foram homenageadas.

50

O encontro, nomeado “As Ialorixás do Axé Opô Afonjá”, terminou crescendo tanto que ultrapassou os limites antes imaginados de sessões em que os filhos e filhas-de-santo, obás e ogans deusessem sobre suas respectivas mães, tudo isso precedido por uma introdução levemente teórica, a cargo de cientistas sociais que também pertencem ao axé, e, portanto tiveram o seu cientificismo mitigado pela visão de dentro. O esforço foi de toda a comunidade / terreiro desde o presidente da Sociedade Civil, Carybé, a quem a cultura baiana tanto deve, em especial a cultura negra, e mais especialmente ainda o Axé Opô Afonjá. Carybé bolou e executou, juntamente com Bruno Furre, um belíssimo cartaz que ambos se encarregaram de imprimir sem custo para o Axé. Dermeval Chaves, Ossi Obá Arolu da

casa, tirou da livraria Civilização Brasileira todo o material do encontro, além de pagar a confecção e impressão da pasta. O PENBA, Programa de Estudos do Negro da Bahia, através de Júlio Braga, colaborou com o material de gravação. O CERNE, Centro de Referência Negro Místico, através de Gilberto Gil, viabilizou o som, numa cortesia de João Américo. Espaço à parte merece Yeda Pessoa de Castro, idealizadora do encontro, cuja sábia proposta (que coincidiu com uma sugestão anterior a de Júlio Braga) foi dar voz às pessoas de dentro do terreiro para que se definissem, ao definir suas ialorixás; ao prevenir falsas e alienadas visões de fora.

Ao final, a riqueza do encontro foi tanta que emocionou a todos, provocando lágrimas sentidas em alguns casos. Na abertura, Vivaldo Costa Lima brindou a platéia com uma magistral aula sobre Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, a fundadora do Axé Opô Afonjá. No outro dia, Muniz Sodré abriu a mesa sobre Mãe Aninha e logo seguiu-se o depoimento emocionado de Mãe Pinguinho, Eutrópia Maria de Castro, lembrando sua forte ligação com sua mãe e protetora, que mereceu referências sensíveis e engrandecedoras de Mãe Cantu de Airá, a ialorixá do Axé Opô Afonjá do Rio de Janeiro (também fundado por Aninha). Mãe Bada, Maria da Purificação Lopes, foi reverenciada nas falas de Senhorazinha, Antonina Santos e de Honorina, que historiou os problemas inerentes à definição do seu orixá, Ossain, que Mãe Bada soube tão bem resolver.

Emocionante, porém, foi a sessão seguinte, sobre Maria Bibiana do Espírito Santo, a famosa Mãe Senhora. Mãe Stella de Oxossi reuniu na mesa todas as filhas-de-santo de Mãe Senhora, que são suas irmãs. Mãe Stella foi feita por Senhora, menina ainda, e era fascinante vê-la rodeada por suas irmãs mais velhas e mais novas, todas a relembrar conjuntamente a figura de Mãe Senhora, como membro de sua família mística a venerar a memória da mãe comum. Lá estava Clarisse; as duas Celinas, a de Oxum e a de Nanã; Epifânia, Gildete; Mundinha; Peronildes e Aida Muniz, entre outras.

No terceiro dia, o encontro começou com uma mesa de depoimentos sobre Mãezinha, Ondina Valéria Pimentel, encabeçados por seu sobrinho, Jorge Pimentel, Okan Babá da casa, e mais Divanilda de Oxum, Tia Detinha e Rubim de Pinho, que presidiu os trabalhos. Mãe Cleofe leu um belo depoimento de Isa Rodrigues, que não pode comparecer. Todos foram unânimes em ressaltar a generosidade e sabedoria de Mãezinha, que era particularmente maternal, tendo sobre sua proteção um grande número de pessoas.

A última mesa, sobre Mãe Stella de Oxossi, foi presidida por Waldir Oliveira, que falou empolgadamente sobre relação com a casa desde o tempo de Mãe Senhora, quando foi suspenso ogan, exatamente do Oxossi daquela que hoje é Ialorixá, Mãe Stella. Ratificou sua filiação à casa, dizendo presente como um “soldado de Oxossi”. Falaram nesta

mesa José Félix dos Santos, afilhado de Mãe Stella, que ela criou e que também é bisneto de Mãe Senhora, e Milta Azevedo, irmã do ialorixá que revelou ao público uma imagem muito humana e carinhosa de sua irmã querida. Ivalda Maria testemunhou também com uma visão bastante próxima, parente que é por finalidade de Mãe Stella. Ainda falaram o ogan Roberval Marinho e Sônia de Iansã, com bastante entusiasmo. O fecho da mesa, por conta do poeta e escultor Edu Omo Guiã, arrancando palmas.

Participei, depondo, na mesa de Mãezinha, presidindo a mesa de Mãe Stella. Justifica-se: Mãezinha me fez ogan / Stella me fez obá. E, no final, com a colaboração de José Emanuel, Cleofe Martins, Cláudio e Sílvia Nazário, apresentamos uma música que eu e Luís Berimbau fizemos para Mãe Stella e seus 50 anos de luz, pois ela é a luz que nos guia, estrela azul, Mãe Stella brilha no céu da Bahia.

MEMORIAL DE MÃE MENININHA

Nossos
Colonizadores
Africanos

54

Todos unem-se a dizer: Salvador é uma cidade sem memória. A todo instante desaparecem pessoas, logradouros, prédios, costumes, instituições, sem deixarem de si traço algum; sem que nos *tempespaços* se grave um registro sequer. As imagens fogem dos olhos; as palavras são poucas para expressar a beleza, são tênues para verter toda a intensidade de uma Bahia cada vez mais rica porque sempre mutável. Com o advento da câmera, da foto, do filme de vídeo, as coisas se facilitam. No entanto, motivos econômicos impelem à destruição do que existe, enquanto, por outro lado, ninguém se interessa a nada gravar sem fito comercial imediato.

Quando fazia meu doutorado no Rio, com meu mestre Afrânio Coutinho, este me inventivava sempre: por que se escreve tão pouco na Bahia? Quantos luminares da ciência e das letras passaram sem deixar o seu testemunho. Um dia eu joguei-lhe com os fatos no rosto. Salvador é uma cidade ágrafa. Ágrafa? Sim, nem sequer analfabeta. Fala-se muito em Salvador. Fala-se o tempo todo. As contas de telefone são astronômicas. O tempo perdido com bate-papo é incalculável. O baiano jamais vai direto ao assunto. Liga para pedir uma pequena informação e até chegar lá já passou a limpo os atrasos da amizade.

Os intelectuais, professores, artistas, políticos baianos não passam de brilhantes “causeurs”, con-

versadores eméritos, e no “feed-back” que têm de seus alunos, companheiros de papo, ou multidão lá embaixo do palanque, encontram sua satisfação pessoal imediata – brilhando através do papo, o baiano não precisa escrever. Nos grandes centros, onde a comunicação foi restrita, onde as pessoas não têm um público à mão para seduzir e brilhar (todo o baiano de qualquer nível social ou intelectual tem um discurso sedutor), onde viver é um ato solitário e não solidário, como na Bahia, as pessoas escrevem muito. Escrevem para não morrer.

Se, por um lado, vivemos na mais sonora de todas as cidades, onde tudo se resolve na oralidade, na poesia oral das letras de música, na captação sonora e solar no corpo, no canto, na dança, no papo, no berro, no sussurro, no diálogo, no som, e tudo isso estruge em musicalidade – o baiano é dos povos mais musicais do mundo – se ganhamos por este lado da música que fazemos, consumimos e desperdiçamos mais que em qualquer outro sítio do Brasil, perdemos quando se trata de memória das coisas, fatos, pessoas, instituições.

Na passagem de uma sociedade rural, solidária, ágrafa para sua contrapartida urbana, competitiva, alfabetizada, muito se perde com o desaparecimento gradativo de inúmeras manifestações orais. Os mais velhos ainda são repositórios da cultura ancestral. Querem até passar o bastão. Mas os jovens já têm outra estrutura de acumulação cultural. Já entraram no ritmo mais rápido do consumo vi-

sual. Permanecem ainda os grandes sábios da oralidade. Não há mais é quem esteja apto a apreender o seu conhecimento. Muita coisa rica há de surgir em Salvador justamente em virtude da preservação da oralidade. Esta é muito mais dinâmica, mais criativa, mais flexível e lógica. No papel, fixam-se as coisas, enrijecem-se.

No que tange à memória do candomblé da Bahia, o que há é uma lástima. Muito cedo alguns intelectuais comunistas perceberam a importância do Candomblé como religião de resistência popular: Edson Carneiro, Aydano do Couto Ferraz e Jorge Amado, entre outros. Começa, então, da década de 30 prá cá, uma abordagem mais intensa do Candomblé que, na área, ainda contou com o magnífico esforço literário e iconográfico de Pierre Verger. Outros estrangeiros contribuíram e contribuem. Ressalta-se o trabalho de pesquisadores como Vivaldo Costa Lima, Júlio Braga, Yeda Pessoa de Castro, Juana Elbein e outros. Mas é muito pouco, ainda, para um universo tão vasto.

Por isso, quando vejo esforços, pessoas, instituições unirem-se para dar ao escrínio da tradição um devido repouso, rejubilo-me. Em vida, nenhuma ialorixá foi tão festejada, procurada, mencionada, amada, venerada e até mesmo explorada como Menininha do Gantois. Cumpriu sua missão de mãe com grandeza e não são estas poucas palavras que o garantem — foi sua vida exemplar, toda ela dedicada à sua comunidade, à sua religião, à sua

terra. Descendentes de nobres africanos, Maria Escolástica da Conceição Nazareth ajudou a africanizar e adoçar nossa Bahia para que pudéssemos vivê-la melhor em cânticos, danças, sabores e imagens que ela fez tão mais nossos e cada vez menos africanos por ter sido nossa Mãe Menininha, mãe baiana com agá, mãe de todos nós desta nação nagô da Bahia. Parabéns a todas as instituições e a todos que mourejam para que o Memorial de Mãe Menininha existisse,,principalmente essa alma criadora, Zeno Millet. E, em toda parte, mais particularmente agora, em seu Memorial, que viva para sempre Maria Escolástica da Conceição Nazareth, Mãe Menininha, na saudade de todos nós. Oreyeye O.

A
*Tradição
Sagrada*

DO PASTICHE À PROFANAÇÃO

A minissérie *Mãe-de-Santo*, apresentada pela rede Manchete de TV, incorre em erros fundamentais de essência e de linguagem. Inserida numa tradição em que, sistematicamente, tem-se desfigurado a imagem da cultura baiana, a minissérie começa a pecar pelo nome – Mãe-de-Santo – expressão que nasce de uma tradução livre do ioruba *ialorixá*; que irrita algumas sacerdotisas e já levou uma delas a dizer: “eu nunca pari um santo”. E o que é lamentável: houve da parte do roteirista, Paulo César Coutinho, e, provavelmente, do diretor Henrique Martins, intenção de traçar um quadro fiel do Candomblé. Mas o pior é que nenhum dos dois sabe o que é o Candomblé e muito menos entendeu a Bahia. A minissérie oscila, pois, entre o pastiche e a profanação.

Fosse a minissérie baseada em qualquer religião oficial e já teria havido, no mínimo, uma grita, e até uma definida censura. Como se trata de religião do sofrido povo negro, maioria minorizada pelo preconceito e pela ausência de poder econômico, perpetua-se essa agressão aos sagrados princípios da religião negra, enroupados numa exibição de uma Bahia eternamente folclorizada pela ótica suli-na, pela toda pretensão de pessoas de fora que desejam explicar às de dentro como elas são. Não somos o que aparece nessa minissérie. A religião negra da Bahia não é aquela que aparece no vídeo.

O auge da pretensão que redundava em leviandade e até em profanação; pretensão com sabor de onipotência; o auge do deslance, induz os realizadores da minissérie a livremente interpretar a religião do Candomblé dos orixás, personificá-los de forma degradante e mesmo aviltante. A imagem chapada do vídeo torna Ogum um genocida irascível e inconsequente; faz de Iansã uma prostituta; faz de Oxumaré um travesti, numa flagrante evidência de que, pior do que aqueles que fazem Candomblé na televisão sem conhecer nada do assunto, esses daí leram Pierre Verger apenas, chamaram isso de pesquisa e não entenderam nada.

A arte não tem nenhum compromisso com o real. Contudo, uma religião não existe nem se nutre do real. Esta só os seus iniciados sabem interpretar. A um leigo a quem se explicasse ritual cristão, poderia parecer que o cristianismo é uma religião de antropófagos que devora o corpo de um judeu num sacrifício litúrgico aos domingos.

Assim, a falta de conhecimento e respeito da religião do Candomblé, nessa minissérie *Mãe-de-Santo*, está provocando a perpetuação dos preconceitos tipo o que afirma ser ele uma religião que sacrifica seres humanos e outros tantos, pois faz confundir uma pessoa e seus erros como o orixá que a governa e mais ainda chapando a imagem do orixá; mostrando-o em uma de suas manifestações apenas, quando todos eles são extremamente complexos e polivalentes. A câmera fixa em um só ângu-

lo desfigura o orixá, pois só o mostra por um lado. Para filmar orixás, é necessário uma câmera holística, cercado-o por todos os lados. Uma minissérie seria pouco para definir um só orixá, imagine esta, um oratório confuso, misturando santo e putas, alhos e bugalhos. Ao escolher, arbitrariamente e sem conhecimento de causa, uma faceta do orixá, alguém como Paulo César Coutinho, que aprendeu Candomblé em livros que leu mal, inevitavelmente reforçará o folclore, por insegurança, quando não o irá piorar por reforçar traços acidentais, fazendo deles traços essenciais.

60 Já era tempo desses realizadores de fora unirem-se às pessoas de dentro para fazer um trabalho mais limpo. Mas não. Querem tornar-se donos da Bahia. Querem arrotar pro resto do Brasil que conhecem bem a Bahia; que estão por dentro da Bahia. Na verdade, são como os bigodes. Estão nas bocas, mas sempre por fora.

O mais lamentável é que a linguagem podia amenizar um pouco as distorções. Mas na minissérie *Mãe-de-santo* a linguagem enfatiza o que há de pior. Já o clima gera do roteiro, no tratamento da Bahia, é um pastiche, uma caricatura grotesca de Jorge Amado. A direção reforça isso com o cartão postal, o clichê, o estereótipo de uma Bahia que não sai do Elevador Lacerda e das igrejas. Curioso é que essa *síndrome* do cartão-postal associa-se ao espírito de profanação, desta vez da Igreja Católica, quando mostra uma prostituta fazendo ponto na porta

da Igreja da Conceição da Praia. Ora, as prostitutas das Bahia são muito mais respeitadoras da religião do que os realizadores da minissérie. Jamais fariam ponto justamente na porta da Igreja.

Isso tudo me provoca um questionamento. Como proteger a religião negra da sanha do consumo visual? Como proteger nossa cultura dessa permanente folclorização? Como proteger a Bahia dos predadores de fora?

O primeiro passo seria talvez uma maior conscientização das pessoas de dentro, pois sem ajuda delas nada poderia ser feito. Vem aí, fala-se, uma minissérie sobre Mãe Menininha. Tomara que nessa aí os realizadores tenham a verdadeira humildade intelectual e não se arroguem a grandes entendedores de Candomblé e da Bahia para não fazer como *Mãe-de-santo* que distorce, confunde e profana a religião negra da Bahia com a linguagem chinfrim do cartão-postal, do clichê e de uma breguice intolerável que bota os orixás pra falar pomposamente, com empostação de atores de uma tragédia grega de circo do interior.

VAMOS BAIANIZAR A ÁFRICA

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

Os negros brasileiros vêm atravessando uma longa fase de resgate das suas raízes africanas, o que, se por um lado é importante na consolidação de suas identidades, por outro pode ser perigoso para eles e para o povo mestiço do Brasil, pois pode, em geral, faltar o necessário senso crítico para saber separar o joio do trigo; saber identificar os valores que nos interessa observar da cultura africana. Em mais de um respeito, nós, povo mestiço e sofrido do Brasil, temos uma modesta lição a dar aos africanos – a cultura da Mãe África, em alguns dos seus aspectos mais importantes, aqui sobreviveu incólume e, lá, certos traços foram apagados, distorcidos, deturpados.

62

Por uma série de motivos que não cabe aqui discutir em tão exíguo espaço, o brasileiro assumiu melhor os valores de trilogia básica que forma sua cultura, ou seja, Europa, África e América, acrescida aqui da Ásia que nos vinha das navegações portuguesas para o Oriente. O africano passou por uma lavagem cultural em que sucessivas culturas hegemônicas o foram desenraizando até que sua religião do mundo autóctone tornou-se minoritária. Veja-se, o Candomblé: é das religiões brasileiras que mais crescem. Na África, ela tende a desaparecer. Há pouco passei uma temporada em Lisboa e constatei que o africano de língua portuguesa busca avidamente o modelo europeu: aceitou plenamente os conceitos europeus

do que seja civilização; ou seja, olha-se afinal como inferior, a partir dos preconceitos europeizantes.

Esse complexo de inferioridade de uma periferia que também observei nos intelectuais portugueses – falam, escrevem e pensam em francês e alguns deles declaram-se franceses – esse complexo que tão bem foi analisado no Brasil na década de 50 por Roland Corbisier move os africanos a desprezar a sua cultura e a querer abraçar culturas alienígenas às vezes falsamente africanizadas e tornadas autóctones aos olhos deles mesmos. Todas essas questões do complexo colonial e do processo de alienação que o colonialismo nos impingiu e no terceiro Mundo eram sabidas, discutidas e aplicadas em todo o processo criativo da minha geração e ignorada pelos intelectuais europeus que insistiam em nos ver com seus olhos peçados de preconceito a esperar que o Brasil se transformasse numa imensa França ou algo semelhante. Por isso que um intelectual inteligente e perceptivo como Agostinho da Silva, que já havia notado o desvalor dos valores predatórios europeus, completou sua formação no Brasil, acompanhando o pensamento de toda uma geração que se dedicava a pensar o Brasil com nossos próprios olhos. Agostinho foi para Portugal ensinar os portugueses a se conhecerem, pois percebeu que os nossos conceitos de periferia para o Brasil aplicavam-se como uma luva a Portugal, periferia da Europa. E aqui instalou-se o Reino das Trevas, a ditadura mais nefasta que tivemos, cortando toda uma

corrente de pensamento que nos poderia ter alçado, de pé, ao consórcio das nações.

O movimento negro no Brasil não toma muito conhecimento destas categorias de pensar. E, à falta de resguardo na Europa, busca como única alternativa uma canonização indiscriminada de tudo quanto é africano. Não é por aí. E o mais gritante de tudo é uma onda de verdadeira guerra santa, visual, que tenta provar que a religião maometana é a legítima religião do povo africano e que também é a mais maravilhosa do mundo. Não discuto religião. Respeito todas. Por isso não me cabe, aqui, discutir o Islão. Essa religião que manda matar homossexual; mandar cortar a mão de ladrões; dá direito ao homem de ter quantas mulheres quiser e manda matar, no garrote vil, a mulher que arranja um segundo homem sem poder nem mostrar a cara. Mas do ponto de vista meramente político, a coisa é outra.

A religião muçulmana é a capa abençoadamente protetora de expansão do povo árabe no mundo, principalmente na África, para onde logo se espalham e controlam as rotas comerciais – inclusive o comércio de escravos. Quando os cristãos – que usavam outra capa – defrontaram-se com os árabes, cada um berrava mais alto que o seu deus era mais deus, apesar de, fundamentalmente, ser o mesmo. A questão era o modo de adorar. E em nome, cada um do seu rito, torturaram, chacinaram, queimaram, arrasaram o povo africano, submetendo-o a ferro e fogo ou por uma conversão que o fazia menos afri-

cano pela fé, porém mais poderoso politicamente porque aliado de um povo mais forte, cuja religião, obviamente, era mais eficiente.

O Islão, pois, é uma religião tão colonialista quanto o cristianismo. Desfigura o africano culturalmente, desvinculando-o de seus seculares ritos religiosos que o ligam tão fortemente à terra. Desprovidos desta ligação com a terra; pior que isso, ensinados a desprezar sua ligação com sua terra, seus rios, seus ares, seus mares, o povo africano tornou-se presa mais fácil do invasor árabe e europeu. Tinham seu universo rico e pulsante em grande grau de complexidade. Tiraram-lhe isso na África. E que lhe deram de volta? Nada. Tristeza e desolação. Quando vejo negros iorubanos da Nigéria, aqui, fanaticamente tentando nos converter como testemunhas de Jeová ou pregando um novo surto maometano na Bahia de Todos os Santos, fico feliz de poder, ao menos aqui, saber que um dia, na África, houve uma religião tão bela, tão encantadora e viva, na qual convivemos com os orixás, os voduns, os niquices, os encantados. Precisamos baianizar a África.

¶ A COR DA TRADIÇÃO

PRESENÇA NEGRA NA BAHIA

Quando o primeiro escravo negro chegou às praias da Bahia de Todos os Santos, não sabia que reatava ao nível humano uma separação ocorrida havia milhões de anos, quando por deslocamentos magmáticos a África se tinha afastado da América do Sul. E era no Golfo da Guiné que o Nordeste brasileiro se aninhava exatamente na costa de onde viria a mais forte influência cultural que temperaria a base europeia ocidental no Brasil.

Mas logo os africanos se aperceberam das semelhanças ecológicas que havia entre o lado de cá e sua terra natal. Clima, céu, mar, topografia, fauna, flora, se não eram iguais, pouco diferiam dos da África, permitindo a acolhida dos recém-chegados e amenizando o sofrimento do cativo.

Segundo Édison Carneiro, os primeiros escravos eram oriundos da Guiné Portuguesa. As peças de Guiné eram, em sua maioria, fulas e mandingas, tribos muçulmanas, mas não de todo. A partir do século XVIII, o principal mercado de escravos para o Brasil era Angola, ocupada por holandeses e logo liberada por uma expedição comandada por Salvador de Sá. Daí a colonização se estende até o Congo, de onde vieram falantes da língua banto, das tribos caçanjes, benguelas, rebolos, cambindas e muxicongos. Vinham trabalhar na cultura de cana-de-açúcar e de fumo.

Da Contra-costa, região de Moçambique, vieram poucos escravos. A viagem era longa e custosa e o material humano chegava em péssimo estado. Assim foi pequena a contribuição étnica dos macuas e angicos, lá pelo século XVIII. Neste mesmo século, os tumbeiros percorreram a Costa da Mina em busca de mão-de-obra para a mineração. Desta demanda de trabalho especializado é que vem para o Brasil negros de cultura mais avançadas, do litoral oeste africano, nagôs, fons, (jejes) fantis e axantis, gás e txis chamados minas e outros do interior sudanês, já islamizados, hauças, kanúris, tapas, gruncis e ainda fulas e mandingas: desembarcaram na Bahia e de lá foram remetidos para Minas na busca de ouro e diamante. Nesta última leva vieram povos que já possuíam um alto desenvolvimento espiritual e tecnológico. Possuíam uma religião complexa e sofisticada. Conheciam os processos de fundir metais, fazer ligas e tecelagem. Tinham arquitetura própria. Eram afeitos às coisas do mar, já tinham técnicas apuradas de pesca artesanal e traziam consigo os segredos de uma culinária requintada.

Estes últimos traziam religiões em nível superior às dos seus antecessores. Enquanto os angolas e congos e moçambicanos apenas possuíam o culto aos ancestrais, os minas se dividiam entre o islamismo e o culto dos orixás, cuja força haveria de agir sobre o heterogêneo ambiente étnico e místico da Bahia, provocando um sincretismo religioso com a religião oficial branca, um catolicismo que tanto mais permi-

tiu as interações sincréticas quanto era adequada para isto sua estrutura politeísta. Acresce que as religiões negras já traziam em si uma forte carga sincrética pelos contatos e aculturações ocorridos no próprio território africano. Curioso é que, mesmo com seu alto grau de sofisticação, o islamismo gradativamente desapareceu, e Artur Ramos afirma que nada mais é que “uma página da história”. Ao malês, como eram chamados os negros muçulmanos, foram praticamente exterminados numa famosa Revolta. Do que se aproveitaram os adoradores de orixás para dar um impulso ao seu próprio culto. Em meados do século XIX, pode-se observar uma predominância quase absoluta do culto de orixás na cidade do Salvador, Recôncavo e seus arredores. Permanecem dos malês algumas práticas mágicas, produto já de um sincretismo negro-muçulmano, como as mandingas feitas com tabuinhas onde se escreviam fórmulas mágicas e algumas palavras árabes a nós chegadas por via negra, como “alguidar”. Roger Bastite assinala que os negros professavam um sincretismo muçulmano-animista. É lógico que o enfraquecimento político dos malês deu lugar a que a parte árabe fosse eliminada e a base negra, em constante interação com os demais, se harmonizasse com elas e se integrasse no todo.

Observando mais de perto o culto dos *orixás*, notamos que ele também vem da África em nível de sincretismo. As guerras constantes entre nagôs e fons (destes, os jejes-marrim vieram ao Brasil) provocaram contatos culturais forçados.

Não se sabe ao certo se os fons já tinham cultos dos orixás, mas fortes indicações na liturgia e nas características dos orixás comuns, apesar dos nomes diferentes, levam a crer numa predominância, já na África do modelo nagô. Com os orixás levados ao panteon dos fons como todos os deuses dos povos que conquistaram. Mesmo o culto da serpente Dan ou Dan-Balé, principal divindade fons, alguns crêem ter originado dos huesá. Ao chegar ao Brasil, o culto já nos vem em forma jeje-nagô, com divindades comuns, aspectos litúrgicos, vocabulário, teologia e indicativos de uma absorção, pelos fons, da religião nagô, com pequena influência dos primeiros sobre os segundos. Palavras de origem fon, como peji, a sala do altar de um orixá, ou aquelas que indicam a ordem de iniciação de um grupo (barco) de filhas-de-santo, como dofono, dofonitinho, gamo, gamotinho, vimo, vimotinho, etc... Todas são de origem fon (em Francês dofono, dofonotien, gamo, gamotien, etc) e todas são usadas indiscriminadamente em territórios de nação jeje, ketu (nagô) e angola ou angola congo, como esclarece Vivaldo Costa Lima. Por mais ortodoxo que seja o território nagô, seu culto vem de uma África onde os processos do sincretismo já vinham ocorrendo. E mais ainda cabe assinalar que as demais nações negras da Bahia e do Brasil absorveram o modelo jeje-nagô e o reduziram à sua própria língua, utilizando-a para seus cânticos e para denominar os orixás, adaptando também a liturgia num natural processo de transformação cul-

tural. Alguns orixás nem sequer mudam de nome ao mudar de nação. Iansã, por exemplo, é Iansã em qualquer terreiro, desde o mais puro Ketu, passando pelos angolas e pelos jejes, até o multissincrético campo de umbanda. Não vejo nessas adaptações o desvirtuamento ou corrupção da religião, mas uma série de transformações culturais espalhando-se a partir de um tronco inicial que permanece uno em sua diversidade, nas características que Édilson Carneiro, concordando com Nina Rodrigues, assinala, e que a partir de minhas próprias observações em alguns anos de contato com os terreiros, enxergo de outra maneira. Apesar de todas as divergências litúrgicas, permanece, do mais puro ketu ao mais confuso terreiro de umbanda, a presença de certos orixás básicos para a sobrevivência cultural negra, orixás guerreiros em sua maioria, e simbólicos do espírito de luta negro que jamais sucumbiu, como Ogum, universalmente cultuado no Brasil. Encarado de formas diversas, temos Exu, ora como simples mensageiro, bem mandado, ora como entidade malfazeja. Também permanece o processo divinatório, quer seja por búzios, opelê (já praticamente desaparecido no Brasil, tendo-o Pierre Verger trazido de volta da África) ou no copo d'água, cartas ou quaisquer outros processos divinatórios. E também o fenômeno de possessão de orixás. Um caso interessante é o da vizinhança do Ilê Apô Afonjá a um templo protestante, dotado de um poderoso alto falante que fica estentorando o evangelho pelos ares, misturado

com o batuque forte dos atabaques em uma interminável competição do evangelho eletronicado com o forte canto negro, em noites de domingo.

Mas o sincretismo vai mais fundo na alma do povo baiano. Surgindo da necessidade dos negros adaptar-se à religião dos patrões (que segundo Roger Bastide, respeitam, vez que os deuses dos patrões haviam vencido seus orixás e asseguravam o cativo), religião que providencialmente dispunha de um elenco de santos, alguns dos quais eram bem semelhantes a seus orixás, o sincretismo negro-católico, na verdade mimetismo, a princípio simples disfarce para a preservação de um culto, foi-se arraigando na mente dos negros. Disso se aperceberam os padres, que, longe de desestimular a adoração a Xangô como São Jerônimo, ou de Iansã como Santa Bárbara, estimularam isso, pensando que, com o tempo, as duas divindades se confundiriam na mente dos negros, e confiantes de que a força da religião oficial, única a realmente dar status, em breve eliminaria os “primitivos e bárbaros fetiches” e faria desabrochar em plenitude no espírito dos negros a flor suprema de uma religião tão perfeita quanto branca e européia, romana, enfim. Nisso, porém, se iludiram. Pois se a catequese conseguiu arranjar um espaço na mente dos negros para muitas nossas Senhoras, e muitos outros santos, ela jamais erradicou a crença básica, deixando o catolicismo a nível de uma simples adaptação à sociedade global. Pois em algumas casas de culto mais heterodoxas se encontram imagens

de santos até nos próprios pejis, em outras, os pejis estão imaculadamente livres da expressão antropomórfica de quaisquer divindades. E, se inúmeras cerimônias do candomblé são seguidas de uma missa, todos os componentes da casa que a manda officiar estão conscientes de que o fazem para manter uma tradição e também porque, quem sabe lá os deuses dos brancos também têm sua força, pois até ajudam os brancos a manter a melhor fatia do bolo social. Mimetismo, na verdade, e não sincretismo.

Por outro lado, tradicionais cerimônias como a lavagem do Bonfim, por exemplo, sofreram sérias restrições por parte do clero. Os negros, na realidade, vinham lavar a casa de Oxalá, que frequentemente possuía seus adoradores no adro da igreja, causando asco e horror aos padres que viam o demônio na casa de Deus, paranoicamente proibiam a lavagem da parte interna do templo da Sagrada Colina, apenas consentindo que lavassem os degraus do mesmo, pois na parte externa os orixás não poderiam perturbar os legítimos santos romanos. Somente com a interferência de um esclarecido governador é que a lavagem avançou um pouco mais e hoje lava-se o átrio da igreja de Nosso Senhor do Bonfim/Oxalá, na famosa segunda quinta-feira de janeiro, onde uma multidão de turistas, cinegrafistas, filhas-de-santo, mães-de-santo, padres, arcebispos, cardeais, políticos, acorrem, alguns com seus crucifixos atados a um fio de contas branco, simbolizando a integração do filho de Deus dos brancos

com o filho de Olorum dos negros. É realmente um momento baiano grandioso quando, da mistura de hinos, ouvem-se os gritos de hepa-babá, saudando Oxalá, e cânticos nagôs em honra ao pai de todos os orixás e de todos os homens.

Outro interessante fenômeno é a famosa peregrinação das segundas-feiras à igreja de São Lázaro, grimpada em uma colina que espia o mar de longe e do alto mimetiza esse santo católico com Omolu, o orixá dos sacrifícios e das doenças, cujo dia da semana é segunda-feira, daí recair neste dia a romaria.

O Velho Omolu é cultuado com toda reverência neste templo, onde por não poder evitar a chuva da flor do velho (pipocas) em todos os arredores da igreja, os padres puseram um tímido cartaz no interior do templo solicitando que não se joguem pipocas dentro da igreja. Lá fora, parece até neve. E as inúmeras velas se multiplicam dentro e fora, e inúmeros vendedores comercializam fios de contas vermelhas, pretas, brancas, que pertencem ao velho Omolu, além dos patuás, ervas, e outros elementos do ritual negro, lado a lado com as velas, imagens em gesso e quadros de São Lázaro, fitas e medalhas e correntes e crucifixos. De vez em quando, uma pessoa é retirada da igreja em transe, possuída pelo velho Omolu, e todos gritam “Atotô”, pedindo misericórdia ao poderoso dono das doenças, ao senhor da terra, Omolu ou Obaluayê. E todos os processos reversivos que sucedem, desde atribuir a Omolu o domínio dos cães, porque São Lázaro é geralmente

representado com cachorros a lhe lamberem as feridas (o cão é o animal de Ogum e Oxossi na ortodoxia nagô), a reciprocamente atribuir a São Lázaro o poder de distribuir a bexiga-preta, a terrível varíola, como castigo, aos incréus.

O sincretismo manifesta-se com bastante veemência na culinária baiana. Todas as comidas típicas da Bahia têm a sua origem em comida de orixás. O baiano de hoje consome em sua mesa, às vezes sem saber, comidas rituais que passam das casas de culto para as mesas dos lares e dos restaurantes, são servidas em recepções nos palácios, e consumidas nas ruas em tabuleiros. Uma delas, como o amalá de Xangô, numa receita condimentada, transforma-se no caruru, no maior e no mais lauto almoço baiano regado a vinho, o almoço da quinta e da sexta-feira santa, onde se observa o mandamento da Igreja Católica de não comer carne, degustando comidas de orixás, tais como xinxim de galo, comida de orixás masculinos, ou de galinha, de orixás femininos, acarajé, comida de Iansã, acaçá branco, comida de Oxalá, farofa de dendê, que acompanha quase todos os ebós para Exu, ekuru, acaçá escuro de Oxum, e outras comidas nagôs, que são de rígido preceito e se originam das casas de cultos, como o efô e o tradicional e decantado vatapá baiano, que são variantes de comidas de orixás. E é ainda o caruru que preenche uma outra função sincrética. Durante o mês de setembro, dedicados aos santos católicos gêmeos, Cosme e Damião, toda família baiana que se preza

oferece seu caruru a São Cosme e, se na família tiver alguém nascido em setembro, o ritual assume efeito coercitivo, e reveste-se de forma litúrgica semelhante ao oferecimento do amalá em casas de culto, com sete meninos comendo com as mãos em uma bacia, básico princípio de uma refeição comunal negra. Raro é o baiano que ainda não tomou um banho de folhas, ou não bebeu uma poção preparada com ervas em busca de cura espiritual ou alívio de doenças. Como disse antes, os negros africanos ao chegarem ao Brasil encontraram uma flora semelhante à da África. Além do que, trouxeram de lá da costa plantas que se adaptaram em sua totalidade em nosso clima. Conhecedores das propriedades terapêuticas e letais de ervas, algumas das quais desconhecidas pelos botânicos, os negros puseram-se a curar, envolvendo este processo de fitomedicina numa áurea mágica. E aqueles a quem a medicina convencional não deu alívio procuram os terreiros. Para pedir receitas de banhos, de poções, e, ainda mais, a cura de seus males do corpo ou do espírito pelo processo mágico milenar dos ebós de todos os tipos que as mães-de-santo tiram no jogo de búzios. Não seria talvez hiperbólico dizer que todo o baiano tem dois assessores de sua saúde. Um sisudo e garboso esculápio vestido de branco e um primitivo pai-de-santo, que, não tem um ar de profissional competente, lida, contudo, com forças que os cientistas desconhecem e procuram desmoralizar com a pecha de charlatanice. Principalmente em casos de doenças mentais, a

percentagem de procura dos candomblés aumenta; é, acreditam o índice de cura bem maior nos terreiros do que nos sanatórios psiquiátricos da Bahia.

Desencantados de médicos, suas drogas e sorrisos de superioridade profissional, os pacientes sempre encontram calor humano e esperança nos candomblés. Lá não existem esquizofrênicos e sim possuídos, que afastadas as influências malignas, tornam-se cidadãos normais como todos os outros. Desde o tradicional traje de baiana, o traje típico da Bahia nos concursos de Miss Brasil e típico do Brasil no concurso de Miss Universo, até a extrapolação deste traje para a música popular (exportado por Carmem Miranda que adicionou abacaxis e bananas à base negra) e a sua presença marcante no carnaval brasileiro, até uma linha de moda tropical lançada por um, mestre de "haute-couture", os trajes rituais negros estão presentes com muita força no dia-a-dia do baiano. As batas e as saias rodadas, as estilizações do modelo negro são constantes não só no vestuário de carnaval como na moda da Bahia, que se expande para o Brasil. O hábito de vestir branco às sextas-feiras em homenagem a Oxalá povoa as ruas de Salvador de alvura, contrastando com o negro do asfalto, e os abadás, antes de exclusivo uso religioso, começaram a ser usados como moda pelos homens e nos blocos de carnaval. E, ao invés de um simples lenço amarrado na cabeça para ocultar os rolos com que aparelhou seu cabelo, as baianas atam um ojá à sua cabeça, o típico torço negro ritual, que também

é muito usado mesmo sem os rolos, dando à mulher baiana, mesmo branca, aquele encanto quente e doce das negras e mulatas. E, graças à influência negra, Salvador desmoralizou o colonialismo do paletó e gravata, raros nos dias de calor, onde a camisa esporte aberta no peito é a dominante.

Nossos
Colonizadores
Africanos

Hoje, na Bahia, é difícil entrar-se numa casa cujo dono não possua quadros de orixás, objeto de culto, estatuetas rituais, máscaras e outros artefatos decorativos de raiz negra.

80

Casa há cuja decoração é toda baseada num padrão negro com atabaques pelos cantos e murais de orixás. Esta linha foi aproveitada por uma construtora local que colocou nos seus edifícios nomes de orixás, culminando com um curioso sincretismo lingüístico, o Orixá's Center. Em todos os edifícios destas construtoras há um painel com o orixá correspondente e, apesar de não ter visitado o portentoso Orixá's Center, quero crer que lá todos devem estar em efígie. Pintores, gravadores, entalhadores, escultores sabem que têm um mercado fértil e rentável se produzem orixás. E de todas as forjas, de todos os pincéis e de todos os cinzéis brotam orixás misteriosos e imponentes que irão enfeitar apartamentos e casas baianas e de fora da Bahia, onde, sabe-se, desenhos, pinturas, ou esculturas de orixás vendem-se aos montes e se afobam em expor no Rio e em São Paulo, sempre deixando misteriosamente transparecer que, de algum modo mágico, pertencem ao culto e foram inspiradas pelos próprios orixás.

Oriundas no mais profundo recesso dos cultos negros, jóias ornamentam os colos, braços, pescoços e orelhas da mulher baiana. Desde os mais simples fios de contas, que todos se orgulham de usar, ressaltando o seueledá (orixá protetor) até toda espécie de braceletes rituais, argolas de búzios, anéis de búzios, figas, colares, anéis, broches, gargantilhas, todas ligadas direta ou indiretamente ao culto, estão presentes nas caixas de jóias da mulher baiana. Até os hippies adaptaram seu artesanato fazendo pulseiras, brincos e colares ligados a orixás, e nos mercados e feiras, principalmente no fantástico Mercado Modelo, a mulher fica louca ao ver a profusão de jóias de prata e de ouro e de bijuterias de todas as espécies que a farão a mais bela porque autenticamente brasileira e típica em sua beleza.

E nesta caótica joalheria misturam-se desde a estrela de Davi, antiqüíssimo símbolo sumério adotado pelos negros do Candomblé, até crucifixos feitos de búzios rituais, numa parafernália ornamental onde há essência e na raiz está a matriz negra, re-dimensionando o sentido joalheiro ocidental. E os turistas que aqui aportam não saem satisfeito se não levarem uma mostra dessa joalheria baiana que os fará menos turistas ao voltar.

Observa-se, pelo que expus, que as raízes negras estão de tal forma embebidas em nossa cultura que o homem da Bahia pensa, age, fala, come e se veste mestiçamente; tendo, por conseguinte, uma visão de mundo mística, uma poderosa visão que é mais brasileira e com a qual vem enfrentando sem-

pre os embates de uma natureza hostil e de uma regressão colonialista constante. O baiano contrapõe sua saída mística apegando-se conscientemente ou inconscientemente a uma religião que lhe provém conforto material e espiritual de uma forma muito mais imediata e garantida que as promessas de uma recompensa em nível não-terrestre, recompensa porém, que também, almeja. E por isso, apegando-se com fé e garra aos cultos dos misteriosos negros, o baiano não dispensa, porém, o seu Padre-Nosso e procura não faltar à missa aos domingos. Come seu vatapá, mas não deixa de deliciar-s com uma lancha. Joga capoeira, mas não se exime de aprender karatê. Usa seu fio de conta, mas não esquece o crucifixo. Põe um quadro de orixá na parede, mas não se descuida a ponto de não ter uma reprodução da Santa Ceia. Procura o pai-de-santo na doença, mas não despreza o médico. Toma banho de folhas, mas antes ou depois oferece as nádegas a uma injeção.

Pegando-se lá e cá, o baiano encontra segurança na hibridez e vem enfrentando, há séculos, e ainda hoje enfrenta um sistema que o oprime, mas que na frustração cotidiana vai conseguindo vencer intermitentemente. Em meios às condições mais precárias, atinge sua meta – sobreviver – e passar o bastão a outras gerações que, das antecedentes, aprendem os mecanismos de resistência. Sabe também que, como diz o poeta Gil, com Senhor do Bonfim por um lado e Iemanjá pelo outro, o povo mestiço da Bahia permanecerá, viverá e vencerá.

ABOLIÇÃO, LIBERTAÇÃO OU CHOQUE?

*Nobody knows the troubles. I've seen,
Nobody knows, but Jesus.
Nobody knows the troubles. I've seen
Glory hallelujah.*

“Spiritual” negro americano.

Muito têm procurado o sentido profundo da escravidão, da Abolição e do período que lhe segue. Alguns têm conseguido acumular uma série de dados e trazer alguma luz sobre esse todo. Hoje, tem-se uma noção melhor de nossa história.

Quando eu era menino, era diferente. A Abolição, por exemplo, era uma panacéia universal que havia sanado de uma vez por todas a mancha de escravidão no Brasil. Acho que a história oficial é toda assim. Frases de efeito, datas, efemérides, e nada das horas vertidas em sofrimentos.

Até hoje, não encontrei expressão mais eloqüente da dor de ser escravo do que nesse “Spiritual” que tomei como epígrafe. Depois do lamento de que ninguém conhece as vicissitudes porque passou, a não ser Jesus, ele repete o lamento e, como não há o que fazer nem adianta contar seus males, ele glorifica os céus. O silêncio diz tudo nessa obra-prima.

Assim, no silêncio de existências sacrificadas, os negros se espalharam de novo, dessa vez na diáspora enervante da busca da subsistência.

Muitos negros encaixaram-se em empregos e subempregos nas regiões urbanas. Outros migraram,

*A Corda
Tradição*

aqui e ali, em busca de melhores condições. Muitos permaneceram na senzala, trabalhando em troca de comida. Alguns adquiriram ofícios razoavelmente remunerados. Boa parte, entretanto, sucumbiu à doença e à subnutrição. Todos sofreram o que eu gostaria de chamar Choque Anafilático da Abolição. Em São Paulo, conta Artur Ramos, morreram em massa, dizimados pela tuberculose, desempregados pelo empuxo embranquecedor dos imigrantes, para quem era necessário prover mão-de-obra. e, pasmem, apesar de ser o clima invejável, Salvador já ostentou o maior índice de mortalidade por tuberculose de negros e seus descendentes no Brasil.

Não é necessário falar sobre o Choque Anafilático da Abolição para que se compreenda não ser suficiente que uma loura princesa da Casa de Bragança aponha seu autógrafo numa folha de papel, com uma caneta de ouro, responsável pela alcunha da lei, Áurea. Uma transição violenta como essa não se faz apenas no papel, trata-se de uma mudança estrutural e não da simples aquisição de um novo *status*. Livre não é o carimbo que se bate na testa de um ser humano como ferro de marcar gado. Toda uma preparação deveria anteceder a abertura das comportas, sulcando o leito por onde haveriam de correr as águas negras até integrarem-se ao grande caudal da nação. Uma pedra não se moveu e essas águas revoltas ainda se chocam contra inumeráveis muralhas que cerceiam suas passagens; seu fluir tranqüilo, seu caminho de reencontro com o oceano da plena síntese.

Falamos superficialmente dos processos de resistência da Pós-Abolição. E ficou claro que esses processos estão livres. Alguns se desviaram, mudando seu significante, mas não alteraram o significado. Ou seja, submetidos a condições adversas, o povo negro do Brasil continua resistindo. Alguns falam que não podemos cometer um erro dialético – negro não é classe social – é nas relações de produção que está o xis do problema. Já pensei assim, e não poderia ser outra a posição de quem se formou no materialismo dialético. Mas infelizmente no Brasil as coisas vêm misturadas. Mais de 70% do proletariado brasileiro está composto de negro ou mestiço. Preto e pobre no Brasil freqüentemente são sinônimos e, quando não, carregam ente si uma estreita relação de parentesco. Nessa circunstancia, quando digo negro, falo também dos seus descendentes.

Por outro lado, resta examinar o fenômeno da pele escura como signo de rejeição. A etiologia desse fenômeno não pode ser explicada pelas relações de produção. Quando muito poderíamos pensar na inferioridade econômica como uma das causas remotas do preconceito, mas o efeito realimentador da ideologia de superioridade rácica proveria maior alento e impulso à sua consolidação. Nesse caso, acredito, melhor refletiria o vetor dialético de cima para baixo do que de baixo para cima. A idéia disseminada de que o negro é inferior, adquirida irracionalmente na infância, iria se nutrir das evidências

oriundas de uma situação social geradora do preconceito – entende-se o negro inferior porque ele é escravo – quando na realidade isso é produto de toda uma gama e traços psicológicos da sistemática do poder. O negro foi feito escravo porque era julgado inferior – mais submisso do que o índio? Não – o negro aceitava a escravidão como fato cultural – o índio não, definhava no cativo. Esses foram os argumentos do Padre Antônio Vieira para convencer o Rei de Portugal a parar com a escravidão dos índios e importar as peças da costa – *Res Somoventes* – como no direito romano. Assim começou a diáspora versão Brasil. O preconceito a antecede.

86 A *Lex Aurea* aboliu o preconceito? Dissipou os processos de reificação? Evidente que não. O preconceito acabou em nossos tempos? A resposta é a mesma. O signo pele escura continua sendo causa de rejeição; alguns afirmam que o preconceito é contra a pobreza, negro rico não é discriminado. Essa é sem dúvida a famosa exceção que confirma a regra. Alguns negros admiráveis por seu talento e heroísmo, ascenderam nesse país aos primeiros escalões da Cultura Nacional. Esses negros se impõem ao *establishment* porque o seu gênio pessoal os coloca acima do bem e mal sociais. Esses negros não provam a inexistência do preconceito, mas sim, a sua irrealdade. Fossem os negros inferiores não teriam eles ascendido ao Olimpo da consagração nacional, frequentemente tendo passado por mais uma vez na vida pelos obstáculos da rejeição,

quando não pela humilhação. Machado de Assis é o maior exemplo.

Tudo isso significa que a solução está no racismo sectário que se opõe a outro. Observem que os problemas de intolerância tendem a se agravar nos regimes totalitários. Foi antes da ditadura de 64 que um negro pisou no Itamaraty. Somente quando raiou a abertura na Bahia é que tivemos uma secretária da educação negra e um secretário de cultura municipal negro, Gilberto Gil, cogitado para ministro., então, feito ministro por Lula.

Procurei exorcizar a onipotência do determinismo econômico, mas é claro que, em regime de democracia plena, onde impera uma justa distribuição de riqueza, todas as relações humanas são mais racionais, afetuosas e pacíficas. O totalitarismo nutre-se da insensatez, capitalizando os poderes da ignorância. Compreende-se melhor o sucesso da ideologia de dominação por superioridade de raça, cor ou credo quando por ela um camponês simplório do Portugal quinhentista podia sentir-se superior a um intelectual cristão novo. Um rude cavalariço alemão podia sentir-se mais elevado do que Albert Einstein; e um oligofrênico facínora sul-africano sente-se mais bem dotado que Desmond Tutu. Nesses três casos, os interesses apenas rodeiam e cedem passagem ao instinto mortífero de dominação – cada homem é credenciado a ser um tirano em si, a tirania não se exerce apenas no âmbito político, mas, no confronto individual, cada cristão velho so-

bre cada cristão novo, cada alemão sobre cada judeu, cada sul-africano sobre cada negro.

Essa é, aqui, uma etapa superada. Lembrando tudo o que passou e que, tenho fé, não vai voltar, vemos que é preciso comemorar. Comemorar os feitos de todos aqueles, independentes de raça, cor ou credo, que lutaram por uma sensível parcela dos oprimidos no mundo que, apesar de serem nossos irmãos, foram a estes estado reduzidos por serem nossos irmãos mais escuros. A eles eu apenas digo: é preciso cantar, é preciso dançar, é preciso rir, porque os mais escuros absorvem melhor o sol.

E se eu puder propor um emblema para a comemoração, este será a Mulher Negra. Ela que com labuta, dignidade e resignação provou, na adversidade, a majestade de ser negra na grandeza de ser mulher.

ABOLIÇÃO À LUZ DA REFLEXÃO

Na ocasião em que o Brasil está prestes a deflagrar um processo de celebração dos 100 anos da abolição da escravidão, cumpre mais uma vez – e não será a última – concitar a todos para o exercício da reflexão, a fim de que possamos entender com inteireza os sucedimentos desse longo período de penosa adaptação do negro à sociedade brasileira, percorrendo o caminho de escravo a subproletário; de coisa a subgente; nunca, porém livre, como juridicamente se quis; nunca, porém igual, como demagogicamente se pregou; apesar de genuinamente, como todos sabemos, de pele escura, nosso irmão brasileiro mais sofrido.

Há muito que movimentos de conscientização negra, os mais diversos, vêm promovendo efemérides alternativas para aglutinar a comunidade negra. Há muito que as festas são outras que não o pífio 13 de maio. Há muito que uma elite intelectual negra sabe que as coisas não são simples quanto rezam os manuais de História do Brasil. Há muito que o negro já não se deixa embair pelos mitos apregoados pelos donos do poder – esses que necessitam da ignorância para reinar; esses que precisam da escuridão para brilhar.

Somente agora os poderes constituídos se mobilizam para opor uma contribuição ao processo de autoconhecimento do negro e na revelação dos me-

canismos sociais que presidiram o conflito de raças nesse país, que negou durante muito tempo pela boca de alguns dos seus mais prestimosos porta-vozes; que ocultou a desigualdade racial com o ardil safado do paternalismo.

Compreende-se: raiou a abertura no horizonte do Brasil. Em verdade, ela se fez com mais vigor aqui – aqui na Bahia, onde o povo experimenta um pouco do poder; aqui onde o negro, Gilberto Gil, governou a cultura municipal; aqui onde uma negra, Maria Augusta, governou a educação; aqui onde Estado e Município deram as mãos para organizar um encontro nacional sobre os 100 anos da abolição. Aqui, dias 27,28 e 29 de novembro de 1987, a comunidade intelectual do país esteve reunida para debater e discutir esses malfadados 100 anos de descativeiro aparente; esteve congregada para questionar as posturas tradicionais em torno da abolição; enfim, mobilizou-se para uma reflexão conjunta.

Foi o encontro nacional, um primeiro passo nesse caminho de re-pensar o que foi o ano da abolição. E foi um passo de légua porque, pela primeira vez na História do Brasil, fez-se um congresso apenas para tratar de um assunto relativo à comunidade negra – vale dizer à maioria do povo do Brasil. Antes, congresso era reduto dos esotéricos aficionados das ciências devidamente ocultas, pois sempre foi perigoso dar saber ao povo; antes, o poder escusava-se de qualquer ato de reflexão – induzia, sim, à alienação completa para poder reinar soberano. O

poder resolveu cumprir sua função; resolveu desempenhar seu verdadeiro papel de mandatário de um encargo do povo. Resolveu escarafunchar as raízes podres de nossa história. Assim plantar-nos-emos mais sólidos – arrancando essas raízes e desbastando o caminho de nossa destinação futura.

Esse encontro revestiu-se, da maior importância para o povo brasileiro como um todo e para a comunidade negra em particular. Organizado em cinco mesas-redondas que desencadearam debates prolongados na plenária, o encontro trouxe à luz, como tema: *Brasil: crises e soluções*, anatomia e terapia, evitando ficar num mero diagnóstico; partindo para apresentar contribuições substanciais para debelar a crise.

A primeira mesa versou sobre a origem histórica da crise: processo e contexto atual. Nela se debateu o escravismo, as relações sócio-econômicas geradas e, além da diacronia da abolição, seus desdobramentos atuais, desembocando no sindicalismo, organizações políticas e movimentos emergentes.

A segunda mesa teve como tema cultura e pluralidade, e buscou refletir sobre sobre a nossa identidade pluralista, nossa crise civilizatória, ou o uso da ação cultural pela indústria cultural, a cultura como mecanismo de resistência, a cultura como a afirmação na nacionalidade, e todos os demais assuntos concernentes a um tema tão rico quanto este.

A terceira mesa tratou de instituições: práticas e alternativas, buscando refletir sobre o papel, im-

portância e ação das instituições nas relações sócio-econômicas, culturais e políticas.

A quarta mesa se ocupou do processo político e estratégias, discutindo a participação nas eleições dos governos Federal, Estadual e Municipal; a criação do conselho e assessorias; a atuação no poder executivo e muito mais tópicos relativos às ingerências políticas.

Um assunto da maior relevância em que se examinará as instituições negras do passado e do presente e a sua contribuição para o processo de conscientização de liberação do povo negro no Brasil.

92 A quinta e última mesa debateu sobre as linguagens artísticas, meios de comunicação e estratégias. Nesse importante ramo da cultura, a mesa movimentou os participantes, tentando achar os parâmetros para os agentes da linguagem artística: o papel dos meios de comunicação na ideologia do embranchamento. Também estudou a possibilidade de linguagens alternativas que contestem a repressão.

Ao lado das mesas-redondas, nos intervalos dos trabalhos, ocorreram várias manifestações culturais negras que não ficaram no mero campo do folclore, mas demonstraram o vigor dessa cultura. Inúmeras atividades artísticas e culturais estavam programadas e conduziram o encontro a um clima constante de atividade.

Os integrantes das mesas-redondas foram convidados entre artistas e intelectuais, assim como entre figuras de todo o país, pois, na verdade, esse

foi um encontro nacional que pretendeu passar um panorama da crise nacionalmente. Para isso, os organizadores do encontro trouxeram convidados de todas as regiões do Brasil. As mesas-redondas tiveram uma formação democrática e uma estrutura pluralista.

Destarte, tivemos na Bahia, em 27,28 e 29 do mês de novembro de 1987, um grande fórum de debates da problemática negra do Brasil, da qual nenhum intelectual consciente furtou-se, mormente aqueles que, conjuntamente, trabalham pela causa dos oprimidos no Brasil. Nem tampouco os negros.

Vieram todos. Vieram de armas e bagagens. Vieram à Bahia de Todos os Santos. Vieram ao útero do Brasil. Vieram de voltas às suas raízes. Foi aqui que o desenho começou. Impossível agora fazer voltar os barcos, mas nossa mente sábia e inventiva pode fazer regredir a imagem na tela do pensamento – repensar para reviver – refletir para retratar – comemorar? Sim, contudo enquanto estiver correndo um traçado novo – um novo desenho para uma nova raça. A plural, rica e forte raça brasileira. Vieram, acorreram de todas as partes. A Bahia os esperava para reinventar o Brasil.

SEM DESALIAÇÃO NÃO HÁ ABOLIÇÃO

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

Somos uma nação barroca, nascemos barrocos numa diluição maneirista do legado do Alto Renascimento. Criamo-nos e crescemos barrocos, amaneirando toda a espécie de classicismo que nos tentou conquistar: combatendo qualquer estilo explícito de vida.

94

O Barroco é uma ideologia do Contra-Renascimento, movimento que pretende anular as conquistas democráticas do Renascimento pelo Obscurantismo planejado – no Concílio de Trento estabeleceu-se a veiculação da ideologia através da arte e encetou-se a proposta de um fusionismo que anulasse, por suas concepções de mundo, toda a polarização – o Barroco abole os contrários abolindo as oposições entre humano e divino, feio e belo, rico e pobre, nobre e plebeu, todas as oposições, anulando, de roldão e por abafamento, as contradições entre massa espoliada e classe dominante – esta, na época, era uma aliança espúria dos representantes divinos na terra – o clero – e os representantes do poder – a aristocracia – reforçada, então, pela concentração do poder nas mãos do rei, que para isso tinha o Direito Divino, desta forma incentivando e consolidando o absolutismo real, permitindo o surgimento dos chamados Déspotas Esclarecidos

A torpe intenção de ocultar o absurdo da injustiça social reveste-se de uma linguagem extrema-

mente eficaz – o Barroco é rico, luxuriosamente rico, sinuoso, espiralado, envolvente. Enquanto a arte clássica convida à contemplação e análise, a arte barroca abafa o espectador e, conseqüentemente, abafa a razão, ao invés de, como pretende esta, conciliar com a emoção. No desequilíbrio da linguagem, a ideologia barroca privilegia, pois, o irracionalismo.

Daí sermos uma civilização calcada no irracionalismo: um povo que se expressa através de uma arte que valoriza o sentimental até quando pretende ser racional. Inserido nesse contexto, o brasileiro aceitou por séculos como natural um estado de coisas que, hoje em dia, beneficia em primeiro lugar, gordamente, o capitalismo internacional e, secundariamente, nossa classe dominante, escrava dos senhores internacionais; senhoras dos escravos nacionais.

Por isso, a arte brasileira é, em suas manifestações oficiais, em suas produções mais incentivadas, em suas realizações mais bem remuneradas e que dão mais fama, um veículo da ideologia da classe dominante.

O é de forma direta, veiculando os mitos necessários à manutenção do sistema em seus pilares mais sinistros. O é de forma indireta, premiado com elevado status estético os cultores da arte desligada da realidade social. O é de forma sagaz, estimulando a arte enquanto atividade meramente lúdica; enquanto uma mera distração, apenas lazer, recreação, ou seja, ópio, um tóxico como outro

qualquer. Desses que a juventude não precisa temer, antes deve consumir – enquanto a miséria canta e dança, ela não incomoda ninguém; gasta suas energias; desaparece mais depressa, vítima de inanição – cantar e dançar, irmãos, não acaba com a pobreza, mas alivia a fome.

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

Compreende-se, então, porque toda essa ênfase em que a arte negra no Brasil seja simplesmente negra, e que negra seja simplesmente africana, e que africana seja unicamente rude, primitiva, emocional, inseqüente, simplória, popularesca, banal. Por esse raciocínio, africano é apenas, sempre e nunca será mais que folclore.

96

Dentro desse processo de alienação que só beneficia as classes dominantes, acusa-se de elitismo toda a tentativa de fazer arte de boa qualidade como se, para ser autêntica, a arte tivesse de ser ruim, ou pelo menos elementar, rasteira. Há todas as artes no seio da arte negra. Desde as mais primárias até as mais complexas. Mas instilaram no negro uma imagem dele mesmo que é justamente a que as classes dominantes querem que ele tenha e a que lhes serve aos processos de dominação da massa.

Aí, os próprios negros acusam Machado de Assis de não ser negro; acusam Cruz e Souza de não ser negro, sem perceberem que ao fazer isso estão se auto-discriminando, pois admitem que o negro não pode fazer arte refinada: o refinamento desses dois escritores seria branco; somente o branco, então, é capaz de refinamento; donde, para atingir o refina-

mento, há que necessariamente embranquecer – e essa é a mensagem constante do Sistema.

Na música popular, só vale pagode. E Milton Nascimento? E Gilberto Gil? Vão ter que fazer pagodes para provar que são negros? E o jazz? E a bossa nova? Bossa Nova nada mais é de que a confluência do espírito musical negro comum que habitava de baixo do corpo do jazz e do samba. E o rock? O rock é pura música negra, impõe um estilo negro de cantar; de dançar, de viver. Janis Joplin, a maior cantora de rock do século, era branca, mas cantava com sotaque negro em inglês, que é o oficial do blues, do soul, do funk, de toda a música popular moderna americana que se opõe flagrantemente ao sotaque branco acadêmico de Ronald Reagan e Frank Sinatra que falam com a imposição e sotaque de Hollywood que sempre ensinou uma dicção mecânica para melhor veicular a mensagem de massificação com que iludiu o mundo. Os Beatles não cantavam com sotaque britânico. Procuravam imitar o sotaque dos negros americanos, tanto que estes imprimiram seu caráter na música popular.

O jazz é um dos grandes impulsionadores da música erudita do século XX. Quando Stravinsky, em 1912, lançou a *Sagração da Primavera*, consagrou nessa peça o ritmo sincopado e o diverso senso de improvisação do jazz, revelando o alto nível dessa música negra.

Quando Picasso, em época consentânea, pintou *Les Femmes d'Alger*, quadro que consoli-

da o cubismo, ele pintava máscaras africanas, máscaras negras em rostos brancos, consagrando uma arte que se mostrara mais moderna do que a arte europeia, porque havia descoberto primeiro e assumido como linguagem a abstração.

Essa alma barroca que nos faz valorizar o irracional em primazia aceita de braços abertos o *Kitsch*. Se o Barroco anula os extremos, o *Kitsch* confunde tudo sob uma aparente ordem e harmonia, frequentemente monumentalizando a realidade, a arte. E, nesse panorama, utilizam-se os incentivos ao lado animalesco do negro.

Remunera-se regamente o negro atleta; o negro malabarista; o negro pagodeiro; o negro batuqueiro; o negro palhaço. Serve ao Sistema essa imagem do negro animal saudável e brincalhão – divertido e inseqüente. O Sistema paga bem por ela em moeda sonante e em condecorações. Interessa-lhe na imagem do negro apenas força – não foi com a força que o negro construiu nossa pátria barroca? Somente ao Sistema, nunca ao negro como um todo, interessa o africanismo entendido como força irracional, mesmo que, pensando assim, um negro, dois negros, fiquem milionários aceitando o papel de, com as pernas e com os braços, serem os gladiadores do século XX nos coliseus e palcos de concreto – Pelé, Maguila ou Pérola Negra. Não é por aí que o negro atingirá a verdadeira Abolição. Contribuirá para preservar a miséria, o obscurantismo, o preconceito.

Não quero dizer com isso que não se deve fazer arte primitiva. Mas que se deve fazer todas as artes. Que se deve ocupar todos espaços. E mais, deve-se ocupá-los criticamente. O homem vira um escravo do destino quando perde o senso crítico. E o artista reduz-se a um simples palhaço. Nós, os artistas do século XX, não podemos ser apenas palhaços da burguesia. Sejamos, sim, os seus maiores críticos. Façamos arte, mas vamos deixar bem claro que (principalmente o artista negro que vence com maior esforço) o artista faz arte, toda a espécie de arte, mas jamais deve se prostituir.

*A Corda
Tradição*

NOSSOS COLONIZADORES AFRICANOS

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

No famoso poema José, de Carlos Drummond de Andrade, há uma passagem que diz: “quer ir para Minas/ Minas não há mais?” Com isso, o poeta expressa a irreversibilidade do deslocamento do homem do campo para a cidade. Uma vez emigrado, urbanizado, aculturado, o camponês jamais será o mesmo, jamais adaptar-se-á ao campo outra vez. Portanto, o campo, Minas, suas origens, não existem mais: o cordão umbilical foi cortado. Resta apenas um território nostalgicamente mítico na imaginação do imigrante que dele só pode mesmo fazer poesia.

100

Se é assim num processo migratório campo/cidade dentro do mesmo país, que dizer do acontecimento na diáspora negra? Extorquido da Mãe África e implantado em novo universo, o negro passa por um processo de ruptura bem mais violento mas que, ao axioma paralelo “África não há mais”, opõe uma intensificação da nostalgia, reforçando o território da imaginação; amarrando os laços místicos e míticos. O negro transporta-se então à sua raiz: retroage em seus sentimentos e aspirações, cultua seus mitos e deuses. Tudo isso é um processo salutar de retorno às raízes, mas só o será devidamente se o negro brasileiro se der conta da integridade do axioma drummondiano. A África de outrora é hoje um dos componentes da complexa raça brasileira, forjada por centenas de anos e miscigenações de

toda espécie. Essa África de outrora existe apenas na mente do brasileiro. África não há mais. Não há mais retorno.

Observa-se que o africano que de lá veio, contrariando de cara os mitos de inferioridade dos negros, terminou construindo aqui uma super-raça – não por critérios nazistas de uma apuração genética premeditada, mas por um rigoroso processo de seleção natural. Somente os mais fortes e os mais inteligentes sobreviveriam a uma travessia do Oceano Atlântico em condições extremamente precárias e à repressão. Só me dei conta das agruras de um percurso oceânico quando sofri enjôos que me prostraram de cama toda a viagem a bordo de um transatlântico francês, o Lavoisier, imenso com seus estabilizadores e todo conforto de um hotel. Eu só pensava, pensando que ia morrer, nos escravos, nos porões das caravelas. Os holandeses às vezes traziam 500, 600 escravos num *yacht* ou bergantim. Imaginem o desconforto, a má alimentação, a falta de higiene e o que é muito importante, as condições distintas do habitat desses negros, da savana, da mata, do aberto. Um brutal e traumático processo do qual só saíam com vida e saúde os mais aptos. Estes dariam surgência aqui a uma raça de fortes, a uma super-raça, por sua complexidade, capacidade de adaptação e de sobrevivência em condições hostis. Aqui, além da resistência física, psicológica e orgânica, os negros tiveram de usar toda sua astúcia para sobreviver face à inferioridade militar que tinham em relação aos

portugueses, a única, aliás, porque no mais mostraram-se muito mais em casa – Nordeste brasileiro e Golfo de Guiné são terras irmãs, um dia estiveram unidas geograficamente. Os escravos africanos vieram reunir os dois continentes. Os europeus, no trópico, tropeçam, tristes europeus, nem tanto os portugueses, quase tropicais.

Nossos
Colonizadores
Africanos

Resulta que esse impulso cultural de adaptação dos negros foi tão forte que os esforços de branqueá-los terminaram por empretecer os brancos. Aqui na Bahia, mais do que em qualquer outro lugar do Brasil, a presença cultural negra na religião, na culinária, no vestuário, na música, na dança, na forma de ver e transar o mundo foi e é tão forte que os africano assumem o papel de colonizadores. Na África, eles acomodaram-se em serem colonizados, admiram os europeus, querem europeizar-se. Aqui, os europeus se africanizaram. Freqüentei a Associação do Cabo Verde, Lisboa, onde tem dança toda quinta. E lá estávamos neguinhos africanos todos durinhos, dançando. E lá estava um conjunto negro todo durinho tocando. Suingue zero. Aqui é o contrário. Branco tem suingue. Branco mexe os quadris. Há exceções, é claro, mas a verdade é que na África o negro foi colonizado; na Bahia ele é colonizador. No Rio também. Afinal o único produto cultural que o Rio gerou foram os negríssimos desfiles de escola de samba. Sim, perdoem-me, e a bossa nova, sofisticada música negra de Ipanema e João Gilberto, mulato baiano, filho de Caymmi, outro.

Essa poderosa raça mestiça brasileira, portanto, nada tem que pedir à África. Os africanos de hoje é que têm a aprender conosco uma lição de resistência, de bravura, de sagacidade, de complexificação. O super-homem, diz Álvaro de Campos, não será mais forte, e sim o mais complexo. Esses são os negros e mestiços brasileiros, por um processo de seleção centenário. A nobre raça brasileira.

Boa parte dos africanos trazidos como escravos eram presos políticos, por lutas hegemônicas na África, e já pessoas de alto nível. Enquanto da Europa vinham degredados, da África vinham príncipes e princesas, como Otampê Ojaró, filha gêmea do Alaketu, do rei de Ketu, que descende em linha reta de Oxossi. Essa é ancestral de D. Olga de Alaketu, Olga Régis (em latim, do rei), fundadora do seu terreiro. Esta elite aqui uniu-se aos mais aptos na sobrevivência, que vêm arrastando quase 500 anos de privação e marcha sempre à frente.

A compreensão dessa complexidade e que o Brasil está aí para o conquistarmos fará com que amemos melhor nossa raiz africana. Fico feliz ao ver que o Olodum já saiu dessa onda de todo ano homenagear um país africano e compreendeu sua verdadeira vocação universal. Também vai dar Índia no Olodum. Nada mais justo. Não pensaram que nós éramos a Índia e nos chamaram de índios? Sejamos todos índios no carnaval. Índios brasileiros, cafusos, caboclos, matando o dragão da maldade, revivendo Glauber.

A QUESTÃO DA COR NO CENSO

Nossos
Colonizadores
Africanos

104

Quando do espetáculo de *Los catedráticos*, ridiculizando a insensatez de certas letras de músicas da atualidade, chamei a atenção do diretor que certas palavras e até certos temas carregam um tal grau de sensibilidade que é muito perigoso usá-lo sem ofender, agredir, magoar. Talvez a habilidade suprema do artista seja tratar certos temas realisticamente, sem ofender, usar certas palavras em qualquer contexto sem agredir ou magoar. Tudo isso é muitíssimo perigoso num trabalho satírico. Falhou o tal diretor de interpretação. Mas certas palavras têm um significado tão doloroso que ninguém pode arriscar-se a brincar com ele ou exigir que esqueçam esse significado para ler além dele. Uma dessas palavras, no espetáculo, é negro ou neguinho. Ao alvejar uma letra ridícula, para ele, o diretor, que inclusive a lê com todos os preconceitos de sua formação erudita, sem querer, alveja uma série de valores que não quis atingir, mas que estão na área semântica da palavra ou palavras e que, pela força que adquiriram no decorrer do tempo, falam muito alto. É preciso muito cuidado com certas palavras... Elas são tão perigosas que certas religiões condenavam a penas graves, até a morte, quem as pronunciasse à toa.

Quando alguém diz: Negro, somente um negro pode saber o que ele sente. De nada adianta um branco, amarelo ou índio tentar saber o que sente uma

pessoa de cor negra quando esta palavra lhe é adjudicada. Somente um negro sabe. Ele já vivenciou esta palavra como sua por toda a carga que se nela coloca, mudando a inflexão aqui, ali, mudando o tom, a intensidade e às vezes até, apenas, mudando sutilmente a expressão facial ao se pronunciar a palavra. Podemos imaginar o que um negro sente ao ouvir esta palavra – negro – por tudo aquilo que aprendemos para compor o nosso preconceito. Mas como sentir? Se nos disserem, branco, nada sentiremos. Não há carga negativa nesse nome, por enquanto.

Portanto, a questão da cor, no censo, é altamente delicada. Mexe com esses valores aí. Haverá ainda uma boa parte que recusará as cores ainda hoje estigmatizantes. Herskovits achou 514 nomes de cor de pele no Brasil. Tudo isso, do ponto de vista psicossocial, é uma forma astuta de driblar o preconceito pela des-polarização. Nos Estados Unidos só há duas: preto e branco. Isso mostra o alto grau de sutileza e flexibilidade do nosso modelo de preconceito e o maniqueísmo fascista do modelo americano onde, inclusive, o preconceito é de sangue e não de cor. Quando morei nos Estados Unidos e denunciei meu sangue negro (1/8, como Joe Christmas de *Luz em Agosto*, de Faulkner) fui absolvido por ser estrangeiro. É curioso, mas os negros africanos na minha universidade não eram discriminados, saíam com brancas e mesmo pessoas racistas não os discriminavam. Um dia perguntei a um conhecido meu meio racista e ele disse: “São africanos. Não incomodam”.

Uma boa parte de negos conscientizados polarizarão. Dir-se-ão negros, mesmo que mulatos, ou morenos, ou mulatos claros do cabelo duro, ou qualquer nome dos 514 de Herskovits. Isso é bom, por um lado. É bom que todo mundo assuma, goste de si mesmo como é. Dirão até que é necessário que se faça isso agora para mobilização e definição do papel do negro na sociedade. Mas, do modo como o IBGE tratou o item, tudo me parece ridículo. Negro, branco, indígena, amarelo, pardo. Pardo, que palavra feia. Ninguém é pardo. Terão os negros suas razões para definirem-se pela cor, reduzindo as 514 de Herskovits a uma. Eu gostaria de ser moreno da cor segura, como fui classificado, talvez numa 515^a cor. Branco não, sou mais índio etnicamente. Mas cabe aos negros decidir. A briga é deles. A mim cabe apoiar, como sempre apoiei toda briga boa, desde meus tempos de capoeirista de Bimba. Estou com os negros. Eles é que sabem de si. Mas espero, um dia, que não haja quesito de cor, sejam apenas todos brasileiros. E gente.

RACISMO NO PALCO

Não sou autoridade. Nunca fui autoridade. Jamais serei autoridade. Jamais me agradou o exercício de autoridade. Nunca soube mandar, dominar, opri-
mir, nem mesmo quando estava revestido de po-
deres para tal, como professor, pai, marido, formas
sociais de opressão e repressão camuflada. Pergun-
tem a meus alunos, a meus filhos, esposa se não lhes
dei sempre o exercício pleno da liberdade. Acho que
desenvolvi essa ojeriza pela autoridade por ter vis-
to de que formas arbitrárias, discriminatórias, ela é
freqüentemente exercida por tiranos de todos os
quilates, todos unidos no fim comum de se engran-
decem às custas do sofrimento e da humilhação
dos seus semelhantes. Por isso, desde cedo preferi
a causa dos pequenos, dos despossuídos, dos discrimi-
nados de todo tipo, quer o sejam pela cor da pele,
pela raça, pelo sexo, pelo credo, pela ideologia, pela
opção sexual, pela nacionalidade, por qualquer mo-
tivo. Assim eu me integrava na maioria dos seres hu-
manos. Assim eu era mais gente. Assim eu verdadei-
ramente me engrandecia, e não cavalgando a ânsia
em delírios de poder; e não fazendo-me maior pela
diminuição do próximo, do meu irmão já atirado
pequeno a uma sociedade injusta.

Essa minha opção à esquerda jamais foi, contu-
do, uma aceitação passiva das imposições de quem
quer que seja. Respeitei, sim, e respeito toda auto-
ridade estribada em legitimidade, o que não quer

dizer legalidade – desobedecerei a lei, ordem, regulamento, portaria, toda vez que for iníqua. Assim desobedecei por mais 20 anos os ditames da iníqua ditadura militar que reinou neste país; lutei contra ela de todas as formas possíveis, arriscando minha carreira, posição social, vida, enfim, lutando pelos meus sonhos. E, neste afã, em momento nenhum hesitei em arrostar talvez o mais aterrador esquema de repressão já montado, não temi o cárcere, o aviltamento, a tortura, a morte. O Zen diz: é preciso olhar no olho do tigre. Mesmo que se morra.

Assim como lutei mais de 20 anos contra uma iníqua ditadura militar, lutarei contra toda forma de autoritarismo, mandonismo e arbítrio com que deparar, quer venha revestido de cunho oficial, de cima para baixo; quer venha em suas manifestações mais rasteiras, de pequenos déspotas que mal tenham vislumbre de poder e já começaram a mostrar suas garras de tiranos de fancaria, de ditadores de fundo de quintal.

Não me aflige profundamente a permanência dos valores à direita do poder institucionalizado, esse refluxo do autoritarismo que ora assola o país, assumindo uma linguagem mais torpe porque falsamente legitimado. É uma nova face da direita, mas é sempre a direita, e sabemos que ela é a direita vil. E contra a direita eu sei lutar, porque é fácil lutar contra um inimigo definido que tem uma cara definida. Por isso, a atual situação do país me aflige muito, mas não me aflige tanto.

O que me aflige, deveras, são as pessoas de direita infiltradas no seio da esquerda, são os pequenos hitlers, os mini-stalins, os donos de tudo e de todos, e que ainda conseguem se afirmar no seio da esquerda hoje com um evidente discurso de direita; com uma evidente posição sectária radical, intolerante, despótica que pode, aos mais tolos, parecer consistência ideológica, mas esconde, na realidade, uma estratégia de capitalizar anseios, descontentamentos, mágoas, ressentimentos numa posição extremista que, por sua inflexibilidade e estreitismo, é também fascista, é também de direita. Como combater estes lobos em pele de cordeiro? Como eliminar das esquerdas brasileiras estes apaniguados da tirania? Não sei. Tudo isso me preocupa. Existe dentro de nós um ditador que é preciso reeducar. Reprimir, não, reeducar. Reprima o hitlerzinho que há dentro de um homem qualquer e ele crescerá aguardando a oportunidade de humilhar o vizinho.

É preciso educar as pessoas para que elas não se sintam donas de tudo. Sintam-se donas de si, de seus direitos. Mas não de um território qualquer como um cão que morde quem nele penetra. Acima de tudo, aqueles que estão investidos de um mandato público conferido pelo povo devem-se imbuir de que são representantes e servidores do povo e não seus reis, não seus patrões, não seus opressores. Se a maioria se comporta como tal, é preciso ter o exemplo para não imitar. Quando vejo pessoas que ainda não chegaram ao poder comportarem-se como

pequenos ditadores na primeira oportunidade em que desfrutam de uma mínima parcela do poder, a princípio me enraiveço e me desanimo. Fascismo de cima vá lá, a luta continua. Mas de um companheiro? E quando ele chegar ao poder?

Essa crônica é parte de uma conversa que tive ao telefone com meu irmão-de-esteira, Lino de Almeida, testemunha ocular do clima de campo de concentração conduzindo no palco por meia dúzia de brutamontes, por ocasião da visita de Néelson Mandela à Praça Castro Alves, perante uma multidão consagrada de trezentas mil pessoas. Mais que testemunha, Lino foi até expulso do palco, com violência, como foi Vovô do Ilê Ayê e sua irmã Hildete e Euzébio do Olodum. Eu saí junto com Chico Pessoa, então presidente da Fundação Gregório de Mattos, que se retirou em sinal de protesto pelas arbitrariedades que estavam sendo cometidas ali a mando de um certo Sr. Bujão que não conheço mas de quem tive essa referência: o Sr. Bujão, tinha vetado o xoumício na praça porque Castro Alves tinha sido racista. Ora, uma pessoa dessa que ousa atirar lama sobre um símbolo da luta contra o arbítrio, um poeta que só viveu para defender os oprimidos e para amar e que morreu em consequência de um atentado da direita. Castro Alves, assim como Mandela, transcendem sua figura humana, são símbolos da luta contra a opressão. Mandela não veio à praça pregar a hegemonia negra. Veio pregar uma sociedade pluri-racial, não-sexista, não sectária e

democrática. Eu o ouvi de perto. Até falei com ele rapidamente. Nessa sociedade justa não cabem os fascistas de palco.

*A Corda
Tradição*

NELSON MANDELA NA BAHIA

Nossos
Colonizadores
Africanos

Do alto da praça do povo, o punho crispado de Mandela somava-se no ar à mão estendida do poeta, ambos erguidos como símbolos eternos da luta contra o arbítrio, o sectarismo, a discriminação, o preconceito, a opressão, ao assumirem sua forma mais hedionda, o racismo. Trezentas mil pessoas aclamaram e aplaudiram o líder africano, em suas vozes ecoando as palavras eternas:

*A praça é do povo!
Como o céu é do condor.*

112

E nunca a Praça Castro Alves foi tão do povo quanto quando o povo mestiço da Bahia se reuniu para homenagear um seu conterrâneo, pois Nelson Mandela declarou-se em casa e os baianos pediram-lhe isso, escuro de pele, é mais baiano que os pálidos estereótipos de poder que só fizeram nascer na Bahia mas têm a alma entregue aos estrangeiros; têm o destino voltado para a opressão.

Suas frases incisivas e diretas, pronunciadas numa voz estentórea que ninguém suporia num homem de aspecto frágil, arrancaram aplausos seguidos.

Ao dizer que ele, do Brasil, só conhecia antes Pelé e o futebol, rematou: “O apartheid aprisiona as pessoas na cadeia da ignorância”. Frisou as semelhanças entre Brasil e África do Sul, a condição de mesclagem, o preconceito que inferioriza as raças

não-hegemônicas e bradou “lutemos por uma sociedade pluri-racial, não sexista, anti-sectária e democrática onde todos os povos possam viver e ser solidários uns com outros”. Mandela não veio pregar a hegemonia dos negros, como talvez esperassem certos líderes negros racistas e sectários. Veio pregar a democracia.

Ainda ao comparar Brasil e África do Sul, declarou com propriedade e revolta: “São dois países onde a colonização europeia só levou opressão e degradação para os negros”. Alertou para a sobrevivência insidiosa do racismo: “Nós aprendemos através de uma luta muito dura que o racismo não morre de forma voluntária. Tem que ser combatido firmemente”. Aludindo às notícias da imprensa internacional de que o governo sul-africano estaria financiando o Inkhata, grupo que combate o Congresso Nacional Africano liderado por Mandela, o Ghandi africano declarou: “O regime do apartheid, embora ferido mortalmente, ainda vai lutar muito antes de desaparecer”. O financiamento do Inkhata, grupos de negros acusados de colaboracionistas, é uma clara manobra divisionista do regime de Pretória. Mandela diz: “O governo conversa conosco, diz que quer paz, mas promove guerra”.

Com essas frases pronunciadas de punho cerrado, voz altissonante e figura carismática, Mandela levou a multidão na Praça Castro Alves ao delírio, mesmo com a força candente de suas palavras retardada pela tradução de seqüência, por sinal muito

boa. Curioso era ver a reação de aplauso imediato de certos grupos, provando a boa disseminação da língua dos colonizadores comuns, o inglês.

O líder viera de uma homenagem na Prefeitura Municipal, onde com discursos rapapés fora inaugurado um busto seu, da autoria de Juarez Paraíso. Por economia de tempo e de saúde – ainda fraco de uma pneumonia recente – Mandela driblou a cerimônia de concessão do título de Cidadão da Cidade do Salvador que lhe fora concedido por projeto de lei do então vereador Javier Alfaya (PC do B) a se realizar na Câmara Municipal. Uns dizem que foi armação política de certas lideranças; outros que foi jogada da Comissão de recepção para evitar capitalizações eleitorais ou para capitaliza-las para si. Ainda cogita-se de uma recomendação da própria Executiva do Congresso Nacional Africano (composta de vários brancos que Mandela apresentou como irmãos de luta em pé de igualdade). Mas, qualquer que seja o motivo, faz pena. Primeiro, a Câmara Municipal, por bem ou por mal, representa o povo de Salvador globalmente e seu prédio tem uma tradição histórica, marco do poder colonial, onde seria glorificado um negro colonizado. Depois, a outorga do título poderia ter sido transportada para a Praça Castro Alves e adquirido um sentido maior de representatividade. Mas acima de tudo, ecoam as palavras finais do líder: “O vosso apoio encoraja nossa luta. Nós vos amamos e vos admiramos”.

QUE VIVA ZUMBI EM TODOS NÓS

Morreu vítima de traição e emboscada, Zumbi dos Palmares, símbolo não apenas da resistência negra ao processo de colonização predatória dos europeus, mas também de toda luta do ser humano, através da história, luta por sua liberdade, por sua dignidade, símbolo, particularmente, da labuta, denodo e sacrifício pela constituição do povo brasileiro, nome que se inscreve ao lado de outros como Joana Angélica, Frei Caneca, Padre Roma, Padre Miguelinho, Tiradentes. João de Deus e tantos imolados ante o altar da futura nação brasileira; tantos que fenece-ram para que de seus corpos místicos e míticos nascesse um Brasil digno e altaneiro onde os ideais da justiça e da concórdia pudessem vicejar.

Os negros brasileiros, maioria em população, minoria em poder econômico e em direitos, não podem esquecer o sacrifício de Zumbi, que assinala a ruptura de um sonho, a queda da república dos Palmares, projeto de vida comunal a se opor flagrantemente a um sistema calcado na rapina; queda inevitável de uma ilha de tolerância, paz, harmonia num oceano de maldade como semelhantemente iria acontecer em vários rincões do Brasil com projetos semelhantes, deles o mais notório o de Canudos. Em Palmares, os legumes, frutas e demais produtos agrícolas tinham mais qualidade, exatamente porque eram plantados em regime de plena liberda-

de. Quem trabalha livre trabalha com amor, trabalha melhor, rende mais.

Contudo, a memória de Zumbi não pode ser cultivada como um traço negativo; como uma chama incentivadora de rancores e ódios. No máximo, deve-se lamentar que um país, e nele a raça, precise de mártires para sobreviver. Seremos cada vez mais pobres, tristes e desesperados quanto mais tivermos mártires. Já disse um poeta que nenhum homem é uma ilha; somos um corpo só – e em cada mártir que é torturado e morre por nós, nós mesmos, pretos e brancos e amarelos é que somos torturados e morremos a cada dia. Infeliz de um povo que deve a sua existência ao holocausto de mártires. Infeliz da nação que ainda não se lavou de sangue derramado em seu favor, justamente por aqueles que mais se exauriram para que ela fosse grande, por não permitir que vivam com dignidade aqueles cujos ancestrais tombaram como adubo no seu solo.

Teria Zumbi sucumbido em vão se a lição que deixasse fosse uma de rancor e ódio – deixou uma lição de luta, mas uma lição de luta perseverante justamente contra os valores do ódio, da intolerância, do preconceito e da rapina; luta que não é e nem deve ser apenas dos negros do Brasil, mas dos homens de todo o mundo. Essa luta é sistêmica. Ela não é de uma raça, nem menos ainda de uma raça de um país. Essa é a grande ilusão que desaparece mal termina uma querela particular – a ilusão da vitória isolada do ascenso individual e particularizado,

pois as forças retrógradas reagrupam-se e voltam com sanha maior. O maior erro ao enfrentar o preconceito que segrega é segregar-se para enfrenta-lo, pois isto é tudo que o preconceito pretende, a segregação ao conhecido lema dividir para conquistar. Divididos, os negros brasileiros serão cada vez mais fracos e fáceis de repelir. Unindo-se em bloco, por mobilização, ao lado de todos os despossuídos desta terra, serão cada vez mais fortes; assumir-se-ão como legítima maioria; votarão conscientemente, elegerão certo.

Esse é o chamamento maior para o dia da consciência negra. É preciso ter consciência da dignidade, integridade e grandeza de ser negro, mas também de ser branco, índio ou amarelo, porque acima de tudo é preciso que tenhamos a consciência de sermos seres humanos e de que urge cumprirmos nosso destino natural, ou seja, que sejamos bons animais racionais, como as abelhas sempre são boas abelhas e as avestruzes boas avestruzes. Fossemos nós apenas bons animais racionais, o que vale dizer bons seres humanos, e não praticaríamos o extermínio de nossa própria espécie; não a maltrataríamos; não a exploraríamos; não discriminaríamos ninguém de nossa espécie, porque tudo isso faz parte de um processo de autodestruição. Vejam que o ser humano tenta alçar-se a alturas incomparáveis, praticando um sem conto de religiões, todas a afirmar a grandeza da alma humana. Mas como pode uma grande alma habitar um corpo torpe? Como pode

alguém corromper, destruir, poluir, maltratar, explorar, exaurir, chacinar, para ficar rico, encher-se de dinheiro às custas da miséria, doença, extermínio de seus irmãos e da devastação da natureza, e com esse dinheiro comprar a limpeza de sua alma? Que alma é essa que ascende à salvação lavada no sangue de seus irmãos?

Zumbi, sim, Zumbi ascendeu à imortalidade, unguindo com seu sangue os seus irmãos, unguindo com seu sangue a nós todos, brasileiros de todas as raças. E assim que transcendemos os outros animais. Sacrificando-nos pelo bando, não sacrificando o bando para vivermos melhor. Portanto dia 20 de novembro, brasileiros de todas as raças, é um dia de reflexão para todos nós; um dia em que devemos lamentar que seres humanos muito acima dos animais tenham sido, em nossa historia, imolados por outros muito abaixo das feras. E, como brasileiros, devemos lutar para que, algum dia, toda nossa nação possa vir a ser uma imensa pátria de justiça, tolerância, concórdia entre todas as raças; uma imensa Palmares, terra das palmeiras, Pindorama, como a chamavam nossos índios, vítimas maiores do processo predatório.

E que, para a graça divina da justiça e da concórdia, e somente para isso, viva Zumbi dos Palmares dentro de todos nós.

¶ TRADIÇÃO, ENGENHO E ARTE

O NEGRO NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

I

O preconceito racial é pior quando se mascara em um paternalismo com o qual se concede aos negros pequenas fatias de um bolo que eles mesmos construíram; com que se acena aos negros a possibilidade de pequenos ganhos para satisfazer suas carências seculares, e pior quando se incentiva, maquiavelicamente, a ocupação de certos espaços bem remunerados onde o negro é meio de diversão de classe como cantor ou jogador de futebol. Assim, não mais se segrega e pune o negro; mas premia-se, estimulando-o a ser primitivo, brincalhão, bonachão, irracional, submisso, alienado – inofensivo, em suma, pois condenado a limitar seus espaços, os negros como ágeis fera mansas, as negras como exuberantes objetos sexuais.

A classe dominante europeizada tem sido responsável por todos os rótulos dos negros, desde aqueles que conferem inferioridade, até aqueles com que busca absorver os negros, ajustando-os nas formas de pensar européias. E são os próprios negros, juntamente com os brancos, que colocam os rótulos. Com a cabeça feita pelos europeus, os negros, muitas vezes, olham-se a si mesmos como inferiores por características que o europeu taxou de ruim. Porém, nem tudo que o europeu pensa é ruim; nem tudo que desenvolveu é maléfico. A ci-

*Tradição,
Engenho e
Arte*

vilização europeia ocidental deu saltos tecnológicos muito altos. O que nos separa hoje, brancos dos negros, primeiro do terceiro mundo, além da riqueza desigual, é a tecnologia. E as classes dominantes seguram a riqueza e, astutamente, desestimulam a aquisição de tecnologia enquanto recompensam regradamente a quem abrir mão do Conhecimento com a troca dos ganhos imediatos da vaidade em vez do Saber, e da gorjeta em vez da Riqueza. Conhecimento é poder, portanto, não cedem poder, mas sim pequenas fatias do conhecimento superficial e da riqueza aos mais ávidos. Quando alguns subirem muito, a classe dominante os absorverá iludindo-os na crença de que deixarão de ser pobres para serem ricos; de que deixarão de ser negros para serem brancos – ou negros de alma branca, o que é igual.

O negro, contudo, não deve abrir mão dos possíveis ganhos imediatos e assumir sacrifícios pelo futuro, porque nunca o fez. Gritou, lutou, fugiu, buscou o seu agora junto com o amanhã e chegou a conquistá-lo, mesmo tendo-o perdido depois, como o de Palmares. Mas também não se deve agarrar apenas aos ganhos imediatos, aos paliativos paternalistas. O Ano da Abolição, por exemplo, deve servir para conscientizar e não para iludir. A ocupação intempestiva de certos espaços esse ano de nada servirá se não se assegurar a manutenção de um mínimo deles, caso contrário, passado o Centenário da Abolição, os espaços também passarão, serão perdidos. O espaço grande no palco e na passarela

será inútil se o negro não se colocar, também, como espectador privilegiado de si mesmo; se não refletir sobre o que dizem os não-negros ou mestiços sobre eles. No palco, o negro apenas mostrará que é bom de samba, bom de batuque, bom de bola, bom de capoeira, e que todo mundo sempre soube e nunca lhe adiantou senão ganhar bem (ou mal) para divertir os brancos. O negro precisa mostrar como lhe não deixaram ser bom em outros espaços e que mesmo assim ele foi bom em engenharia, em medicina, em antropologia, em literatura de alto nível, por exemplo. Chega do próprio negro premiar essa imagem do negro intuitivo, capaz apenas de uma arte, de uma literatura ingênua, superficial e besta. O maior romancista da língua, Machado de Assis, era negro. O maior poeta simbolista do Brasil era negro, Cruz e Souza. Precisamos incentivar negros brasileiros para que nos dêem novos Machado e novos Cruz e Souza, como são capazes. E não para deixarem a literatura sofisticada para os brancos, por preconceitos ideológicos. Tudo isso carece de um pensamento negro organizado para entender-se melhor e entender o pensamento ocidental. A cabeça da maioria dos negros é feita pelos brancos e aqueles que querem-se opor às vezes negam sem fundamento ou assumem preconceitos opostos, o que é enganoso e perigoso.

É perigoso confrontar contra um branco em um campo em que o negro não está preparado. Em vez de valorizar o negro, vai expô-lo ao ridículo, re-

forçar o falso mito de sua inferioridade e acirrar ressentimentos, pois mesmo que o negro ache que brilhou, isso é medido por critérios preestabelecidos. É preciso, pois, organizar o pensamento: negro não é inferior ao branco, apenas carece de sistematização. Com pensamento organizado, os negros saberão melhor entender mecanismos às vezes sutis e disfarçados de repressão e achar melhor seus caminhos. Através da literatura como forma abrangente de pensar o mundo, manifesta-se um pensamento racional, crítico, criterioso, científico (sem ser cientificista e dogmático) do negro sobre o negro, e daqueles que o pensam sem preconceitos, apesar de não serem negros. A classe dominante cultiva a imagem do negro enquanto apenas voz e corpo. O encontro mostrou o negro no exercício do pensamento, por isso não foi uma mera comemoração paroquial e ufanista nem uma feira de variedades. A palavra de ordem do Ano da Abolição foi: nada comemorar; refletir sobre tudo. Vamos desmascarar e não reforçar o preconceito cultural. Passado o Ano da Abolição, o negro voltou ao espaço cultural de antes e teremos que esperar mais cem anos para ter uma oportunidade como esta que não poderíamos desperdiçar em troca de pequenos ganhos concedidos por uma classe que continuará impassível em seus privilégios.

tidades culturais da Bahia, despontando entre elas o CEAO, associaram-se com o objetivo comum de desmistificar os preconceitos etnocêntricos que norteiam a avaliação, classificação de Países de Língua Portuguesa no âmbito da literatura que dá título a este artigo.

Este Encontro reuniu representantes do Brasil, de Portugal, de Angola, de Moçambique, do Cabo Verde, de Guiné Bissau e de São Tomé e Príncipe para uma varredura horizontal e um mergulho vertical no universo literário de língua portuguesa, frequentemente compreendidos através de preconceitos que chegam até a subordinar as literaturas africanas deste universo à literatura portuguesa, numa permanência de atitudes colonialistas inconfessavelmente distorcidas para abrigar a idéia de uma literatura portuguesa no contexto afro-luso brasileiro. Por incrível que pareça, ainda tão recentemente quando, em 1976, em um encontro de professores brasileiros de literatura portuguesa em Curitiba, assim se cogitava. E ainda se falava em “literatura africana de expressão portuguesa”. É evidente que, mesmo no período de sujeição a Portugal, os países africanos tinham sua própria expressão, frequentemente revolucionária e contestadora do discurso racista e colonialista.

Face a tal atitude neocolonialista, eu a repeli, e consegui que o plenário ratificasse meu protesto e decidisse banir o rótulo “literaturas africanas de expressão portuguesa”, estabelecendo que, daí por

diante, se dissesse tão somente literatura africana de língua portuguesa. A expressão de um povo não se define pela língua que adota apesar de influenciada por ela e por sua cultura. Os conteúdos latentes dos africanos adquirem sua própria forma ao se manifestarem.

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

126

E, nesse processo, revela-se a ótica estruturante que, advinda da cultura lusitana, irá calcar-se no preconceito, às vezes tão hediondo que chega a abençoar os europeus por terem salvo os negros de um estado de selvageria ao impor-lhes sua cultura. Na raiz do preconceito existem sempre a estruturação de estratégias de dominação em que ressalta a necessidade imperiosa de esmagar os africanos culturalmente para enfraquecer suas identidades e poder melhor explorá-los.

Foi a primeira vez que se encetou um projeto tão ambicioso em nosso universo lingüístico. Varreduras como essas foram executadas nos famosos Colóquios Luso-Brasileiros, todavia levados a cabo sob forte empuxo do preconceito colonialista, através do qual os atuais países africanos não passavam de “províncias ultramarinas de Portugal”, depois, quando de um enfraquecimento político nas colônias, as províncias foram até transformadas em território português, numa velha técnica romana – quando o império perigava, foi promulgado o Edito de Caracala, estendendo a cidadania a todas as colônias. Esta técnica imperialista também foi adotada pelo nosso bravo irmão do norte. O Havaí e Porto Rico, não

mais colônias, hoje são estados dos Estados Unidos, ganharam o direito de virar uma estrelinha na famosa bandeira das estrelas e listas para sempre.

Assim como os porto-riquenhos até hoje não se conformaram com a tapeação, os angolanos não caíram na esparrela de acreditar no slogan imperialista “Angola é Portugal”, e hoje Angola é Angola, pois que sempre foi Angola para seus habitantes, que não pediram a ninguém que lhes apusessem nenhum rótulo. Moçambique também é Moçambique e Maputo não é nem nunca foi Lourenço Marques. Assim Cabo Verde, assim S. Tomé, assim a Guiné. Essas transformações jurídicas e políticas, pois, marcando identidades, fisionomias, personalidades plenas, aparecem na literatura muito antes, pois ela é o lugar da verdade verdadeira, do real real, enquanto que a história muitas vezes coonesta a verdade da classe dominante em seu real aparente.

Essa ótica do dominante é a inda mais facciosa e vil porque a classe dominante do país dominado, ao invés de lutar pelas reivindicações do seu próprio povo, alia-se à classe dominante do dominador que, maior vileza, tem o apoio da classe dominada do seu país. Assim, unem-se todas as classes de um país explorador para explorar o proletariado da colônia com a ajuda da classe dominante do país explorado. Essa torpeza e as motivações sócio-econômicas do preconceito aparecem num Encontro como esse que ocorreu quando o Brasil se dispôs a rever esses cem anos da abolição e reflexionar sobre eles:

quando Portugal desassumia sua feição colonialista e já passava por experiências socialistas, saindo da horrenda ditadura salazarista; quando os países africanos de língua portuguesa reconhecem-se à luz de uma perspectiva de dentro para fora e quer desmoralizar os preconceitos etnocêntricos europeus. Não havia melhor momento, pois, do que esse, para uma reflexão conjunta de países como o Brasil e seus irmãos africanos que tiveram uma origem comum colonialista com representante do país colonizador, então com uma ótica desmistificadora de seus desmandos do passado.

3

O I Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa reuniu alguns dos mais destacados intelectuais, ficcionistas, poetas e críticos que trafegam nesta ampla área de África, América Europa, onde se fala a nobre língua lusitana. Durante quatro dias de intenso trabalho, esses intelectuais estiveram discutindo temas da maior relevância, em um processo que aprofundou o estudo do negro através da ótica sempre reveladora da literatura. Destarte, esse encontro não foi uma reunião tecnicista de *scholars* disputando para ver que tem a melhor retórica ao expor uma questão bizantina qualquer. Literatura que adquire a significação maior de um apurado instrumento de conhecimento. Literatura aqui é vida, vivida e expressa. Foi procurando dar ao encontro esse sentido existencial pleno que a Secretaria da

Cultura associou-se ao Instituto de Letras da UFBA, que junto com o CEAO e o representante da Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia e Instituto de Letras da UCSAL, desenvolveu e discutiu um temário que teve, ao final, a aprovação de todos, pela sua abrangência e flexibilidade, permitindo a abordagem vertical de questões fundamentais no universo cultural negro.

Após a cerimônia de abertura, às 18h30min. do dia 21 de novembro de 1988, o espaço do encontro teve seu início no dia 22 com uma exposição seguida de debates, versando sobre *O Racional e o Mágico no Universo Literário Negro*. Essa sessão debateu algo básico na constituição dos preconceitos culturais europeus que formam o preconceito geral sobre o povo negro ao atribuir a visão do mundo africano em grau de inferioridade por não se encaixar no racionalismo tecnicista da Europa. A própria terminologia esteve em questão, vez que não possuímos, nas línguas ocidentais, termos que expressem com exatidão certos conceitos negros. Muniz Sodré, comunicólogo e ficcionista baiano radicado no Rio, foi o expositor dessa mesa. Seu moderador foi o antropólogo Júlio Braga. Como debatedores figuraram Vivaldo Costa Lima, também antropólogo, o escritor Ordep Serra, o romancista Eustáquio Rodrigues e o escritor angolano Luiz Martins de Carvalho. No dia 23, tivemos uma mesa-redonda sobre o tema *A Questão Racial na Literatura de Língua Portuguesa*. Para tão relevante assunto, foram

convidados a falar, presidindo a mesa, o renomado professor e escritor Manuel Ferreira, presidente do Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Lisboa, decano dos estudos da Literatura Africana. Essa mesa contou com a participação dos escritores e pesquisadores Adriano de Vasconcelos, de Angola; Ruy Nogar, de Moçambique; Jorge Miranda Alfama, do Cabo Verde, Clóvis Moura, de São Paulo, e Ana Célia, da Bahia.

Proseguiu o encontro no dia 24 com a exposição de debate sobre o tema *A literatura como Processo de Resistência Negra*, tendo como expositor Décio Freitas, escritor gaúcho, e como moderador professor e escritor Waldir Oliveira, fundador do CEAO e responsável, entre outras coisas, pela vinda à Bahia dos Corifeus da ideologia da negritude, Leopold Sedar Senghor, Leon Damas e Aimé Césaire. Como debatedores, tivemos Ruy Nogar, Luiza Barros, Florentina Souza, professora de literatura brasileira, e o poeta Jônatas Conceição, daqui da Bahia.

Na manhã do dia 25, tivemos outra exposição com debate e o tema foi *O Negro como Autor e Personagem*. O expositor foi escritor carioca Joel Rufino e o moderador o poeta paulista Paulo Colina. Como debatedores tivemos Luiza Lobo, escritora e professora da UFRJ, Adriano Botelho de Vasconcelos, o poeta José Carlos Limeira, de Salvador, e o mestre Manuel Ferreira.

À tarde deste mesmo dia, encerrando os trabalhos formais do encontro, tivemos uma mesa-

redonda com o tema *O Negro na Literatura Oral de Língua Portuguesa*, presidido por Marcus Accioly, poeta pernambucano especialista em literatura oral, contando com Doralice Alcoforado, professora de Literatura Brasileira da UFBA, também especialista no ramo. Falando sobre esse assunto, com especial ênfase nas letras de música baiana, estiveram João Jorge, presidente do grupo Oludum, e Antonio Rísério. Na mesa, a presença viva da literatura oral negra, na voz desse brilhante que é Bule Bule.

O encontro completou-se com a leitura de comunicações, das 14:30 às 16:30 nos dias 22, 23 e 24, horário após o qual ocorreram depoimentos de escritores presentes sobre sua própria obra, com tardes, respectivamente, de escritores de fora e baianos: Jorge Amado, Abdias Nascimento, Grande Otelo, Stella de Oxossi, Rubem Valentim e outros, homenageados por relevantes serviços prestados à causa do negro, recebendo, na ocasião, um troféu.

O encontro encerrou-se com uma sessão plenária de todos os presentes, tendo-se constituído no marco inicial de real aproximação entre os povos de língua portuguesa sem qualquer dominante e dominado. Esse fértil processo de troca de informações, de intercambio cultural, não deverá parar, mais continuar cada vez mais intenso numa rota de interconhecimento, de intercompreensão. Demos, pois, um primeiro passo vigoroso. Fomos todos ao Centro de Convenções para essa festa do espírito afro-luso-brasileiro.

Ocorreu na Bahia um dos mais importantes congressos literários de todos os tempos. Trata-se do I Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa, promoção para a qual, em boa hora, associaram-se a Secretaria da Cultura do Estado da Bahia e o Instituto de Letras do UFBA, que contaram para esse evento com o apoio de inúmeras entidades culturais, como o Gabinete Português de Leitura, o CEAO, a Fundação Casa de Jorge Amado e a Academia de Letras da Bahia.

A importância desse evento decorreu, em primeiro lugar, de sua temática: *O Negro na Literatura de Língua Portuguesa*. Aproveitou-se o ano do centenário da Abolição da Escravatura para, seguindo os ditames gerais das lideranças negras no país, refletir sobre a figura do negro – não apenas do negro no Brasil, para onde foi trazido como mão-de-obra apenas, como também na África, onde o negro foi explorado em sua própria casa, e ilaqueado em seus direitos à sua própria terra, até mesmo em Portugal, onde o negro aparece na literatura desde o século xv. E não há melhor reflexão do que aquela conduzida através da literatura, lugar onde o ser humano se encontra numa inteireza que os esquemas meramente históricos e/ou políticos não conseguem revelar. Assim, é na literatura que iremos encontrar expressões mais sublimes de revolta como também os casos mais grotescos de alienação. Nesse espelho, nos encontraremos e acharemos a verdade.

Portanto, a presença em Salvador de três continentes para discutir a problemática do negro na literatura só poderia agregar luzes ao processo de desvelamento do caminho do negro através do tempo, vez que estivemos presenciando a exposição de pontos de vista variados que numa visão mais abrangente puderam verticalizar melhor os problemas abordados. Entre os africanos, tivemos visões de países diferentes. Do Brasil, tivemos gente de estados distintos, de realidades várias. A isso se acrescenta a visão portuguesa. Antes já houve congressos em que a África de língua portuguesa foi tema. Porém, esses países eram então encarados com uma ótica colonialista, eram províncias de ultramar. Nesse encontro falaram como países no concerto das nações de língua portuguesa, no primeiro congresso internacional em que se reconhecem não só a soberania como a identidade cultural desses países.

E não haveria melhor lugar para um encontro como tal se não na Bahia. Aqui se harmonizaram todas as Áfricas. Aqui desapareceram as diferenças tribais, as diferenças políticas de um modo geral e até as diferenças lingüísticas. A princípio divididas, as famílias espalhadas aos quatro cantos, as diferenças religiosas acirradas, a confusão lingüística estimulada, os negros foram lentamente mobilizando-se em torno do *status* de escravo – até a cor não contava, pois havia escravos claros – e de repente, no século XIX, medrou na Bahia uma língua nagô geral, que com outros fatores políticos e

culturais permitiu uma maior mobilização e o eclodir das diversas revoltas, aviltando, entre elas, a dos Malês, que congregaram os negros numa bandeira comum. A Revolta dos Malês fracassou. Mas a mobilização dos negros continuou. E, afinal, a língua portuguesa transformou-se num denominador comum de todos os negros brasileiros, assim como veio a se tornar a língua oficial de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau. Poucos se dão conta de que, com cerca de 200 milhões de falantes, português é a língua mais falada pelos negros no mundo. Há mais negros falando português do que portugueses ou brancos e, conseqüentemente, português é a mais importante língua dos negros no mundo.

Daí cresce a importância de uma reflexão no universo onde essa língua é falada; no universo onde essa língua é a língua da cultura, o que significa um instrumento ambivalente tanto de conspiração libertária como de opressão alienante. Logo, estudar a literatura expressa nessa língua e compreender o papel que o negro nela desempenhou é de suprema importância para entender a identidade mesma dos negros nesse universo semântico e existencial em que o pensamento é comandado por estruturas de expressão que não pertencem aos lusitanos, apenas, que foram absorvidas por tantos milhões de negros num processo de colonização cultural que tem de ser cuidadosamente estudado, minuciosamente avaliado para evitar preconceitos sectários, de um

lado, ou preconceitos etnocêntricos e colonialistas do outro. A realidade está aí. Por vários séculos os negros vêm-se expressando em português; vêm, mais ainda, fazendo literatura em português; vêm descritos e expressos por brancos com as estruturas do português. Essa rica interação cultural – porque as línguas dos negros também fertilizaram a língua portuguesa – tem sua mais complexa exposição na literatura. Estou certo de que, esmiuçando esse manancial, tivemos um proveitoso encontro, primeiro passo para que nos entendêssemos mutuamente, para que nos aproximássemos nessa pátria comum que é a língua portuguesa, como disse um poeta que também fez centenário em 1988.

*Tradição,
Engenho e
Arte*

DE POETAS E POETAS NEGROS

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

Convidado certa vez a participar de um festival de arte negra, Emanuel Araújo recusou. Quando lhe perguntei o motivo de sua recusa, logo ele, umas das expressões máximas da arte brasileira, e negro, Mano respondeu com aquele jeito oblíquo e incisivo, muito dele: “Não entendo o que seja arte negra. Para mim só existe arte”.

136

Com estas palavras, um artista cuja pele é negra, recusava um rótulo para sua arte que, afinal, resulta discriminatório, sobre ser arbitrário, vez que ninguém sentou ainda para definir cientificamente o que seja arte negra. Acaso alguém já pensou em fazer uma exposição de arte branca? De arte amarela? A marca do preconceito é tão forte ainda que os europeus são agrupados por sua nacionalidade. Assim, Picasso é um pintor espanhol, Matisse, francês, Michelangelo, italiano, Shakespeare é um dramaturgo inglês, Goethe, um poeta alemão. Ninguém os classifica pela cor da pele ou pelo continente. Stalin jamais será um líder europeu – será sempre russo. Já Néelson Mandela ou é líder africano ou negro.

Sim, porque os nigerianos, os angolanos, sul-africanos serão sempre africanos, apenas, ou, mais comodamente, negros. A arte que fazem não é nigeriana, angolana ou sul-africana – ela é redutivamente negra, não importa as diferenciações estilísticas e temáticas que separam povos às vezes nitidamente

distintos em um continente muito maior do que a Europa. Sim, porque o grande traço que une as manifestações artísticas dos povos africanos é elas serem arte, como tão bem assinalou Emanuel Araújo. Traços estilísticos genéricos poderão haver, como na Europa, mas que não justifiquem uma arte africana; assim como não se pode falar numa arte européia ou asiática. Essas generalizações muitas vezes didáticas só servem para desfigurar a realidade de um fenômeno, acasalando-o em um rótulo abstruso qualquer.

É preciso cuidado (principalmente por parte dos artistas de pele negra), ao receber o rótulo negro, pois poder-se-ão estar auto discriminando ou aceitando ser incluídos numa categoria de artistas inferiores com que é preciso ser-se paternalista. O artista comum teria seu espaço conquistado por sua luta pessoal e o artista negro teria o espaço reservado, onde basta ser negro para ser artista. Desta forma, o artista negro teria um lugar ao sol por sua pele e não pela qualidade do seu trabalho, o que faria a crítica e o público duvidarem dele mesmo, que ele fosse bom. Picasso uma vez disse que uma boa exposição coletiva poderia fazer de um mau quadro uma boa obra de arte, mas que uma má exposição coletiva faria o contrário, de um bom quadro, uma má obra de arte. Compreende-se: o conjunto influencia.

Essas considerações remetem-se mais de perto a uma escalada da poesia negra no Brasil que, se por um lado, abriu espaço para muitos poetas de qualidade mostrarem seu trabalho, por outro, colocou-

os lado a lado com estas pessoas que nunca foram poetas e que lá não estariam se não tivessem sido canonizados pela cor da pele, e o que é pior, qualquer pessoa que ouse falar mal de um desses pretensos poetas será tachado, na hora, de racista. Ocorre agora no Brasil um fenômeno de curiosa coação. Na época da ditadura, qualquer pessoa que falasse mal do governo era comunista. Todos calavam-se com medo de serem acusados de uma ideologia que dava cadeia, tortura e até morte. Agora, basta falar mal de um negro qualquer enquanto profissional; enquanto artista; enquanto administrador, para ser tachado de racista. Até a cor negra tornou-se uma cor delicada para ser usada porque qualquer uso depreciativo da cor é imediatamente atribuído à raça, esquecendo-se todos que quando os europeus atribuíram a cor negra aos africanos ela já tinha usos consagrados na Europa.

Essa atitude inquisitorial de caça aos racistas – fossem outros os tempos, seriam queimados na Praça Castro Alves com a estátua do pobre poeta a toda hora acusado de racista – só é prejudicial aos negros. É óbvio que qualquer manifestação de racismo aberta ou sutil deve ser punida. Mas não se deve chegar ao ponto de acobertar a incompetência e a falta de talento com o manto protetor da pele negra. Daqui a uns dias teremos a Odontologia Negra, a Mineralogia Negra, Biblioteconomia Negra e por aí lá vai. Os medíocres deverão ser identificados como medíocres qualquer que seja sua raça, credo,

ideologia, ou nação. Já houve um tempo em que na intelectualidade brasileira bastava ser comunista para ser gênio. Hoje é o contrário. As esquerdas afirmavam que a direita era burra. Quando chegaram ao poder aqui na Bahia provaram o contrário. Portanto, o rótulo não consagra ninguém. Do ponto de vista do *marketing*, para se lançar um produto é preciso um gancho. Os poetas brasileiros de pele negra em nossa época agruparam-se por sua cor e também por uma coesão temática, no protesto pela afirmação de sua raça, protesto este, como assinalou Sartre, que deve eclodir dos próprios oprimidos e não de vozes paternalistas. Esta foi uma estratégia viável que os fez ser publicados até na Alemanha, num trabalho meritório de Moema Parente Augel. Esta, em um alentado ensaio introdutório, frisa, acima de tudo, os aspectos temáticos, mormente a forma que o protesto assume em cada poeta. Isso já insinua um conceito de poesia negra mais pela temática do que pela cor. Mas seja o que for, protesto ou cor da pele, é preciso ser poeta. Um dos dez maiores poetas brasileiros de todos os tempos, Cruz e Souza, era negro e melhor do que todos os brancos seus contemporâneos. Por causa da pele? Não, porque era poeta. Os poetas negros devem ouvir a lição de Emanuel e de Cruz e Souza. Serem poetas. Como, entre eles, são Paulo Colina e José Carlos Limeira. Poetas.

WADERS, NÃO WAILERS

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

Conversando com meu irmão mais novo, (por vários motivos) o sociólogo Lino de Almeida, sobre o show do Olodum / Paralamas / Wailers, provoqueei-o sobre o porquê do nome deste último conjunto, Lamentadores, ao pé da letra. Coisa de Bob Marley, ele me respondeu, estava em moda na época. Bob Marley já morreu, retruqueei. Porque não The Laughers, os risadeiros, The Fighters, os lutadores, algo de positivo, de afirmativo. Lino sorriu do outro lado do telefone e concordou, pelo menos com a essência da proposta.

140

Sim, porque essa fase dos negros chorando e lamentando suas privações foi necessária como catarse; foi necessário até como purgação; agenciou muitos corações a se solidarizar com o sofrimento dos negros. Mas essa fase já passou. Mesmo arriscando-se a um desmedido ufanismo, os negros, o negro brasileiro, presentemente, atravessa uma fase de afirmação de seus valores, de sua raça, de sua cultura; atravessa uma fase de plena competição por espaços em todos os setores; atravessa uma fase de auto-conhecimento e de consolidação de sua autoestima; uma fase de consistencialização de sua consciência política, e nisso tudo não cabe mais o lamento; não cabe mais a figura do negro curvado pela dor dos séculos a chorar.

Isso não quer dizer que o sofrimento do negro tenha acabado. Muito pelo contrário. Continua aí, a

todo instante, nas páginas dos jornais, sociais, econômicas, políticas, papel reversível, pois o negro assalta, rouba, estupra, mata, o famoso negão de todas as fantasias paranóicas, não passa, comumente, de um neguinho frágil, que achou a saída da miséria e a elevação acima do preconceito empunhando um onipotente 38 contra os atuais senhores de engenho, pois nada mudou, os dominados são os negros e os seus descendentes e os dominadores são brancos.

*Tradição,
Engenho e
Arte*

Contudo, se o sofrimento não acabou, se ser proletário no Brasil tem cor escura, se o estereótipo do poder é branco, macho, heterossexual e capitalista; se as coisas não mudaram substancialmente do tempo da escravidão pra cá, os negros hoje dispõem de outros meios de luta. Convém abandonar a auto-piedade; a auto-flagelação ; o culto masoquista do sofrimento passado para acender as chagas presentes. Uma vez perguntei a Stan Getz, judeu, porque os músicos judeus se davam tão bem com os músicos negros. Ele me respondeu: “São dois povos perseguidos”. Verdade, muita verdade. Vejam o epítome disso em George Gershwin, onde a música negra e judia chegam ao auge nos Estados Unidos. Essa mistura das almas lamentosas de dois povos que deságua tão bem nos *blues*, vinda dos *spirituals* e curtida obviamente do ascetismo, do rigor religioso dos protestantes.

141

Todavia, se a religiosidade protestante, austera e fria, conjugada com o banzo negro e o milenar espírito do lamento judaico forjaram um tipo de

música negra nos Estados Unidos, as circunstâncias no Brasil alçaram o ludismo e a sensualidade ao primeiro plano da música brasileira, tudo isso, é lógico, advindo de um povo negro alegre e sensual que não teve sua alegria de viver castrada por rigor religioso ou afogada pela mágoa. Se Salvador é, sem dúvida, a cidade mais alegre e sensual do mundo, hoje em dia isso deve aos negros.

Continuemos assim. Alegres e sensuais. Pois assim nos fez a natureza e assim a natureza fez esta cidade encantada. Nada nos impede de chorar de vez em quando. Mas nada de incentivo às mágoas. Mágoas passadas não movem moinhos. É preciso olhar o presente. E mobilizar-se contra as ameaças de perpetuação da injustiça social como um todo. Ninguém pense que por uma simples substituição dos donos do poder tudo vai ficar uma maravilha. É preciso entender bem o exercício do poder. É preciso aprender a exercitar os mecanismos de combate que agora se dispõem, entre eles o voto. Quando veremos um prefeito negro – melhor ainda mulher – nessa cidade de maioria negra e feminina? Até lá, não vale a pena chorar. Até lá, os muito chorões que me perdoem, não vale a pena derramar lágrimas sobre o passado que perdura num presente que não se consegue mudar. Por isso, é preciso dar à dor sua devida dimensão de purificadora da mente, para maior sabedoria, a curtidora do corpo para maior força. Sejamos não “wailers”, lamentadores, mas Waders, aqueles que passam a vau, que passam com dificuldade. Mas passam.

MAIS UM, OLODUM

Terça-feira, em Salvador, na bênção do Terreiro. Este fenômeno de massa que de evento negro passou a evento baiano e de baiano a universal. Todas as Áfricas lá se encontram; todos os brasis; todas as europas. Brancos, pretos, mulatos, azuis, amarelos, verdes, todos roxos pela agitação onde assoma o Olodum, seu ensaio em que sai gente pelo ladrão e a partir de um certo momento um corpo só de massa ginga, dança, saracoteia, coreógrafa ao som do Olodum. Que se renova. Cujos som já está de cara nova sob o comando deste bruxo que é Neguinho. Enquanto muitas bandas novas começam imitando o som antigo do Olodum, este já mostra um desenho novo, novos arranjos, novos arabescos de som a comprovar o virtuosismo dos baianos na percussão, sem sombra de dúvida a melhor do mundo. Aos escoceses o uísque. Aos franceses perfumes e vinhos. Aos italianos o espaguete e a pizza. Aos baianos a percussão. O Olodum sempre à frente. Nesta terça anunciava-se uma presença famosa no ensaio do Olodum. Ray Lema, do Zaire. Por sinal, um bom cantor, mas acompanhado por uma banda bem americanizada, com arranjos de “big band” entremeados por uma linguagem pop. Nada de novidade. Um feijãozinho com arroz. A percussão, mesmo do Ray, boa, mas aquele paracatá, paracatá que não sai disso, ele sozinho dando umas quebradas de vez em quando. Tenho andado pelo mundo, Europa, França e Bahia, festivais mis,

*Tradição,
Engenho e
Arte*

como o de Montreux, na Suíça e não tenho visto nada que se compare com o nosso suingue. Não é bairrismo, não. Pode ser constatado objetivamente por qualquer pessoa que se dê ao trabalho de ouvir e comparar. Nossa estrutura polirrítmica faz a percussão deles parecer brinquedo de criança. Os célebres conjuntos que vi em Montreux, por exemplo, como o Morey Cante, no máximo mantêm uma base rítmica e repicam de vez em quando. Não há interação de compassos múltiplos, várias linhas rítmicas em integração. Outro dia vi uma música de Saul Barbosa e Jaime Sodré, “Xangô”, que humilhação. O menino da percussão segurava um alujá, a bateria fazia firulas em $2/4$, às vezes $2/2$, $6/8$ ou $5/4$ e Roberto Mendes cantava lisinho por cima. Ene caminhos rítmicos por integração. Ninguém fazia isso, a não ser brasileiro. O pessoal toca bem um tambor, mas botou duas congas e eles já se enrolam todos. Ficam em um tambor o tempo todo.

Tudo isso se deve ao Candomblé, principalmente o de nação de Ketu, com sua estrutura em banda de rum, lê, rumpi, gan e xequeré, tocado em varetas. O chão e o ar da percussão se distribuem numa formação binária, ternária ou quaternária, mas com diferentes possibilidades de variação rítmica e de improvisação. Altamente complexo pra se falar e mais ainda pra se fazer. Eu mesmo, com anos de prática, de vez em quando, ao tocar, vejo sorrisos. É que atravesssei. Esse pessoal de fora, aleguá, ou alejuó, atravessa sempre...

Mas Ray Lema é africano, pensei, quando Neguinho deu os aguidavis pra ele e pra um músico dele no ensaio. Mesmo assim é uma enrascada, pensei. A banda só tem fera. E Neguinho é gênio da raça, imagine, o feijão com arroz com a gente é acima da média. Mas Ray é esperto e o cara também.

Ficaram marcando o chão e depois de muito tempo arriscaram-se a uns repiquezinhos, Ray mais que o outro. Neguinho arrasando. Era humilhante. Depois, Neguinho, além de reger a banda, começou a reger os dois. Eles aí repicavam uníssonos com Neguinho. Não arriscavam nada. Mas pior foi a entrevista. Ray veio pra cá com uma história de superior, de sublimidade, em que na África tocar tambor era uma ioga. Nós não fazemos arranjos como vocês, irmãos, ele disse com um sorriso de superioridade, como quem diz, lá tudo nasce da alma, aqui é tudo armado, falso. Nessa hora ele me deu a palavra, porque já havíamos conversado antes sobre o assunto.

Caí na asneira de dizer a verdade. Que aqui na Bahia todas as etnias africanas tinham se fundido num processo sincrético que em segundo grau admitia as raízes indígenas e a influência européia. Daí a maior complexidade de nossos processos culturais. O Ray se danou. Principalmente quando eu falei com a maior boa-fé que aqui as coisas eram misturadas, no Zaire havia uma maior pureza, a raiz estava mais intacta. “Nós somos complexos”, ele berrou. “Vocês não são superiores, eu pessoalmente conheço toda a música africana...Sou um mestre!”

Tentei acalmá-lo, dizendo que eu não falava de superioridade e sim de mistura, sincretismos culturais... e nada.

De repente, estavam os franceses todos contra mim, como se eu fosse o gritador e o arrogante. Afinal, Ray é francófono. O cara esbravejava que era músico e que eu não entendia nada de música. Eu disse que era um aprendiz, não um mestre, como ele, mas não era burro. Ele disse que tinha anos de vivência e estudo da música negra. Perguntei quantos anos. “mais de trinta”, ele me disse. Sorri.

— Aqui na Bahia o pessoal tem quase 500 anos de música afro.

Aí o cara retou mesmo. Berrou:

146

— Discussão se resolve no atabaque. Vamos tocar nós dois pra ver quem tem razão.

— É covardia, eu disse, o senhor é profissional. Eu sou amador.

Ele deu um sorriso triunfante. Eu acrescentei.

— Toque com Neguinho – ele se entupiu, por um instante, perplexo. Vendo que ele tinha sentido o golpe, eu nocauteei – aliás, nem é preciso. Já ouvi os dois tocando.

A galera riu. Ele se levantou, tonto. Se picou da Bahia no outro dia, pelo que ouvi, dizendo-se chateado com um certo jornalista. Alabê, aliás.

A NOVA MÚSICA BAIANA

I

Vinte anos após a pujante geração Tropicália, surge, na Bahia (e é sempre na Bahia ou por intermédio de baianos), um novo movimento musical que ora toma conta do mundo. Vinte anos são mais ou menos necessários para o processo de maturação de uma geração em novos caminhos. Quando uma geração é muito forte, como foi a geração 60, às vezes dura no poder por muito mais que isso. Acresce que depois dessa geração veio uma nefanda ditadura que emburreceu a todos e castrou as sensibilidades. De modo que, após o Tropicalismo e seus epígonos – temos aí os Novos Baianos, João Bosco e tanta gente que trilhou os caminhos abertos pelos geniais Caetano e Gil – nada houve de significativo na MPB. A música afro-baiana dos anos 80 é realmente a grande manifestação de vigor que surge após a Tropicália.

A começar por esta fantástica escola do trio que teve como percussores Dodô, Osmar, Orlando do Tapajós, Armadinho, Os Novos baianos, e tantos outros. Dodô e Osmar instauraram o meio e desenvolveram a linguagem musical. Os Novos Baianos começaram a linguagem de canto. Essa nova geração aí de Gerônimo, Luís Caldas, Sarajane, Margareth Menezes, Simone Moreno, Daniela Mercury, Netinho, Márcia Freire e tantos outros projetaram essa linguagem a cumeadas que os fazem perfeitos comunicadores de massa a dar o tom da linguagem

*Tradição,
Engenho e
Arte*

coletiva do terceiro milênio, o milênio do holismo por experiência. O domínio de massa que têm esses cantores e as imensas multidões que manipulam e comandam só têm contrapartida do fenômeno dos Beatles dos anos sessenta. E quantas vezes os Beatles cantaram para 300.000 pessoas acotoveladas na Praça Castro Alves?

E o que é melhor. O pessoal do trio não conduz a massa a um mero frenesi de tietagem. Conduz a massa a dançar e cantar, transformando seu espetáculo individual em um espetáculo coletivo. Desaparece aquela coisa erudita de um espetáculo para contemplar, assistir passivamente. Erige-se a idéia de um espetáculo global, em que os limites entre palco e platéia desaparecem e o artista assiste o público performar.

Entre estes comunicadores, sem dúvida, avulta Luís Caldas, que eu vi levar o público a cantar, dançar, saracotear, bater palmas, levantar os braços, dar as mãos num gesto de amor e, quando ele dançava e se mexia no palco, em movimentos pélvicos que lembravam Elvis Presley, a multidão ia ao delírio. Esta concepção de um espetáculo global para curtir ativamente chega a chocar as pessoas de fora acostumadas a uma participação passiva em espetáculo para ouvir e captar sofisticacões. A sofisticacão da atual música baiana está no ritmo, um suingue de alto nível que mexe com todos, e aí chegamos ao capítulo das bandas afro, capitaneadas pelo Olodum, mas com o Ilê bem junto, Raízes do Pelô e as outras todas.

Nada mais visceral do que voz e percussão. Nada fala mais profundamente à alma humana do que as vozes atávicas da garganta humana e dos tambores soando juntas. E neste esquema s bandas se impuseram. E de pronto uniram-se à linguagem do trio, \á linguagem do palco. As muitas caixas de amplificação receberam os estrondos dos tambores. E desta conjunção surge uma música poderosa com um apelo ancestral. Essa música toma conta do mundo. Vi em Imst, no Tirol, Áustria, a orquestra de Paul Simon, em sua maioria de músicos africanos, e com quatro percussionistas brasileiros, mexer na massa quase igual ao que fazem aqui. Vi, no festival de Montreux, Gal Costa e Raízes do Pelô sacudirem a massa que ululava.

*Tradição,
Engenho e
Arte*

E nesse contexto em que a África saiu da poeira e subiu ao trio, é de se destacar o trabalho do compositor, cantor e arranjador Gerônimo, figura mais complexa e dominante desta nova música baiana que, estranhamente, não recebe das autoridades o espaço que realmente merece, haja vista a discriminação que sofreu da Coordenação do Carnaval, que nem sequer o destacou para cantar na Praça Castro Alves, no encontro do trios. Gerônimo é quem mais puxou a música baiana para uma sofisticação de ritmos, em melodias e harmonia. Trabalhando com uma extensão africana maior, Gerônimo pesquisou as músicas do Caribe tanto quanto do Candomblé e pratica uma fusão de linguagem que enriquece sobremaneira nossa música. Depois, ele foi arauto dos mais legi-

timos sentimentos negros que buscavam expressão. Num momento em que a carga do preconceito marcava essa palavra, ele bradou aos ares, “eu sou negão/meu coração é a liberdade”, e assumiu a sua negritude cultural, negritude que nem todos baianos assumem, apesar de tê-la. Os arranjos da música de Gerônimo são primorosos. Seu suingue inimitável. Às vezes, num deserto de barulho, sua música é um oásis de som, som maneiro e suingado que convida o povo a dançar, a bailar, com todo o denego baiano. Vinícius de Moraes dizia-se o branco mais negro do Brasil. Gerônimo é o branco mais negro do mundo.

Como muito negra e visceral é a nova música da Bahia. Por isso, universal.

As pessoas têm a memória curta. Principalmente aqueles tirados a elitistas, os esnobes de província, os estetas de barzinhos, os filósofos do sarapatel com caviar. Estes estão dispostos a torcer o nariz para as autênticas manifestações da cultura popular em troca do apoio ao primeiro modismo buzinado em seus ouvidos por alguém que ouviu o galo cantar mas não sabe onde e confunde Bombril com Sorbone e Placafor com Oxford. Quando um movimento maldito vira moda, eles pulam de imediato para o outro lado. No fundo, são novos ricos da cultura, empenhados por uma visão de mundo alienada, porque vem de fora e serve aos interesses do colonialismo cultural. Querem ser europeus ou, à falta disso, americanos,

o que é uma melhora sobre brasileiros. Ou baianos, se comparados aos sofisticadíssimos cariocas ou seríssimos paulistas. O colonialismo cultural interno tem requintes de perversidade como teria um a guerra civil. Afinal, somo todos passageiros de um barco a caminho do quarto mundo.

Vejam então: quando surgiu a Bossa Nova, houve uma reação negativa geral, inclusive submetendo João Gilberto e seu modo de cantar nasalado e minimalista a total ridículo. O próprio Chico Anísio satirizou a interpretação do genial baiano, cantando caricaturalmente como ele em seu programa. A esquerda caiu de pau acusando a Bossa Nova de alienada. Carlinhos Lyra, autor daquela famosa música satírica subdesenvolvida que tomou conta do Brasil, na época um compositor engajado, denunciou a influência do Jazz: pobre samba meu/foi se misturando, se modernizando e se perdeu. José Ramos Tinhorão, conceituado crítico musical marxista, execrou a Bossa Nova. E o povo, acostumado com as vozes redondas e operísticas de Néelson Gonçalves, Orlando Silva e outras mais, voltou as costas à Bossa Nova. Foi preciso exercer-se muita massificação para a Bossa Nova pegar. Mesmo assim, nunca se popularizou totalmente e deu margem à incursão da Jovem Guarda como música, na época acusada de ter baixa qualidade, de ser vazia de conteúdo e de ser comercialesca.

Naquela época, tínhamos de um lado a Bossa Nova, crescendo nos programas da TV Record (O

Fino da Bossa). Surgia Elis Regina. Afirmavam-se as músicas sofisticadas, quando herméticas, nos festivais. Grassava a crescente complicação melódica, harmônica e rítmica – compassos múltiplos e complexos – uma música de Alcyvando Luz e do saudoso Jairo Simões, “Chapeuzinho Vermelho” (que ganhou o Festival do Nordeste na Bahia em 1969) é um 6/8 que vira 5/4 e depois volta a 6/8. a música popular aproxima-se da erudita numa escalada em que surge Milton Nascimento com os acordes complexos da balada moderna, e tem como epítome Edberto Gismonti, numa música altamente complicada, porque deixava de ser popular e não chegava a ser erudita. Toda essa parafernália de música popular envergonhada de sê-lo e aspirando a erudição, na verdade, nunca emplacou. Nunca vendeu disco. Fosse hoje, nem chegaria a gravar, como seus corifeus aqui e agora. Cadê os discos de Carlinhos Lyra? De Sérgio Ricardo? Do Zimbo Trio? De Alaíde Costa? Só papai Jobim, mestre, resiste, mesmo jogando pedras na Mangueira.

Do outro lado, tínhamos a música de morro, marginalizada nas conspirações de Ipanema, mas que, de repente, ressurgiu com extraordinário vigor na voz de Martinho da Vila – passei no Vestibular/mas a faculdade é particular. Imediatamente a crítica elitista caiu de pau. Música primitiva, besta, vulgar, comercial. Valia a pena colecionar as pichações que meu amigo Marinho sofreu quando surgiu. Mais tarde, curvando-se ao absoluto sucesso desta músi-

ca afro-carioca de raiz, inúmeros dos pichadores da primeira hora transformaram-se em apologistas do cantor negro, e não à toa. Desde aquela época, sem parar, que Martinho é o maior vendedor de disco brasileiro da RCA, tapando a boca dos fariseus.

Ainda de outro lado, no baba Rio x SP, a Jovem Guarda se afirmava e Roberto Carlos tornava-se o maior vendedor de discos do Brasil. E agora? Lá vem a pichação, desta vez coonestada pela esquerda. Alienado, vulgar, sem conteúdo, repetitivo. E o homem vendendo disco. Aí Bethânia grava Jesus Cristo. E aí Caetano elogia lá de Londres pelas páginas do defunto *Pasquim*. De repente, a esquerda abra os braços pra Roberto Carlos: o *Pasquim* faz uma reportagem imensa com ele. Caetano dá uma música pra ele: "Dois e dois são cinco". E Roberto Carlos, que tinha sido a maldição dos esnobes fariseus de esquina, passa a entrar na moda e intelectuais da mais alta estirpe apressam-se a comprar seus discos.

O Tropicalismo? A mesma coisa. Pichado por Tinhorão como alienado. Acusado de trocar a música pelo barulho infernal das guitarras elétricas. Bandido dos festivais, Caetano não pode participar da Bienal do Samba por causa da guitarra elétrica e essa proibição individual estendeu-se a todos no último festival da Record, do qual fui finalista. Neste festival, foi proibido o uso de qualquer instrumento elétrico, justamente para barrar o Tropicalismo. O júri de Flávio Cavalcanti execrava o Tropicalismo como música barulhenta, de baixa qualidade, apelativa e

comercialesca. Flávio, fascistamente, quebrava discos no ar no programa “Um Instante Maestro”. Quebrou *Araçá Azul*, de Caetano, como empulhação. Só Nelsinho Mota defendia o Tropicalismo no júri.

E a nova música Baiana? Que se pronunciem os fariseus. O sucesso incomoda.

Nossos

Colonizadores

Africanos

3

154

Nem a Bossa Nova nem o Tropicalismo foram populares. Muito pelo contrário. Provocaram reações negativas do público em geral que, na época, consumia muito mais a Jovem Guarda e música romântica, área de onde iriam surgir fenômenos como Altamar Dutra, os Aguinaldo Rayol e Timóteo, e até o incrível Néelson Ned, mais tarde. O Tropicalismo mesmo surge depois, cunhado a partir da música Tropicália. O grupo, a princípio, chamava seu movimento de Som Universal, rótulo com que procurava se identificar a abrangência do movimento que não adotaria um regionalismo ou corrente musical qualquer, mas todos os regionalismos e correntes, universalizando-se. Nesse ponto, o Tropicalismo distingue-se da síndrome intimista da Bossa Nova que consagrou o sorriso e a flor para um público de apartamentos em Ipanema. Se o Tropicalismo não se fez popular, sua proposta era de alcance universal, ou seja, atingir tanto a elite quanto a plebe, tanto o vulgar como o erudito. Em artigo extremamente lúcido na revista *Ângulos* (que devia ser publicado em órgão de maior alcance) Caetano arremete contra o que chama “o

cercos do bom gosto” na MPB. Bom gosto aqui fica entendido como o gosto bem comportado das elites e da classe média metida a besta.

Caetano não ficou na teoria. Grava a terrível “Coração Materno”, de Vicente Celestino, clássico do dramalhão musical acoimado de mau gosto. O Tropicalismo veio para abranger tudo, todos os estilos. Com o tempo, um por um dos seus corifeus atingiu a popularidade. Hoje, mestres, todos eles consagrados, contudo não são campeões de vendagem de discos. Mistério.

É justamente o cerco do bom gosto bem comportado, de que fala Caetano; do bom gosto oficial que se expressa, entre outras coisas, no padrão Globo de qualidade; do bom gosto de *releases* transcritos; do bom gosto metido a besta que discrimina a chamada música de Axé, atual, a nova música baiana. Essa música chegou com muita força, impondo-se de baixo para cima: impondo-se justamente pelo gosto popular, que é o dever primeiro da música popular. Não veio de cima para baixo, como a Bossa Nova, produzida por músicos e poetas sofisticados de Ipanema, ou como o Tropicalismo, produzido pela fina flor de poetas, intelectuais e músicos da Bahia, muito mais sofisticados que os de Ipanema (não esquecer que o verdadeiro gênio da Bossa Nova é baiano, João Gilberto, assim como seu maior gênio precursor, Caymmi, que é também precursor da música Axé). É exatamente essa força popular, essa força da raiz, e mais particularmente da raiz

negra que afirmou a música de Axé, rótulo ambivalente que ora consagra, ora estigmatiza, a partir do cerco do bom gosto (que em tão boa hora Caetano identificou), porque os preconceitos eruditizantes de um lado e de um novorriquismo do outro e de certos jornalistas discriminam o que não seja pasteurizado, maquiado, embonecado e embrulhado para presente, quer seja no brilhoso papel celofane da classe média, quer seja no gongoricamente esno-be invólucro da intelectualidade tupiniquim, quer seja na erudição dos *releases*.

Daí as cobranças. Primeiro de uma letra, que seja poética – e poética naquele sentido cafona de um lirismo piegas: nos seus piores momentos, a Bossa Nova encheu o saco com barquinhos, florzinhas, amorzinhos e sorrizinhos, tudo suspirado com caricaturas *joão gilbertianas* (todo mundo começou imitando João, inclusive Gil, Caetano e Gal. Chico até hoje, e mal). A galera adorava. A galera adora flores, sorrisos, suspiros e amores, mesmo que em mau português. Acha que a poesia é isso. Qualquer menininha debilóide que juntou amor com flor vira poeta na mesma hora e logo, logo publica nas Edições Quaisquerer. E fala mal da música de Axé. Que nos seus melhores momentos traz uma poesia forte, humana, sedutora.

Outra cobrança é a de uma letra que diga algo, que tenha mensagem, uma letra filosófica até – esquecem-se de que, nos seus piores momentos, o Tropicalismo e seus subprodutos, como Arrigo Barnabé

e certo roquenrou, também encheram o saco com um porralouquismo hermético que ninguém entendeu, ninguém ouviu, ninguém comprou. Tudo aquilo é acusado de primitivismo na música de axé é verdadeiramente primitivo, no sentido de atávico, ancestral, telúrico, radical, visceral. A música nova da Bahia, mesmo a mais ingênua em sua letra, fala profundamente ao inconsciente coletivo do brasileiro em sua complexidade rítmica e frequentemente melódica, quando não harmônica. Alguns dos corifeus da nova música baiana, como Gerônimo, Luís Caldas, Carlos Pita, para citar apenas três, são músicos sofisticados, preocupam-se com a qualidade das melodias, das harmonias, dos arranjos. Conseguiram enroupar ritmos contagiantes (estes e os demais da música de axé) em melodias envolventes e simples, fáceis, portanto, o que é mais difícil; o que permite também que todos cantem numa verdadeira música popular. As melodias e caminhos harmônicos da Bossa Nova, do Tropicalismo (não todo) e de outros compositores contemporâneos (Milton Nascimento, Egberto Gismonti) são extremamente tortuosos e complicados, produzindo músicas artificiosas que às vezes ninguém consegue cantar. A nova música baiana todo mundo canta. Será ruim por isso? Ou mais uma vez estamos a braços com preconceitos elitistas e farisaicos?

Na Bahia, quem não sabe nadar é professor de natação; cego ensina artes visuais; surdo dá aula de música. A maioria dos que sabem, não escreve. A maioria dos que escrevem, não sabe. Dâmaso Alonso classifica os leitores em três categorias: 1) O leitor comum. 2) O leitor armado. 3) O leitor crítico. A maioria dos que se arvoram a críticos musicais na Bahia não passa de um leitor comum. Gosta de ouvir música e confia no seu gosto. Outros, são apenas leitores armados. Têm o hábito sistemático de ouvir música; leram alguma coisa, mas não chegam ao conhecimento técnico do crítico. E, o que é pior, formam seu gosto a partir da leitura de *releases* exarados em gravadoras.

Desta forma, em vez da imprensa tornar-se um adequado veículo de formação de opinião, esta já vem formada pelas gravadoras, na medida em que aquelas que deviam ter senso crítico deixam-se emprenhar pelos *releases* das gravadoras e, pior ainda, limitam-se a transcrevê-los na íntegra, num mero trabalho de publicidade. Frequentemente, na imprensa escrita, falada e televisiva acontece o aviltante fenômeno do jabaculê ou jabá, suborno com que se corrompe a promoção e divulgação de uma música e se forja o sucesso falsamente. No auge do jabá desenfreado, quando eu morava no Rio, houve uma gravadora que chegou a dar um apartamento a um jornalista de prestigiado órgão da imprensa. Carro, geladeira, som e outros bichos eram frequen-

Nossos

Colonizadores

Africanos

tes. Chegou a tal ponto que, sem jabá, uma música não tocava. Aí uma gritaria geral ajudou a diminuir, mas não extinguiu o jabaculê. Isso divide os críticos, programadores e divulgadores em jabazeiros ou inocentes úteis.

Sim, porque a força do disco continua nas multinacionais do sul que tudo fazem para impor aquilo que mais lhes interessa divulgar.

Afora o extraordinário trabalho de Wesley Rangel, que tanto tem impulsionado a nossa música com seu estúdio de alta qualidade e seu bom gosto a toda prova, somente a Continental, no sul, dá uma força aos artistas regionais. As demais gravadoras limitam-se a reconhecer os talentos locais, mas quando eles estão consagrados e são boas perspectivas econômicas. Mesmo assim, não investem neles a metade do que estão acostumados a investir nos seus sucessos fabricados. Até boicotam, gravando mal.

A indústria do disco fatura alto com as fitas importadas. Ora, uma gravadora recebe uma fita de um sucesso da *hit parade* americana a preço de banana e já com amplas possibilidades de sucesso aqui, porque foi testado lá e somos um quintal cultural. Lança essa música e distribui um generoso jabá. Alguns “críticos” recebem jabazinhos de discos e de convites para boca livre ou shows, apenas. A música emplaca o maior sucesso. Isso está acontecendo a toda hora. A contrapartida é um cantor brasileiro de talento com música de primeira. Ora, nesse caso, a gravadora vai arriscar tudo. Pagar estúdio, músico,

arranjador, maestro, uma grande inversão de capital. Se vende 30.000 discos, é prejuízo, mesmo que dê uma pequena margem de lucro, principalmente porque, investindo muito menos, com a fita importada, a gravadora vende 70, 80 mil cópias.

Percebe-se então que o atual acerto da música baiana não interessa às gravadoras do sul. Muito pelo contrário. Nossa música é tão forte que desloca os produtos pasteurizados do sul das rádios e das mãos do consumidor. Essa coisa tão salutar culturalmente de estarmos ouvindo nossa música, dançando ao som de nossa música nas boates e festas, consumindo nossas músicas, não interessa às gravadoras do sul. Elas procuram boicotar a música de axé de toda forma: aumentando o jabá para suas músicas, pressionando as lojas, cerceando o caminho dos talentos regionais, e, mais insidiosamente, instalando nas mentes dos despreparados “críticos” locais toda uma ideologia estética que oculta, na verdade, a defesa dos seus interesses, e faz de certos jornalistas, às vezes bem intencionados, serviçais de interesses econômicos contrários à nossa cultura, à nossa estruturação como produtores de arte, mercado de trabalho e de consumo de arte.

Às vezes acho espantoso como a música de axé foi capaz de se impor, como a nova música baiana arraigou-se com tanta profundidade.

Uma série de fatores, diriam. Mas, acima de tudo, credite-se o sucesso da nova música baiana à sua força intrínseca, à sua intrínseca qualidade.

Ela impôs-se na Bahia como nossas praias, sempre cheias de gente; como nossa comida, acarajé, abará, vatapá; como nosso sol que, segundo Carybé, passa o Inverno na Bahia; como nosso céu, quase sempre azul. A nova música baiana impôs-se porque ela é visceral; ela é orgânica em nós; ela somos nós; ela é a Bahia. E as multinacionais e os críticos babacas ou subornados não poderão prevalecer, mesmo porque estarão brigando consigo mesmos até descobrir que a Bossa Nova passou, o Tropicalismo passou e temos um novo estilo de época na praça. Os cinquenta e sete do Tropicalismo e os setenta e sete da Bossa podem posar de mestres. A nova música baiana pede passagem, com sua pujança e sofisticação, com seu suingue inimitável em que se incorporam (isso não percebem os críticos menores) os avanços da Bossa Nova, do Tropicalismo, e dá um passo à frente no evoluir de uma música autenticamente brasileira. Por isso universal.

5

Quem assistiu ao nostálgico, tão apropriadamente batizado “Chega de Saudade”, com sucessos tão inéditos quanto a canção-título, *Desafinado*, *Lobo Bobo*, *O Pato*, et cetera, saiu de lá com plena noção de que a Bossa Nova estagnou. Nada de novo de lá pra cá. Só saudade. E chega, né? Mas isso não é de agora. Em 1967, numa reunião em minha casa, Vinícius de Moraes já falava em voltar aos bons tempos, em acabar com o que está aí para re-instaurar o tique-tique

da bateria e o amor, o sorriso e flor. Mas ele mesmo daria volta por cima na sua parceria com Toquinho, retomando o caminho do sambão e então popularizando-se, realmente. Músicas como *Tarde em Itapuã*, e o axesíssimo *Tonga da Mironga do Cabuletê*, com as demais canções em cima dos ijexás e da música dos orixás (a que teve acesso maior por seu casamento com Gesse), músicas como essas deram a Vinícius muito mais notoriedade do que suas canções sofisticadas dos anos 60. Face a uma Bossa Nova esgotada em sua linguagem e em seu apelo, o poeta mudou de estilo, evoluiu, sobreviveu. A *Tonga* data de 70, 3 anos depois que ele esteve na Bahia para ser júri do Festival do Jovem Compositor, juntamente com Gil e Caetano, então em rota de consagração com os hinos *Alegria*, *Alegria* e *Domingo no Parque* tomando conta do Brasil. Rei morto, rei posto.

Somente Jobim e João Gilberto haveriam de se reciclar. Para não falar de Sérgio Mendes, com seu Brasil 66, jazzificando ainda mais a Bossa e até um clássico da música de protesto, *Roda*, de Gil e João Augusto. Os sofisticados e esnobes bossanovistas sempre recusaram a Sérgio Mendes uma vaga na Bossa Nova. Ela era escorraçado da patotinha e às vezes nem deixavam que ele desse uma canja. Quando Edu Lobo enriqueceu (comprou casa com piscina em Los Angeles e um Camaro do ano) só com os direitos de *Pra Dizer Adeus* e *Upa Neguinho*, a coisa mudou. Todo mundo da Bossa passou a elogiar o “americano” Sérgio e este cresceu em prestígio. Mas

nunca seria aceito no Olímpo da Bossa. Uma de suas viagens ao Brasil em busca de novos ares redundou num tapa que Sérgio deu em Vinícius, ao ser esnobado, que revoltou todo mundo na área. Mas o que revoltava todo mundo mesmo era a sofisticada atualização de linguagem de Sérgio Mendes, com arranjos altamente suingados que retiravam da Bossa seus traços meramente intimistas e a tornavam palatável a todos. O disco *Look Around* vendeu milhões de cópias nos Estados Unidos e popularizou nossa música por lá mais que dez jobins, onze vinícius e quinze joões donatos com mais Carlinhos Lyra de quebra. Graças a esse passo à frente, Sérgio Mendes sobreviveu num mercado tremendamente competitivo.

Os outros todos compositores da Bossa nunca mais compuseram. Alguns não passaram de uma música ou duas. Carlinhos Lyra, antes um compositor prolífico, parou por volta de 69, se não me engano, com uma música na novela *O Cafona* – parceria com Vinícius – a mesma em que estreei em trilha sonora com *Lúcia Esparadrapo*. Em 1978, quando fui ao Rio fazer doutorado, após ver o famoso show de Carlinhos, que não muda tem 20 anos (mas agrada), verdadeiro museu pessoal, ele me propôs uma parceria, dizendo-me: “vamos trabalhar, você está com uma linguagem tão atual”. Fui à casa dele e lhe pedi um tema para lettrar. Ele não tinha. Raramente faço música sem melodia. Vendo que eu insistia num tema, ele consultou um caderninho todo cifrado e desencavou uma melodia que tinha feito no

tempo que estava no México, como segunda alternativa para *Eu Preciso Aprender a Ser Só*, pois Mazarão não gostava da melodia original. Me deu. Quem disse que eu acertava a botar letra. Só me vinha à cabeça a letra original. Fiquei das 5 as 8 e nada. Levei pra casa. Chegando lá, encontrei Vevé Calazans com uma melodia sem letra, um samba pra disputar vaga no disco de Alcione. Em quinze minutos fiz a letra. Entrou no disco. E fez sucesso. *Mau Negócio*, um samba sincopado, além da Bossa.

Essa exaustão é natural. Um estilo de época nunca transcende sua época. Quando volta, é sempre reciclado. Toquinho e Vinícius e as músicas mais recentes de Jobim são provas disso. Os que não se reciclam ficam na saudade. E chega de saudade.

Já a nova música baiana, para além do Tropicalismo e da Bossa, incorporou todas as conquistas do caminho evolutivo da MPB. Quando falo assim, falo melhor da música de Axé, algumas obras-primas que só poucos têm a condição de reconhecer, pela sua complexidade técnica e sofisticação, que passam despercebidas aos leigos, principalmente aos críticos leigos de jornal. Não se pode criticar um movimento pelos seus aspectos mais banais e comerciais. Roberto Mendes, por exemplo, que faz música de Axé e canta música de Axé em seu show e disco *Matriz*, dá banho de sofisticação ao cantar com polirritmia que deixa Paul Simon no chinelo. Os corifeus da música de Axé nada devem aos corifeus da Bossa ou do Tropicalismo, mas, para os

axesistas de terceira, tem aí de lambuja muito bos-sanovista só de tique-tique, o tropicalista de vuque-vuque, vez que o Tropicalismo já desce a ladeira com os Novos Baianos e de lá pra cá só fez descer. Gil e Caetano não. Como Jobim, Vinícius e João Gilberto, eles mudam, eles se reciclam; eles evoluem. Quem pára esfria, quem esfria morre.

6

Aos que cobram uma mensagem da música popular da Bahia, pode-se dizer, em seu conjunto, ela significa um fortalecimento, um fortalecimento de nossa identidade enquanto reafirma os valores da negritude, nunca pouco enfatizado face os interesses espúrios (daqui e de fora) e o preconceito. Reafirma também a alegria, o erotismo, a vida, face a um mundo a caminhar para o tédio, a melancolia. E, em suas múltiplas sonoridades significativas, muito de nossas coisas mais interiores que não acham expressão correta no discurso verbal, nos termos convencionais. Um brado, muitas vezes, um gemido, frequentemente diz mais e fala fundo do que inúmeras palavras, vez que é uma fotografia instantânea de nossa alma. São todas linguagens que convivem na atual música da Bahia, a música de Axé, de Daniela Mercury, de Luís Caldas e Roberto Mendes, passando por Gerônimo, Chiclete, Banda Mel, esta tem na praça um excelente disco com uma fantástica capa internacional Sante Scaldaferrri, a ratificar com sua arte maior o nível de nossa música.

Essa pluralidade que é a única coisa numa música de Axé (isso não enxergam os críticos menores), essa diversidade é bem a herança do Tropicalismo, que a assumiu, mas não a levou a suas últimas conseqüências. Afinal, ninguém pode abarcar a verdade aquém ou além de 360°. A Bossa Nova, em verdade nada diz. Seu *statement*, a pedra de toque de seu discurso foi o amor, o sorriso e a flor, às vezes com requintes de pieguice que uma *griffe* como Vinícius de Moraes não pode disfarçar, quer em *Chega de Saudade*, rimando melosamente peixinho com beijinho, quer em *Serenata do Adeus*, rasgando coração, cravando garras no peito e esvaindo em sangue o amor (argh!). E não são só essas as cafonices da Bossa Nova. Contudo, chegaram-nos sacralizadas pelo charme de Ipanema e pela autoridade poética de Vinícius. Duvidar, quem há de?

A verdade é que a Bossa Nova estava muito mais preocupada em obter efeitos sonoros, trabalhar sonoridades do que dizer alguma coisa. Peixinho e beijinho são babaquices mas encaixam perfeitamente na melodia, têm som, soam bem, tanto quanto um ê ô, ê ô, da música baiana, ou as palavras pouco significativas mas sonoras de Faraó, qualquer pessoa de bom ouvido percebe como é sonoro e suingado dizer mara-mara-mara-maravilha-ê, Egitú, Egitú-ê. A música que melhor simboliza toda a Bossa Nova é O Sapo, de João Donato, que levou a vida toda com uma letra altamente filosófica assim: nazainguê, guereguindin, guindim. Quando Caetano bo-

tou letra nessa preciosidade, João Donato esnobou dizendo: botou letra foi? Nem precisava. Claro que não. Tudo que João Donato e Bossa Nova queriam eram sonoridades novas, novas harmonias, melodias acidentadas, com surpresas dissonâncias. A letra? Nos seus melhores momentos, a Bossa Nova procurava dizer a letra. Mas poucos, como João Gilberto, preocupavam-se em entrosar letra e música para, expressionisticamente, acentuar o sentido com o som. No mais, a Bossa Nova veio substituir o preciosismo operístico, europeu, de Sílvio Caldas e Orlando Silva, pelo preciosismo jazzístico, americano de Chet Baker e outros.

Já o Tropicalismo, não. O Tropicalismo dá um passo avante no fechamento do círculo da Diáspora. Se, na Bossa, o afro-brasileiro, digamos samba, fundiu-se com o afro-americano, digamos jazz, o Tropicalismo abarcou a vertente pop. Entram na vitamina de frutas, então, os Beatles, Bob Dylan, Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Joan Baez, e toda a fauna e flora Woodstockiana, aliás meio coletânea do Tropicalismo que ainda funde uma vertente da MPB, a música de protesto que vinha dando ao preciosismo formal da Bossa Nova um sentido social, como vinha Gilberto Gil, com três clássicos de protesto, *Louvação*, com Torquato Neto, *Viramundo*, com Capinam, e *Roda*, com João Augusto Azevedo. Neste último, podemos notar o virtuosismo jazzístico-brasileiro de Gil, o que ressaí muito mais na deliciosa gravação de Sérgio Mendes do disco *Look Around no Brasil*

66, onde a panfletária Roda torna-se um exercício de preciosismo vocal num arranjo radicalmente bossanovístico, jazzificado.

Música popular é música negra. Só aconteceu em lugares onde houve a Diáspora – Brasil, Estados Unidos, Caribe, majoritariamente na América. A Bossa Nova promoveu o encontro de uma fração de afro-brasileiro com outra do afro-americano – samba + jazz. O Tropicalismo completa com a vertente pop, incluindo o baião, o coco, de cá, e o rock, o twist, o yêyê de lá. Do afro-baiano propriamente dito só o *Bate Macumba*, de Gil, aflorando a área, apenas buscando sonoridades. A atual música baiana fecha o círculo da Diáspora pegando todas as Áfricas aqui na Bahia e incorporando um Caribe antropofagizado. Para isso, a música de Axé grimpou-se na pirâmide da MPB, antes construída pela fase pré-Bossa, da Bossa e do Tropicalismo. Essa síntese de todas as linguagens que o Tropicalismo pretendeu está aí na música de Axé. Ressalva-se que o Tropicalismo chegou bem perto, a Geração 60 é uma geração muito forte, na música, no cinema, na literatura, teatro, artes plásticas, em tudo. Vai demorar de ser superada. Mas a música de Axé completa o Tropicalismo, que completara a Bossa Nova, que completara o período ingênuo da MPB. A música de Axé ainda completa resgatando o ingênuo que os diluidores do Tropicalismo subverteram.

Aos que comparam o novo som da Bahia, a música de Axé, com outras manifestações musicais ditas sofisticadas, cabe lembrar a declaração da revista *Down Beat* sobre a Bossa Nova, de que esta tinha sido a maior influência sobre o jazz nos últimos 40 anos, porque tinha trazido ao cerebralismo excessivo do jazz recente (basta citar as acrobacias virtuosistas de Jonh Coltrane) um hausto de frescor, um toque de ingenuidade, de pureza. Com isso, essa credenciada revista quer dizer que a Bossa traz sangue novo, sangue forte, axé, a um jazz que se diluía em filigranas.

Pudera. Uma das revitalizações que a Bossa trouxe em seu bojo foi o ritmo. Do suingue. Numa interação da batida binária do jazz com a batida de samba sincopada da Bossa. E isso é, sem dúvida, numa forte contribuição baiana, do samba baiano, como substrato desta alteração rítmica que João Gilberto foi buscar em boa hora – dizem alguns – lá mesmo em Juazeiro, com um velho sambista. Todo mergulho nas raízes resulta radical, perdoem a redundância. Uma das que o livro *Chega de Saudade*, de Ruy Castro, enfatiza, além de mitificar o alcoolismo de Vinícius e de Baden (teriam bebido 20 caixas de uísque em três meses de retiro compositoral) é a maciça presença da Bahia na Bossa, quer através do instaurador João Gilberto, quer temática e suinadamente nos afro-sambas da dupla feliz. Do alto de sua majestade sulina, Ruy não perde tempo de

chamar o berimbau de “o instrumento mais chato do mundo”, esquecendo que mais chato ainda é o acordeon, mas uma coisa é este na mão de aluni-nhos oligofrênicos, outra é na mão de Sivuca (ou João Donato, por que não?). Chato é o pato.

Se não procedem as campanhas contra o novo som da Bahia com base elitista e maniqueísta, colo-nizada e alienada, por outro lado convém que se separe o joio do trigo; convém que se chame a atenção para os desmandos sonoros (com origem principal na linguagem de trio) que arriscam a transformar a música de Axé num movimento de muito barulho e pouco som. O barulho é nocivo, maltrata os ouvidos, afoga o som. As pessoas em Salvador, ensurdecidas por milhões de megawatts, perderam a consciência da sutileza; amorteceram a sensibilidade; desedu-caram os ouvidos para a percepção do contraste, do lance melodioso, do lado pequeno que há em toda arte, da variedade, do matiz, da nuance, da curva. A música de Axé, nos piores momentos, assume uma linearidade insuportável, calcada numa estrutura repetitiva e monocórdia. Surge o Olodum com uma batida. Daí a pouco, em cada canto da cidade, mul-tuplicam-se os oloduns e olodunzinhos batendo fu-riosamente em tudo que acham, desde tambores a latas e penicos.

Pelo amor de Deus. Não pretendo inibir a criati-vidade de ninguém. É até salutar que se multipliquem os conjuntos amadores de percussão. Amacia a luta de classes, pois ao invés de empunhar um tresoitão, o

garoto negro pega no aguidavi, na baqueta. Reclamo da proliferação profissional indiscriminada de bandas afro, todas tocando igual; todas insuportavelmente monocordizando o que antes era polirrítmico e plural. Como o samba-reggae e o próprio reggae, que já encheram além das medidas. Uma característica básica é sua capacidade de auto-superação. Vejam o reggae (já agonizando) e vai virar muita coisa nesse cadinho de todas as Áfricas que é a Bahia.

E também é preciso dar um tom nessa coisa de música afro: usa-se um referente cultural, aponta-se para uma cultura que hoje é muito mais nossa em qualidade e complexidade embutida num invólucro musical, ainda mais quando esse invólucro é o fruto legítimo da Diáspora. Mas daí a absorver ou condenar uma música porque é negra ou feita por negros é tão ridículo quanto fazer-se o mesmo com violinista japonês ao tocar Mozart. Será Mozart música austríaca? Pra mim é universal. Como universal será a música de Axé se se despir de seus modismos, restrições, mesmices e repetitividade; se deixar de vicejar no comercialismo barato e começar a insistir na qualidade dentro da qualidade. Sim, porque a ideologia da qualidade sobre a quantidade é aristocratizante e gera o preciosismo. A ideologia da quantidade sobre a qualidade é aburguesante e gera o primado do comércio, numa falsa democratização da cultura. Fechamos com a qualidade com quantidade. Um ponto acima da média já é uma vitória. E nos seus melhores representantes, que já citei mais

*Nossos
Colonizadores
Africanos*

uma vez, a música de Axé marca um, não, vários pontos acima da média. Cabe aos que fazem música de axé, cabe aos que a escutam não nivelar por baixo. Cobrar a qualidade de si próprios e dos demais. Afinal, cada um só dá o que tem, só sente o que tem, só projeta o que tem. Quem tem flores, vê flores e dá flores. Quem tem coice, dá coice. A música Axé somos nós. É a Bahia. É parar de dar coice em si mesmos (esses que dão).

C O L O F Ã O

FORMATO	<i>13x20 cm</i>
TIPOGRAFIA	<i>DTL Documenta</i>
PAPEL	<i>Alcalino 75 g / m² (miolo)</i>
IMPRESSÃO	<i>Setor de Reprografia da EDUFBA</i>
CAPA E ACABAMENTO	<i>ESB</i>
TIRAGEM	<i>400 exemplares</i>